

Sara da Natividade Ferreira



**Lado a Lado: Programa de Intervenção em Maus-Tratos
contra Animais Como Forma de Prevenção de Violência
Interpessoal**

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade Ciências Humanas e Sociais
Porto, 2018

Sara da Natividade Ferreira



**Lado a Lado: Programa de Intervenção em Maus-Tratos
contra Animais Como Forma de Prevenção de Violência
Interpessoal**

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade Ciências Humanas e Sociais
Porto, 2018

Sara da Natividade Ferreira

33781@ufp.edu.pt

**Lado a Lado: Programa de Intervenção em Maus-Tratos
contra Animais Como Forma de Prevenção de Violência
Interpessoal**

(Sara da Natividade Ferreira)

Projeto de Graduação apresentado à
Universidade Fernando Pessoa como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Licenciada
em Criminologia, sob orientação científica da
Professora Doutora Glória Jólluskin

Putchi, Abby e Malala:

Obrigada:

Por todas as mordidas e lambidelas,
Pelos chinelos aniquilados,
Pelos lanches roubados à mínima distração,
Pelas lágrimas que caem no vosso pelo,
Por todos os segredos partilhados e sorrisos arrancados,
Pelos narizes e pés atacados,
Por me soprarem nas orelhas,
Por todos os pelos que ficam na roupa,
Por ouvirem tudo o que tenho a dizer,
Pelos acordares antes do despertador,
Pelas barricadas a comer bolachas em noites de trovoada,
Por tudo e por nada.

Desculpem:

Por vos morder as orelhas,
Por vos soprar no nariz,
Por comer às escondidas para não vos dar a última dentada,
Por não ir a casa todos os fins de semana,
Por não vos levar sempre uma rica à sexta-feira,
Por às vezes não poder brincar,
Por vos ganhar sempre que andamos à porrada,
Por não convencer a mamã a dar-vos mais vezes da comida dos humanos,
Pelas minhas cantorias e musicais improvisados,
Por todas as vezes que encontro um cão ou gato na rua e chego a casa a cheirar a traição,
Por não vos deixar andar sem trela e vos chamar nomes estranhos a toda a hora,
Por vos enganar com palavras como “papinha” ou “rua” só para conseguir fazer a cama,
Por tudo e por nada.

Agradecimentos

Um enorme obrigada à Professora Glória, não só pela ajuda e trabalho em equipa durante a realização deste projeto, mas também por tudo o que me ensinou ao longo do 3º ano da licenciatura. Tenho imensa pena de não a ter conhecido mais cedo. Obrigada por tudo aquilo que me ensinou direta e indiretamente. Irá sempre no coração para todo o lado. Obrigada por acreditar em mim. Teve uma influência tão grande na minha vida.

Obrigada Mami e Papi por sempre estarem do meu lado, me motivarem, darem força e acreditarem nos meus sonhos. Obrigada Mamã por passares a vida a dizer para eu descansar e que já chega de trabalhar por aquele dia, mas se seguisse o teu conselho ainda não tinha acabado o projeto :-). Obrigada por te rires das minhas parvoíces e por passares 99,9999999% do tempo a ralar comigo e a repetir as mesmas coisas só para te certificares que eu não me esqueço de fechar as gavetas todas (acabo por nunca o fazer na mesma, eu sei). Obrigada por me mandares uma mensagem de manhã, todos os dias, a dizer como é que o tempo vai estar em Viana :-). Obrigada Papi, não ralhas nem chateias como a Mami (e ainda bem!) mas mesmo estando longe, sabemos que sem ti nada seria possível.

Obrigada Pê por seres o meu melhor amigo e por aturares a minha inconformidade em relação a quase tudo. Obrigada por me teres ajudado a formatar o projeto. Obrigada por me fazeres rir. Obrigada por me fazeres sumo de laranja. Obrigada por cantares comigo. Obrigada por lavares a louça quando estou “doentinha” (doentinha = maior surto de preguiça da história da humanidade). Obrigada por teres crescido comigo nos últimos 5 anos.

Obrigada Avô e Paula por me ligarem todas as quartas-feiras à mesma hora só para me dizerem um “Olá”. Faltava alguma coisa no meu dia quando se esqueciam. Obrigada por fazerem tantas perguntas. Não chatearam nunca, é bom saber que se preocupam comigo.

E obrigada Putchi, Abby e Malala, onde é que eu estaria hoje se não fossem vocês?

Resumo

Toda a forma de comportamento violento é rejeitada nos dias de hoje, contudo, a violência é considerada algo menor ou até sem gravidade quando as vítimas são os animais. E, uma vez que a crueldade para com animais pode ser um preditor de violência interpessoal, o presente Projeto funciona como uma espécie de chamada de atenção para a problemática dos maus-tratos aos animais em Portugal, tendo como objetivo a criação de um programa de intervenção que visa diminuir e consciencializar para a problemática em questão através do desenvolvimento de competências e habilidades sociais como a empatia, enquanto que, ao mesmo tempo, se abre a possibilidade de prevenir uma série de comportamentos antissociais. Para isso, o programa foi planificado ao nível de uma implementação em meio escolar, num contexto de prevenção primária, onde o que se pretende, em primeiro lugar, é a prevenção de qualquer comportamento de risco que possa existir. Foi, também, pensado ao nível de prevenção terciária, funcionando como uma medida judicial a ser aplicada em casos de maus-tratos aos animais em concomitância com outros comportamentos criminais violentos. Por ser um comportamento tão frequente nos dias de hoje e por todas as implicações que pode trazer, tanto para pessoas como animais, trata-se de um programa com muito para oferecer no âmbito da prevenção de comportamentos antissociais e/ou criminais.

Palavras-chave: Maus-Tratos Animais; Empatia; Comportamentos antissociais.

Abstract

Every form of violent behaviour is rejected in contemporary societies, however when the victims in cause are animals, the act is considered harmless. As animal cruelty is an interpersonal violence predictor, the following project has the intent to be a warning sign for the animal abuse in Portugal. This project aims to create an intervention program whose objective is to raise awareness and reduce the recidivism of this problematic topic, by developing the social abilities like empathy, while aiding in the prevention of antisocial behaviours. To achieve this goal the program was designed to be applied in schools, in a primary prevention context, in which the intent is to prevent any risk behaviour. It was also planned as a third level prevention tool, working as a legal measure in cases of animal abuse and other violent crimes. With the increase of this behaviour nowadays, and with the implications brought to both humans and animals, this program has a lot to offer to the prevention of criminal or antisocial behaviour.

Key-words: Animal abuse; Empathy; Antisocial behaviour.

Índice

1. Introdução	2
2. Fundamentação Teórica	5
2.1. Maus-Tratos a Animais	10
2.2. Maus-Tratos a Animais Como Preditores de Violência Interpessoal.....	12
2.3. Motivação para o Abuso de Animais	14
2.4. Fatores de Risco e Proteção do Abuso de Animais e Pessoas.....	16
3. O Programa “ <i>Lado a Lado</i> ”	21
3.1. Apresentação do Programa.....	21
3.2. O Programa “ <i>Lado a Lado</i> ” Como Prevenção em Casos de Violência.....	22
3.3. O Programa “ <i>Lado a Lado</i> ” Como Intervenção em Casos de Violência	23
3.4. O Programa “ <i>Lado a Lado</i> ” nas Escolas	26
3.4.1. Avaliação das Necessidades do Público-Alvo na Escola	26
3.4.2. Objetivos do Programa em Meio Escolar.....	28
3.4.3. Grupo de Intervenção e Equipa do Projeto	29
3.4.4. Implementação do Programa na Escola	30
3.4.5. Metodologia de Implementação	31
3.4.6. Conteúdo do Programa.....	31
3.4.7. Módulo I – Empatia.....	32
3.4.8. Módulo II – Respeito Pela Vida Humana e Animal.....	34
3.4.9. Módulo III – Controlo da Raiva e Frustração	36
3.4.10. Módulo IV – Atitudes Pro Sociais	38
3.4.11. Instrumentos, Materiais e Recursos.....	40
3.4.12. Avaliação.....	40
3.5. O Programa “ <i>Lado a Lado</i> ” em Contexto Prisional.....	43
3.5.1. Avaliação das Necessidade do Público-alvo	43
3.5.2. Objetivos do Programa em Contexto Prisional	48
3.5.3. Grupo de Intervenção e Equipa do Projeto	48
3.5.4. Implementação Do Programa	49
4. Conclusão	50
5. Bibliografia	53
6. ANEXOS.....	64
Anexo 1: Consentimento Informado Encarregados de Educação + Documento Explicativo Sobre o Programa <i>Lado a Lado</i>	65
Anexo 2: Carta/e-mail de Apresentação do Programa à Escola.....	69
Anexo 3: Consentimento Informado Crianças	72

Lado a Lado: Programa de Intervenção em Maus-Tratos contra Animais Como Forma de Prevenção de
Violência Interpessoal

Anexo 4: Guião Entrevista Avaliação dos Alunos.....	73
Anexo 5: Planificação das Sessões do Módulo I - Empatia	74
Anexo 6: Planificação das Sessões do Módulo II – Respeito pela Vida Humana e Animal... 86	
Anexo 7: Planificação das Sessões do Módulo III – Controlo da Raiva e Frustração	98
Anexo 8: Planificação das Sessões do Módulo IV – Atitudes Pro Sociais	106
Anexo 9: Questionário de Avaliação dos Alunos	112
Anexo 10: Questionário Avaliação de Cada Sessão (Alunos)	120
Anexo 11: Questionário Avaliação Geral do Programa (Alunos).....	122
Anexo 12: Questionário Avaliação do Programa (Professores).....	124

Índice de Tabelas

Tabela 1) The Big Four (Bonta & Andrews, 2007).	7
Tabela 2) Tabela Comparativa dos Fatores de Risco e Protecção Relacionados com os Maus-Tratos aos Animais.....	19
Tabela 3) Tabela Comparativa dos Fatores de Risco e Protecção Relacionados com Criminalidade no Geral	20
Tabela 4) Atividades do Módulo I - Empatia.....	34
Tabela 5) Atividades do Módulo II – Respeito pela Vida Humana e Animal	36
Tabela 6) Atividades do Módulo III – Controlo da Raiva e Frustração	38
Tabela 7) Atividades do Módulo IV – Atitudes Pro Sociais.....	39

Índice de Figuras

Figura 1) Números e tipos de crime praticados em 2016 (GNR, 2017).....	4
Figura 2) A ponta do iceberg de uma realidade esquecida (National Link Coalition, (s/d)). [Em linha]. Extraído de http://nationallinkcoalition.org/faqs/what-is-the-link	44

1. Introdução

Historicamente, a violência perpetrada contra animais não tem vindo a ser vista como uma forma de violência como as outras devido, principalmente, às vítimas da mesma, o que contribuiu para que fosse ficando fora da agenda da investigação científica. Contudo, nas últimas décadas os maus-tratos contra animais têm vindo a ser vistos como parte integrante e indicadores de outras formas de violência, podendo, então, afirmar-se que quando as pessoas estão em risco ou são vítimas de práticas violentas os animais estão, também, em risco de ser abusados; e que, se um animal for vítima de abuso, as pessoas em seu redor podem, igualmente, estar em perigo de serem vítimas de qualquer forma de violência interpessoal (Arkow, 2013). Também um estudo de 2001, realizado por Ascione do Departamento de Justiça Americano, mostra que os atos abusivos das crianças para com os animais devem ser tidos como um dos preditores de comportamentos antissociais, e que tendem a começar a partir das seis ano e meio.

Com este projeto de graduação pretende-se elaborar um programa de prevenção e intervenção na criminalidade e nos comportamentos antissociais, sendo, por isso, de extrema relevância definir o conceito de crime, sendo que este *“pode definir-se como o comportamento descrito pelo legislador como punível com uma sanção jurídica”* (Freitas & Monte, 2016, p. 110), bem como o conceito de comportamentos antissociais, que mais não são do que um padrão de comportamento verbal ou fisicamente prejudicial para outras pessoas, animais ou bens, incluindo comportamentos que violam gravemente as expectativas sociais (Azevedo, 2015).

Além do conceito de crime, outro conceito de extrema importância é o de crueldade para com animais, que, segundo Dr. Ascione (2001), um dos primeiros a estudar este tipo de problemática, não é mais do que uma forma de abuso não aceitável do ponto de vista social, sendo, ainda, um comportamento intencional que causa dor, sofrimento, stress e/ou a morte do animal.

Um conjunto impressionante de dados e estudos realizados noutros países mostra a existência de relação entre a crueldade para com animais como um preditor de comportamentos violentos, tendo esta temática vindo a ser um tópico de interesse para alguns estudiosos da área (Philips & Lockwood, 2013).

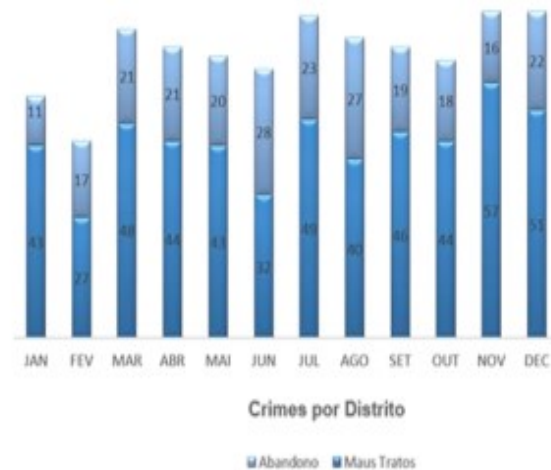
Também o FBI identifica os atos de crueldade cometidos contra animais como um dos comportamentos juvenis associado ao aumento progressivo de comportamentos violentos, sendo que esta mesma força policial faz uso das denúncias de atos violentos contra animais para chegar a potenciais suspeitos em investigações criminais (Lockwood & Church, 1996). Então, além de causar dor e sofrimento aos animais, a crueldade para com estes pode ser um indicador ou preditor de atos violentos no futuro (Colorado LINK Project, 2013). E, dado que a violência é muitas vezes um ciclo e vai passando de geração em geração, quanto mais cedo se intervir maior a probabilidade de quebrar o ciclo e maior a probabilidade de se a intervenção vir a ter sucesso (National Link Coalition, (s/d)).

Contudo, a violência contra as pessoas e a violência contra os animais não são qualitativamente diferentes, o que com isto se pretende afirmar é que o ato é o mesmo, a única diferença entre uma e outra é o objeto da agressão. Se o fenómeno é o mesmo, se ambos são crime, pode perceber-se porque é tão urgente prevenir e intervir neste caso como em todos os outros, no entanto, este é um assunto muito esquecido e posto de parte em Portugal, sendo, simultaneamente, algo muito recorrente no dia-a-dia da realidade nacional¹.

A lei portuguesa de 8/2017 de 3 de março admite que os animais são detentores de estatuto jurídico, reconhecendo a sua natureza de seres vivos dotados de sensibilidade, sendo estes, objeto de protecção jurídica em virtude da sua natureza, sendo que a definição de maltrato dada pela nossa lei é a seguinte: *“quem, sem motivo legítimo, infligir dor, sofrimento ou quaisquer outros maus-tratos físicos a um animal de companhia, sendo punido com pena de prisão até um ano ou com pena de multa até cento e vinte dias”* (Lei 8/2017 de 3 de Março).

¹ De 2015 para 2016, os crimes contra os animais de companhia foram os que mais subiram no Relatório Anual de Segurança Interna, subindo 22%, passando de 1.330 para 1.623. A GNR registou uma média de 78 crimes por mês. É um facto que a legislação é recente (outubro 2014), sendo por isso que os números são tão elevados, no entanto, não deixa de ser uma chamada de atenção para a problemática em território nacional (Relatório Anual de Segurança Interna, 2016).

Em Portugal, no âmbito da fiscalização de maus tratos a animais de companhia, enquadrada pela Lei n.º 69/2014, em aplicação desde outubro de 2014, a GNR, através do Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente (SEPNA), registou, em 2016, 3 694 denúncias (correspondendo a uma média de 10 por dia), 767 crimes (mais 112 crimes do que em igual período de 2015, correspondendo



a uma média de 2 por dia) e 5 064 autos de contraordenação (mais 380 autos de contraordenação do que em igual período de 2015), levantados maioritariamente por falta de chip de identificação, vacinação e/ou falta de registo (GNR, 2017).

Figura 1) Números e tipos de crime praticados em 2016 (GNR, 2017).

O presente projeto de graduação tem como principal intuito a criação de um projeto de intervenção/prevenção de comportamentos violentos contra animais como forma de prevenir episódios de violência interpessoal contra pessoas, enquanto que se desenvolvem competências como empatia, respeito e atitudes pro sociais.

E, uma vez que os animais cada vez mais são vistos como parte da família (Morrow, 1998) e todos concordamos que a violência em meio familiar não deve nunca, de forma alguma ser tolerada, é importante ver esta temática como algo merecedor de intervenção não só pelo dano causado ao animal como pelo preditor de criminalidade violenta que é.

2. Fundamentação Teórica

O comportamento violento é um fenómeno complexo resultante da interação de fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais, pelo que o seu estudo, prevenção e intervenção devem de ser igualmente abrangentes, sendo que a compreensão destes fatores e do seu relacionamento são um dos passos mais importantes na abordagem da sua prevenção (Saavedra, 2016).

Ao longo da presente fundamentação teórica, de modo a exponenciar a probabilidade de a intervenção ser bem-sucedida propõe-se aliar a perspectiva Humanista da Criminologia com a Teoria do Risco, da Necessidade e da Responsividade de *Andrews & Bonta*, de forma a se planificar uma intervenção que teria como base o Modelo Cognitivo-Comportamental.

É de extrema relevância salientar que a intervenção aqui proposta seguiria o Modelo Humanista de Criminologia, na medida em que estaria sempre orientada para o melhor tratamento e desenvolvimento do ser humano, ao invés da Criminologia convencional que tem o enfoque muito voltado para o controlo da criminalidade e a punição dos ofensores (Hartjen, 1985).

Então, em vez de o enfoque ser numa Criminologia quase exclusivamente voltada para a descoberta científica e para a “cura” das causas do crime, o caminho seria outro: a Criminologia Humanista permite dar prioridade à liberdade individual, enquanto que se promove e protege a liberdade humana, sendo que desta forma se potencia uma mudança social efetiva (Hartjen, 1985).

Ou seja, esta intervenção procura alcançar os seus objetivos de uma forma mais completa e humana, nunca perdendo de vista a ideia já estudada, de que se alguém trata bem os animais, muito provavelmente, também tratará bem as pessoas.

A essência da intervenção aqui proposta tem como pilar a necessidade de se conhecer e prestar atenção a todos os fatores que dizem respeito ao indivíduo, sendo desta forma possível diminuir a reincidência criminal e os comportamentos antissociais, caso a ajuda prestada for proporcional ao risco de se voltar a cometer delitos e/ou praticar condutas antissociais (Bonta & Andrews, 2007).

Passando ao Modelo de *Andrews & Bonta*, que nasce da junção de teorias da personalidade com a psicologia social e que pretende identificar os preditores da conduta criminal e perceber qual a sua responsividade, pode admitir-se a existência de três variáveis centrais (Radford-Paz, 2013):

- i. Os fatores de risco – Condições ou variáveis associadas à probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis, ou seja, os fatores de risco aumentam a probabilidade de ocorrência de uma determinada situação (Cunha, 2016) sendo que neste modelo dizem respeito à possibilidade de reincidência;
- ii. As necessidades criminógenas – são o conjunto de fatores de risco dinâmicos (ou seja, podem alterar-se com o tempo) que, através de investigação e trabalho empírico, provam ter um efeito positivo sobre a reincidência, ou seja, representam-se como aquilo que controla o comportamento delinquente (Radford-Paz, 2013). Estas necessidades podem ser divididas em estáticas e dinâmicas, sendo que os fatores de risco estáticos não podem ser alteráveis, não podendo, assim, ser usados como uma ferramenta no auxílio da diminuição da reincidência (Bonta & Andrews, 2007).
- iii. A responsividade² – relacionada com a capacidade de prestar aos indivíduos intervenções apropriadas às suas características, onde se podem incluir as suas forças, vulnerabilidades, estilo de aprendizagem e cultura.

O presente modelo parte do pressuposto teórico que o risco e as necessidades dos ofensores devem ser o que determina as estratégias mais apropriadas de forma a ir de encontro aos fatores de risco individuais inerentes à criminalidade (Icca Conference, 2013), centrando-se, assim, na identificação dos fatores que permitem prever a reincidência e conjugando-os com as forças e pontos fortes de cada indivíduo (Bonta & Andrews, 2007).

² Pode dividir-se a responsividade em duas componentes:

- i) Responsividade geral – que parte do princípio que as intervenções que apresentam resultados efetivos tendem a ter como base teorias de aprendizagem social (Smith, Gendreau, & Swartz, 2009);
- ii) Responsividade específica – que parte da ideia que o tratamento oferecido deve de ir ao encontro não só das necessidades criminógenas mas também dos atributos e circunstâncias que possam potenciar a possibilidade de os indivíduos tirem proveito do tratamento (Andrews, et al., 1990).

Além das três variáveis centrais, Bonta & Andrews (2007) fazem, ainda, uma divisão destes preditores do comportamento criminal em oito fatores de risco sendo que os de maior relevância para o projeto em questão são os denominados “*The Big Four*” (Icca Conference, 2013), representados na tabela a seguir, bem como quais os objetivos da intervenção com vista à diminuição do risco de o ofensor voltar a delinquir.

Fatores de risco	Características	Necessidades
Historial de comportamentos antissociais	Envolvimento precoce e continuado num elevado número e variedade de atos antissociais	Construção de alternativas comportamentais não criminais
Personalidade antissocial	Impulsividade, irritabilidade, agressividade, busca incessante de prazer e novas sensações	Trabalhar capacidade de resolução de problemas, controlo dos impulsos e da agressividade
Cognições antissociais	Atitudes, valores, crenças e racionalizações antissociais	Diminuição de cognições erróneas e pensamentos de risco. Reformulação de uma identidade não-criminal
Pares antissociais	Pares com comportamentos criminais e isolamento da sociedade pro social	Redução do contato com pares desviantes e investimento no contacto com pares mais normativos

Tabela 1) *The Big Four* (Bonta & Andrews, 2007).

Os *The Big Four* (história de comportamento antissocial, padrão de personalidade antissocial, as cognições antissociais e a convivência com pares antissociais) são os mais preditivos do comportamento criminal, enquanto que os *The Moderate Four*³ estão apenas associados ao risco, não havendo uma relação direta com o comportamento criminal.

A conjunção dos oito fatores de risco é um ótimo ponto de partida para uma intervenção sortir efeito, na medida em que estes, podem ajudar a elucidar/compreender algumas das

³ Os *Moderate Four* são: o abuso de substâncias, o desemprego, a escola e os tempos livres (Icca Conference, 2013).

características pessoais e fatores ambientais que podem potencializar a prática de condutas criminosas (Bonta & Andrews, 2007).

Os *The Big Four* são o ponto central deste projeto, contudo não se pretende tirar “crédito” aos outros quatro fatores. Como é de fácil compreensão, o ideal seria mesmo trabalhar as oito variáveis em questão, mas por motivos de organização e priorização de objetivos o foco foram os *The Big Four*.

Então, à luz da Teoria de Andrews e Bonta poderíamos pensar que se uma criança, jovem ou adulto, possuir crenças, valores e racionalizações menos normativas - pensamentos do gênero “*Os animais valem menos que eu*”, “*Não passa de um objeto*”, “*Posso descarregar toda a minha raiva no meu cão*” – e, se se prevenir ou intervir atempadamente, pode combater-se, tanto os maus tratos aos animais como o escalonamento para o mau trato da pessoa, de forma a complementar a forma como a criança/jovem/adulto percebe o animal, os pensamentos antissociais no geral e procurar desenvolver uma forma de racionalizar que acarrete menos riscos, tanto para o sujeito como para o animal.

E, se, tal como afirma o presente Modelo, estivermos perante alguém que tem curiosidade ou que já fez mal a animais, e que, por isso, pode apresentar uma personalidade impulsiva, que busca muitas sensações, irritável e até agressiva, ao diminuirmos estes fatores de risco estamos simultaneamente a reduzir a criminalidade e a probabilidade de reincidência, e, por conseguinte, o abuso contra animais (The Society For Safe & Caring Schools & Communities, 2003).

Também ainda de acordo com o Modelo, o ser humano tende a partilhar o seu tempo e a estabelecer relações com pares que lhe são semelhantes em termos de valores e crenças. Então, se estamos perante alguém que repudie um terceiro que maltrate um animal, a probabilidade de se estabelecer uma relação entre ambos é muito escassa. Por este mesmo motivo, deve procurar-se diminuir o contato que os indivíduos têm com pares antissociais, bem como tentar fazer com que estes desenvolvam ligações e relações com semelhantes mais normativos (Bonta & Andrews, 2007).

Pode, então, afirmar-se que este é um modelo com grande utilidade, uma vez que não só determina o risco de um ofensor reincidir, mas também porque acaba quase por funcionar como uma ferramenta que pode ser usada para perceber quais as áreas que

precisam de ser trabalhadas e o que deveria de ser, efetivamente, trabalhado (Bonta & Andrews, 2007). Acrescenta, ainda, o facto de ser um modelo que tem em atenção a responsividade dos sujeitos alvo da intervenção, sendo que é algo que otimiza a probabilidade de a intervenção ter resultados positivos, uma vez que se procura sempre ver aquilo que poderá funcionar melhor e adequar a intervenção a um nível mais individual (Public Safety Performance Project, 2011). Outro fator extremamente positivo nesta teoria é o facto de a mesma ter em atenção que o crime é multifacetado pelo que, ao se incluírem variáveis tão diversas e abrangentes o modelo torna-se mais coeso e consistente (Tony, Melser, & Yates, 2007).

Contudo, este modelo apresenta algumas limitações como o facto de apenas poder ser usado como um guia para tomar decisões em vez de uma espécie de manual que se deve seguir, ou ainda a necessidade que as pessoas que seguem e implementam este modelo têm de estar bem preparadas para tirar o maior proveito da aplicação do mesmo (Public Safety Performance Project, 2011).

O Modelo Cognitivo-Comportamental tem esta mesma denominação por ser constituído por uma série de conceitos e técnicas cognitivas e comportamentais, em que o objetivo é corrigir as distorções cognitivas e fazer com que o sujeito desenvolva meios eficazes para lidar com as mesmas, enquanto que, simultaneamente se pretende, efetivamente, modificar as condutas em questão (Bahls & Navolar, 2004).

De acordo Del Prette & Del Prette (2005), as habilidades sociais dizem respeito a um conjunto de comportamentos que se dão durante as relações do dia-a-dia, sendo estas necessárias para a construção de relações interpessoais produtivas e saudáveis. Vários estudos têm vindo a mostrar que, de uma forma geral, o desenvolvimento de habilidades sociais, principalmente em crianças em idade escolar, pode contribuir para a prevenção de problemas de comportamento no futuro, bem como, para um desenvolvimento socio emocional infantil saudável (Casali-Robalinho, Del Prette, & Del Prette, 2015; Barreto, 2007; Barreto, Freitas, & Del Prette, 2011; Beelman & Losel, 2006). Também em casos de consumo de substâncias psicoativas se verifica que a falta de habilidades sociais pode funcionar como um fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos antissociais (Sintra, Lopes, & Formiga, 2011; Francischetto & Soares, 2014).

Então, conjugando estes três pilares, cada um com a sua importância ao nível da intervenção, neste projeto, procura-se, essencialmente, diminuir os índices de

criminalidade, mais especificamente de comportamentos violentos contra Animais e Pessoas através do desenvolvimento de habilidades e aptidões sociais pelos inúmeros benefícios que estas trazem.

2.1. Maus-Tratos a Animais

O número imenso de casos de crueldade para com animais reportados às autoridades representando apenas a ponta do iceberg, uma vez que, tal como na criminalidade em geral, nem tudo é reportado.

Os maus-tratos intencionais, bem como a negligência atravessam todos os estratos sociais e não apresentam qualquer tipo de limite que se prenda com a níveis socioeconómicos, sendo que este é um comportamento comum tanto em áreas rurais como urbanas (The Humane Society Of The United States, 2018).

Um grupo cada vez maior de investigadores tem vindo a demonstrar a relação existente entre a crueldade para com os animais e outras formas de comportamento violento⁴, sendo que este comportamento engloba uma variedade de atitudes lesivas para com os animais, que vão desde a negligência à tortura (The Society For Safe & Caring Schools & Communities, 2003).

A crueldade para com animais pode tomar diversas formas, podendo verificar-se a existência de dois tipos de crueldade inerentes aos maus-tratos para com os animais. Uma crueldade mais ativa, em que os abusadores deliberadamente fazem mal aos animais, e a negligência (Canadians for Animal Welfare Reform, 2010).

E, apesar da distinção entre as violências ativa e passiva (onde se insere a negligência) devem evitar-se ideias erróneas, como por exemplo, que a primeira é mais prejudicial

⁴ Estudos mostram: (i) ofensores mais violentos possuem um historial de crueldade para com animais quando criança/adolescente; (ii) muitas crianças que abusam dos animais são, elas próprias vítimas de violência; (iii) crianças que testemunham este tipo de comportamento podem estar em risco de praticar as mesmas atitudes; (iv) os animais da família dão geralmente, um dos alvos quando se verifica a existência de uma dinâmica de violência doméstica; (v) muitas vítimas de violência doméstica permanecem no contexto abusivo por temerem pela vida do animal de estimação (The Society For Safe & Caring Schools & Communities, 2003).

ou até desculpar a segunda porque o cuidador “só se esqueceu” do seu animal de estimação, dado que é do conhecimento comum que qualquer ser senciente precisa de cuidados, e se alguém decide ignorar estas necessidades constitui crime, segundo a lei portuguesa.

São vários os sinais de negligência como por exemplo: as coleiras estarem acorrentados com uma distância mínima que os animais podem andar, unhas demasiado grandes, infeções oculares ou dentárias, ossos partidos que não foram curados no passado, infestados de parasitas, feridas abertas e não tratadas no corpo, falhas de pelo, animais demasiado magros e a morrerem de fome, cães que repetidamente são deixamos sozinhos sem água, comida e acorrentados num espaço minúsculo, cães, gatos entre outros que possam ter sido atropelados por um carro ou se tenham magoado e não foram levados ao veterinário, cães ou qualquer outro animal que é mantido no exterior, sem abrigo, em situações climáticas muito extremas e, ainda, animais que têm muito medo ou agem de forma muito agressiva quando os donos se aproximam deles (Canadians for Animal Welfare Reform, 2010; Animal Welfare Institute, 2018).

É de extrema relevância dar a entender que os maus-tratos aos animais nem sempre passam pela agressão, não sendo por isso que são mais “aceitáveis”. É um facto que a maioria dos abusadores não o faz de propósito, ou seja, não pensam ou percebem que o que estão a fazer (ou a não fazer) possa causar dano ao animal; por exemplo, algumas pessoas não entendem aquilo que os animais precisam em relação a abrigo, ou têm “métodos” de controlar e castigar o animal violentos, ou, simplesmente não prestam atenção e podem se esquecer de pôr água aos animais ou até podem deixar os animais dentro do carro com as janelas fechadas num dia quente de verão durante muito tempo.

A parte “positiva” na questão da negligência que a parte dos maus-tratos intencionais não preveem, é que quase todos estes maltratantes podem aprender a perceber quando estão a ser cruéis através de uma reeducação sobre aquilo que eles pensam ou acham dos animais. Isto significa que é possível diminuir este crime, e ao mesmo tempo a criminalidade em geral, com a simples ferramenta da educação, uma vez que estamos perante um fenómeno cultural.

O abuso intencional implica sempre uma intenção maliciosa, sendo que neste caso o sujeito, deliberada e intencionalmente, causa dano ao animal, sendo que estes comportamentos são muitas vezes uma chamada de atenção para a existência de

problemas psicológicos, sendo este um comportamento que deve de ser levado a sério (Wildlife Rescue & Rehabilitation, 2016). Os maus-tratos aos animais podem ter diversas formas de expressão, sendo que muitas vezes passam pela intimidação, coação, controlo ou, simplesmente tortura psicológica das pessoas com quem o sujeito tem relações (Wildlife Rescue & Rehabilitation, 2016).

2.2. Maus-Tratos a Animais Como Preditores de Violência Interpessoal

É imperativo prestar atenção à vitimação de animais, não só pelo bem-estar dos próprios, mas também porque se pode estar a fechar os olhos a uma realidade assustadoramente violenta, dado que quando uma pessoa magoa um animal, este constitui um forte preditor e/ou indicador que mais vítimas animais e/ou humanas podem ser vitimizadas a seguir (Colorado LINK Project, 2013). É, por este mesmo motivo que levar esta forma de criminalidade a sério pode ser uma forma de se diminuir as taxas de criminalidade, enquanto que, ao mesmo tempo se caminha para construir uma sociedade mais segura.

O historial de abuso e maltrato a animais é um dos fatores de risco mais significativos de alguém vir a praticar violência doméstica (Arkow, 2013), sendo até que as pessoas que magoam animais e têm crianças em casa têm uma elevada taxa de probabilidade de virem a cometer abusos ou a negligenciar as próprias crianças (Philips & Lockwood, 2013).

Os abusos a animais apresentam, ainda, uma estreita ligação entre outras formas de criminalidade, que incluem, abuso físico e sexual de crianças, negligência infantil, abuso/negligência de idosos, ofensas sexuais, bullying, crimes e fogo posto e, até crimes de homicídio (Philips & Lockwood, 2013).

Sabendo ainda que pessoas que abusam animais são mais violentas que a população em geral e tendem a usar várias formas de comportamentos como forma de controlo dos seus companheiros íntimos (Arkow, 2013), sendo este comportamento um forte preditor

de outras práticas violentas, torna-se imperativo encarar esta problemática e forma de criminalidade com seriedade.

Os animais de estimação são, muitas vezes uma espécie de “peão” na relação abusiva de um dos companheiros para o outro, sendo que os próprios animais são usados como meio de coagir e humilhar a própria vítima, sendo que mais de 71% das vítimas de violência doméstica reportou que o companheiro recorreu aos animais da família a vista de exercer um maior controlo (Ascione, Weber, & Wood, 1997).

Ainda, 99% das pessoas que têm animais de companhia, consideram que estes são os seus “companheiros” ou até “membros da família”, sendo que na maioria das vezes é a mulher que cuida destes animais (Dotson & Hyatt, 2008). Inúmeras investigações têm ainda mostrado que cerca de entre 25 e 40% das mulheres vítimas de violência doméstica tendem a atrasar uma decisão de denúncia ou divórcio por temerem pelo bem-estar do animal (Holt, Buckley, & Whelan, 2008). Também 71% das vítimas de violência doméstica encontradas em abrigos afirmaram que os seus parceiros magoaram ou mataram animais (Ascione, 2001).

Os perpetradores de violência doméstica tendem a escolher os animais de estimação como alvo, na medida em que acreditam que as forças policiais não dão importância criminal a este comportamento o que os permite escapar impunes (Roguski, 2012).

Nos EUA, 60% das famílias envolvidas em investigações relacionadas com abuso de menores, e 80% de casos de abuso físico, reportaram a existência de crueldade para com animais na família, sendo que 2/3 destes incidentes foram perpetrados por homens adultos e 1/3 pelas crianças (DeViney, Dickert, & Lockwood, 1983).

Relativamente a outras formas de criminalidade, um estudo levado a cabo em Massachusetts, mostrou que 70% dos sujeitos que abusavam de animais tinham registos criminais vastos, que envolviam violência, drogas, condutas desordeiras e crimes contra o património (Arluke & Luke, 1997). Um estudo semelhante foi, também, realizado no Canadá e chegou a resultados semelhantes (Boat & Knight, 2000). Metade dos sujeitos que levaram a cabo tiroteios em escolas tinham um histórico de comportamentos agressivos para com animais (Verlinden, Hersen, & Thomas, 2000).

Um estudo realizado na Austrália mostra que os abusos contra animais são o preditor mais fidedigno de agressões sexuais do que de crimes de homicídio ou fogo posto,

sendo que 99% dos ofensores que cometiam atrocidades contra os animais tinham cometido, em média, mais quatro tipos de ofensas diferentes (Clarke, 2002).

Ainda, de acordo com a *National Link Coalition*, quando uma criança é cruel para um animal não significa necessariamente que esta atitude seja ato exploratório “típico” do seu desenvolvimento, podendo ser um preditor de conduta desordeira, ou um ritual de iniciação em algum gangue, um ato de vingança, pressão dos pares ou até como forma de uma criança que sofre de abusos e se sente impotente conseguir exprimir algum controlo e sentir que tem algum poder. Podendo, ainda, a crueldade para com animais ser um dos primeiros sintomas de condutas antissociais, tendendo a aparecer em idades compreendidas entre os 6 anos e meio de idade (Frick, 2004). Em complemento, ainda se acrescenta o risco que pode constituir para as crianças desensibiliza-las contra esta forma de violência.

As estatísticas (EUA) mostram que 43% dos atiradores em escolas apresentam um historial de crueldade para com animais (Arluke & Madfis, *Animal Abuse as a Warning*, 2013).

Crianças que praticam bullying nos colegas da escola – e as próprias vítimas de bullying – apresentam um maior risco de exercer crueldade sobre animais (Baldry & Farrington, 2010; Henry & Sanders, 2017). Verifica-se, ainda, uma partilha de características predictoras de comportamentos antissociais entre os dois tipos de agressores (*bullies* e maltratantes de animais), como por exemplo, a dificuldade no controlo dos impulsos, resolução de problemas e negociação de conflitos e falta de empatia (Carvalho & Matos, 2016; Sanders & Henry, 2007).

2.3. Motivação para o Abuso de Animais

São inúmeras as razões pelas quais crianças e adultos praticam atos violentos contra criaturas tão indefesas. Alguns dos motivos pelos quais os animais são maltratados incluem (Philips & Lockwood, 2013):

- i) Magoar o animal como forma de estabelecer controlo sobre uma pessoa ou apenas pelo prazer de o controlar;

- ii) Retaliação contra o próprio animal ou terceiros ligados ao animal;
- iii) Crença de se estar perante um ser que não merece viver;
- iv) “Atividades” violentas que envolvem animais, como por exemplo lutas entre cães;
- v) Causar choque/impacto;
- vi) Forma de mostrar poder aos outros;
- vii) Sadismo, que envolve o infligir de dano como forma de sentir poder e controle.

Também são inúmeras razões que levam as crianças a exercer qualquer forma de violência sobre animais, passando por uma forma de curiosidade ou exploração, devido a pressão dos pares, para ameaçar ou intimidar outros como forma de obtenção de poder e controle, por gratificação sexual, como forma de exprimirem certas formas de abuso das quais foram vítimas, como “preparação” para o seu próprio suicídio, como *re-play* de um episódio violento que o jovem/criança quer repetir, para chamar atenção, entre outros (Philips & Lockwood, 2013; Ascione, Weber, & Wood, 1997). Outro facilitador deste tipo de atos é a educação, uma vez que os pais devem ensinar as crianças a como tratar os animais e a os respeitar, ao invés de fazerem com que as crianças os vejam como um brinquedo, porque esta visão vai passar a ideia de que eles não se cansam nem sentem dor (Missimer, (s/d)). Também a necessidade que as crianças e os jovens têm de sentir que estão em controle da vida deles, principalmente quando experienciam abusos em casa pode ser um indicador deste tipo de ofensores (Kellert & Felthous, 1985).

Uma vez que a literatura mostra que os animais têm um papel extremamente importante na vida das crianças, estas serem capazes de desenvolver relações saudáveis com os seus animais de companhia é um indicador extremamente importante de um desenvolvimento saudável⁵ (The Society For Safe & Caring Schools & Communities, 2003).

Lockwood & Ascione (1997), dividiram, ainda, a motivação para a prática de abuso contra animais em três grandes grupos

⁵ Estudos têm mostrado que: (i) a relação que a criança tem com os animais e o meio ambiente é importante no que diz respeito à formação de crenças; (ii) a preocupação para com animais pode melhorar a auto-estima e as habilidades sociais, diminuir os níveis de ansiedade e depressão, e promover empatia e um melhor desenvolvimento de comunicação verbal e não-verbal (The Society For Safe & Caring Schools & Communities, 2003).

- i) Abuso Exploratório: tipicamente praticado por crianças com idades entre os 3 e os 6 que têm pouca supervisão parental. Uma forma de prevenir que estes comportamentos progridam é através da promoção por parte dos pais, professores, entre outros, de empatia, e carinho para com animais.
- ii) Abuso Patológico: acontece geralmente com crianças que frequentam o primeiro ciclo de escolaridade, ou seja, com idades compreendidas entre os 5 e o 10, e os abusos praticados nesta idade podem ser vistos como quase como que um sintoma de perturbações psicológicas de diversa gravidade;
- iii) Abuso Delinvente: neste grupo entram os adolescentes, sendo que esta prática tende a constituir-se como apenas uma das diversas práticas antissociais que levam a cabo (por exemplo: envolvimento com gangues e abuso de substâncias).

Então, independentemente do motivo que leva alguém, criança ou adulto, a praticar este tipo de conduta antissocial, a preocupação quer do Criminólogo, quer das forças de segurança e até da sociedade é a prevenção e a intervenção neste tipo de problemática, na medida em que, como já evidenciado para trás, a literatura mostra que estes comportamentos tendem a escalar para abusos violentos contra pessoas.

2.4. Fatores de Risco e Proteção do Abuso de Animais e Pessoas

O desenvolvimento de empatia tem se mostrado como um dos fatores que mais resultados tem evidenciado na prevenção de comportamento violentos, uma vez que a capacidade de entender e sentir as emoções dos outros pode fazer com que os indivíduos desenvolvam outros comportamentos pro sociais, altruístas e cooperativos (Posick & College, 2015; Posick, Scholars Strategy Network, 2013) Contudo, a empatia por si só não é, e nunca será suficiente, havendo muitas outras competências e habilidades sociais que devem de ser trabalhadas. Então, o principal foco da intervenção do presente projeto é o desenvolvimento da empatia, sempre a par com outras competências.

A empatia é, nos dias de hoje, percebida como uma competência pro social sendo por esse mesmo motivo que a mesma é tida como uma espécie de alavanca para outras formas de comportamento pro social, como, por exemplo, para o desenvolvimento do altruísmo (McPhedran, 2009).

Ainda, também, segundo uma afirmação de McPhedran de que, quando uma criança cresce com pais que apresentam baixos níveis de empatia, estes irão, conseqüentemente, expressar menos este tipo de comportamento pelo que os seus filhos irão ter mais dificuldade em desenvolver esta competência. É, dentro deste âmbito que se pretende, com este programa ensinar a desenvolver esta competência tão importante para uma vida pro social (Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005).

De acordo com Flynn (1999), o ato de crueldade para com animais tende a reprimir sentimentos como benevolência e compaixão, sendo que como consequência, os perpetradores deste tipo de comportamento tendem a aprovar e a cometer atos de violência íntima com os seus/suas parceiros/parceiras, podendo ainda verificar-se que a falta de empatia geralmente aparece com outros comportamentos, tais como, comportamentos manipuladores, um charme superficial e ausência de culpa e remorsos, que coincidem com o diagnóstico de personalidade antissocial em adultos.

Em 1992, Ascione, conduziu um programa escolar com a duração de um ano, em crianças de baixo risco, com o objetivo de ver a relação entre empatia, violência interpessoal e abuso contra animais. E, de acordo com o presente estudo, a capacidade de sentir empatia em relação a um animal é tida como um fator protetor no que diz respeito a comportamento violentos (Ascione, 1992; McPhedran, 2009; Faver, 2010).

Com o desenvolvimento da empatia outras atitudes pro sociais virão, entre elas o respeito, que neste caso, não é apenas referente a humanos, alargando-se o espectro até aos animais. Vivemos numa sociedade em que se admitem duas formas de violência conta animais distintas, sendo que uma é socialmente aceitável (indústria da alimentação, vestuário, desporto, entre outras) e a outra não o é. Este tipo de violência está maioritariamente dependente da forma como a sociedade de hoje vê os seus animais. Sendo por isso que, segundo Beirne (2004), a ligação entre o abuso/maltrato a animais e violência interpessoal devem de ser algo que também faz sentido ser pensado ao nível de certas práticas cujo lucro provem de uma forma de abuso aceitável socialmente, uma vez que são estas que passam a ideia de haver uma forma de abuso aceitável.

Beirne (2004), afirma, ainda, que crianças que maltratam animais, bem como trabalhadores de matadouros, tendem a desenvolver uma dessensibilização para com estes comportamentos violentos, pelo que o abuso de animais pode aumentar a

tolerância e/ou aceitação de atitudes violentas, sendo que aquelas crianças que mostram respeito pela vida animal tendem a tornar-se adultos mais sensíveis.

Então, se vivemos numa sociedade em que certo tipo de abuso é visto como algo normal e aceitável é de fácil compreensão que as crianças cresçam com a ideia de que nem todos, ou se calhar, nenhum animal é merecedor de respeito.

Outra competência que pode funcionar como factor protetor à prática de comportamentos violentos de forma geral é o controlo da raiva e frustração, sendo que cada vez mais programas focados no desenvolvimento desta competência têm sido desenvolvidos e evidenciado resultados (Axford, 2007; Howells, et al., 2002).

É um facto que desde que nascemos até ao dia em que morremos somos confrontados com situações de conflito e raiva, situações que não podemos controlar e até em que nos sentimos injustiçados. É algo que é transversal a todos os seres humanos. O que não é transversal a todos nós é a capacidade de lidar com estes sentimentos negativos, sendo, por isso, que trabalhar competências como estas pode ser um bom ponto de partida para a redução da criminalidade, bem como para ensinar respeito e a sentir empatia pelo outro (Beelman & Losel, 2006).

Também, segundo a Teoria do Controlo Social⁶, a participação em atividades pro sociais pode, neste caso em concreto, ser vista como um facto protetor para a prática de comportamentos.

Analisando as tabelas abaixo apresentadas, e sabendo que com este projeto se pretende trabalhar fatores protetores específicos da criminalidade em questão, e que, a literatura mostra, ao mesmo tempo, estes serem de extrema relevância para a diminuição da reincidência, e coincidentes com os fatores de proteção da criminalidade em geral, pode concluir-se que este programa poderá carregar consigo a responsabilidade de ter um enorme potencial para dar frutos, quer na prevenção dos comportamentos antissociais em geral no futuro, quer na prevenção de maus-tratos aos animais, sendo, para isso, os fatores de proteção essenciais para uma intervenção com resultados positivos.

⁶ As Teorias do Controlo Social partem do pressuposto que as atitudes e os processos sociais têm influência no comportamento individual e/ou grupal, numa espécie de tentativa de se obter uma certa conformidade social (Akers & Sellers, 2013).

Então, o que com este trabalho se pretende é combater os fatores de risco com os respetivos fatores protetores, não focando a intervenção apenas no que o indivíduo/grupo têm como défice. Este projeto serve para compreender e trabalhar tanto o comportamento criminal e/ou antissocial, como o comportamento pro social. Ou seja, em vez de ter como metodologia de aplicação e trabalho a repressão dos comportamentos que são errados e/ou antissociais este programa procura promover as competências positivas que (todos os) indivíduos têm.

Fatores de risco e proteção relacionados com os maus-tratos aos animais	
Fatores Risco (Colorado LINK Project, 2013)	(i) ausência ou falta de remorsos/empatia; (ii) historial de outras formas de comportamento antissocial/criminal; (iii) historial de violência em seio familiar; (iv) fortes e enraizadas crenças; (v) historial de problemas psicológicos;
Fatores Proteção (McPhedran, 2009; Beirne, 2004; Axford, 2007; Howells, et al., 2002)	(i) empatia; (ii) altruísmo; (iii) respeito; (iv) envolvente social; (v) crenças; (vi) controlo impulsividade; (vii) controlo da raiva/frustração; (viii) participação em atividades pro sociais; (ix) boa relação com pares.

Tabela 2) Tabela Comparativa dos Fatores de Risco e Protecção Relacionados com os Maus-Tratos aos Animais

Lado a Lado: Programa de Intervenção em Maus-Tratos contra Animais Como Forma de Prevenção de Violência Interpessoal

População	Fatores de risco e proteção relacionados com a criminalidade (geral)	
Adultos	Fatores de Risco (Weatherburn, 2001; Radford-Paz, 2013; Bonta & Andrews, 2007)	(i) pobreza; (ii) desemprego; (iii) elevada desigualdade social; (iv) oportunidades criminais; (v) fracos meios de controlo social informais; (vi) historial de comportamentos antissociais; (vii) impulsividade, procura de sensações, agressividade, entre outros; (viii) pares antissociais; (ix) cognições antissociais – atitudes, valores, crenças.
	Fatores de Proteção (Klepfisz, Daffern, & Day, 2017; SAPROF)	(i) empatia; (ii) estratégias de coping; (iii) trabalho; (iv) atividades de leitura; (v) controlo financeiro; (vi) motivação para tratamentos e/ou intervenções; (vii) atitudes positivas para com autoridade; (viii) objetivos de vida; (ix) laços sociais positivos; (x) relações íntimas positivas e saudáveis.
Crianças	Fatores de Risco (Borum, Lodewijks, Bartel & Forth, 2017)	(i) registo de comportamentos desviantes; (ii) passado de atitudes e/ou pensamentos suicidas; (iii) exposição a violência e carreira criminal dos pais; (iv) pouca ligação à escola; (v) rejeição dos pares; (vi) stress e poucas competências de coping; (vii) falta de apoio social; (viii) atitudes negativas, crenças, impulsividade, falta de empatia e baixa autoestima.
	Fatores de Proteção (Borum, Lodewijks, Bartel & Forth, 2017)	(i) envolvimento em atividades pro sociais; (ii) apoio social forte; (iii) fortes ligações e laços; (iv) atitudes positivas para com as intervenções e/ou autoridade; (v) forte empenho com a escola; (vi) personalidade resiliente e competências pro sociais como empatia.

Tabela 3) Tabela Comparativa dos Fatores de Risco e Protecção Relacionados com Criminalidade no Geral

3. O Programa “*Lado a Lado*”

3.1. Apresentação do Programa

É um facto que as vítimas e as testemunhas de violência, por vezes, se sentem impotentes perante os maus-tratos, sejam eles dirigidos a um animal ou a uma pessoa. Mas, há sempre atitudes que podem ser tomadas para prevenir estes comportamentos e diminuir ou intervir nestas situações de sofrimento.

Dito isto, a principal ferramenta que se tem trabalhado na busca de reduzir o comportamento violento tem sido a empatia, contudo, a literatura tem vindo a mostrar que trabalhar só a empatia não é suficiente, sendo necessário aliar com outras competências, tais como, o respeito pelo outro, o controlo da raiva e frustração e o encorajamento de atitudes pro sociais (Peretó, 2017).

Através do desenvolvimento de habilidades e competências sociais, aliadas a uma educação mais humana, o programa tem como objetivo prevenir a violência contra humanos e não humanos, diminuir os números de crimes violentos e encorajar atitudes positivas para com humanos e animais.

A base de uma Educação Humana passa pelo desenvolvimento de relações positivas com outros seres vivos (humanos ou não) e com a nossa “casa” – o Planeta Terra, sendo que com esta forma de educar não se pretende passar a ideia que o bem-estar dos animais é mais importante que o do Ser Humano, pelo contrário, pretende mostrar-se a capacidade de sentir empatia pelo outro e as atitudes pro sociais para com os animais andam “de mão dada” (The Society For Safe & Caring Schools & Communities, 2003).

O Programa “*Lado a Lado*” foi, então, criado com o intuito de prevenir comportamento violentos em crianças, bem como intervir nos comportamentos já criminais dos adultos, sendo que, para tal, fora planificado um programa com o intuito de atuar ao nível da prevenção primária e outro já no âmbito da prevenção terciária. Ou seja, estão planificados dois programas: um a ser aplicado em contexto escolar e outro em contexto prisional.

Em Portugal, para a aplicação deste programa, bem como para a criação de outros programas, poderia recorrer-se a entidades como o SEPNA, Parques Biológicos, Associações de Animais, entre outros.

3.2. O Programa “Lado a Lado” Como Prevenção em Casos de Violência

É através do recurso a programas educacionais e que apelem à consciencialização da população acerca do bem-estar dos animais bem como da ligação que existe entre o maltrato para com estes e o maltrato para com seres humanos, que se pretende tentar dar os primeiros passos na prevenção do maltrato para com animais e uma possível prevenção de outros comportamentos violentos no futuro.

Sabendo-se que a infância é a altura em que o carácter se vai começando a formar (Mello, 2007), a educação humana⁷ teria o papel de ajudar as crianças e jovens a pensar sobre as necessidades, sentimentos e dor de terceiros (animais incluídos), a refletirem sobre o efeito que as suas ações podem ter, bem como sobre o mundo e qual é o seu papel dentro dele (The Society For Safe & Caring Schools & Communities, 2003).

Através do recurso a dinâmicas relacionadas com animais potenciam-se as competências pro sociais dos alunos, tais como a empatia e as atitudes pro sociais, uma vez que se verifica a existência de uma correlação entre a empatia para com animais e a empatia para com pessoas (Faver, 2010). Esta visão é ainda suportada por Thompson & Gullone (2003), que defendem ser possível diminuir comportamentos como maus-tratos animais e outras formas de violência interpessoal através do desenvolvimento e manutenção dos níveis de empatia na infância.

Têm vindo a ser inúmeros os esforços em direção a uma educação mais humana, sendo que os resultados têm mostrado os impactos positivos desta alternativa. O Programa *PAWS* apresentou resultados extremamente positivos no que diz respeito a uma consciencialização para a forma como os animais são tratados de forma geral (PAWS, 2018). O mesmo acontece com os Programas do *Animal Welfare Institute*, que procuram consciencializar não só para o tratamento dado aos animais de estimação, mas também aos animais da quinta, animais marinhos, entre outros. Um Programa da Associação *Teach Heart* (2006) mostrou também resultados positivos no que diz

⁷ Uma Educação Humana abrange tudo o que diz respeito aos animais, bem como o ambiente e os Direitos Humanos, ou seja, a palavra “humana” significa, efetivamente, que se pretende sempre ter em consideração e tirar partido das melhores qualidades do ser humano enquanto pessoa (American Humane, 2010).

respeito aos níveis de empatia e às preocupações pelo ambiente, mas também em relação às relações que os alunos têm com os seus pares e semelhantes.

Tendo também em consideração que os comportamentos criminosos em adultos estão muito frequentemente ligados à delinquência enquanto jovens (Tremblay, 2003), ao diminuir-se os números de delinquência juvenil em Portugal, estar-se-ia a diminuir as taxas de violência em geral no futuro e a longo prazo.

O presente programa, poderia, assim, ser aplicado nas escolas, no âmbito da prevenção primária, criado com o intuito de diminuir os comportamentos violentos entre as crianças e os jovens. E, ao se trabalhar com este grupo a empatia pelos animais, acabaria por se fomentar a empatia também pelos outros que lhes são semelhantes, e vice-versa (McPhedran, 2009). Desta forma, estar-se-á a construir uma sociedade assente no respeito, na bondade e na paz, isto porque se valorizou não só os atos de violência, mas também ao poder que educar e sensibilizar os mais novos pode trazer no futuro.

3.3. O Programa “*Lado a Lado*” Como Intervenção em Casos de Violência

Ao nível da intervenção, verifica-se a existência de várias organizações e/ou programas que existem com o objetivo não só de ajudar as vítimas, mas também intervir nos ofensores.

Passa-se, então, a citar um programa do Correctional Service Canada (1998), “*Pet Facilitated Therapy in Correctional Institutions*” que foi aplicado nas prisões canadianas e que teve resultados muito positivos tanto nos reclusos como no pessoal que lida diariamente com eles. Os resultados, mostraram que os reclusos passaram a ter mais facilidade em comunicar e que melhoraram o seu comportamento dentro da prisão para se manterem no programa (que era limitado a um certo número de reclusos). Verificou-se ainda que o facto de os indivíduos terem contacto com animais e poderem trocar e mostrar carinho para com eles permitiu que estes desenvolvessem mais competências a nível psicológico e emocional, o que iria facilitar o processo de

reinserção na comunidade, terminada a pena privativa de liberdade (Correctional Service Canada, 1998).

O Programa *Indiana Canine Assistant and Adolescent Network* (ICAAN) aplicado nos EUA também apresenta resultados positivos no que diz respeito à reabilitação dos reclusos, sendo que se verificou um aumento dos níveis de autoestima, uma melhor relação e ambiente prisional, tanto entre reclusos como com os guardas, sendo que também as competências sociais foram trabalhadas, bem como a comunicação e a impulsividade (Turner, (s/d)). Também o *Dawgs in Prison* (um programa do *Gulf Correctional Institution in Wewahitchka, Florida*) que visa treinar e desenvolver habilidades sociais como forma de intervir nos comportamentos antissociais mostrou uma melhoria comportamental nos indivíduos, potenciando, assim, a reabilitação dos mesmos (McCormack, 2016).

O programa de associação *Clear The Shelters*, mostrou resultados extremamente positivos, uma vez que há medida que o programa ia progredindo cronologicamente se verificou que os reclusos se começaram a abrir emocionalmente, a ganhar confiança, habilidades sociais e desenvolvimento de competências de negociação e resolução de problemas. As próprias pessoas do estabelecimento prisional onde o programa fora implementado afirmaram que os “animais levaram humanidade para dentro da prisão” (Lopes, 2017).

A este programa acrescentam-se ainda outros, sendo que todos eles convergem numa melhoria das habilidades sociais, e como tal, na possibilidade de uma reinserção social mais eficaz (Puppies Behind Bars; VetDogs; Clear The Shelters, 2017; Neese, 2015; Brown, Frissora, Wardle, & Onwudiwe, 2015).

Então, a literatura mostra que o contacto com os animais apresenta resultados tão positivos como a diminuição da depressão, bem como dos comportamentos agressivos, mas também, uma melhoria de humor, e a diminuição dos níveis de tensão arterial e de ansiedade, acrescentando-se ainda o facto que permitem aos reclusos desenvolver competências como empatia e sensibilidade (Neese, 2015).

E, sabendo-se, então, que em contexto prisional têm vindo a ser inúmeros os programas que procuram trabalhar a reinserção social dos reclusos com a ajuda de animais, estes programas trazem inúmeros benefícios não só para os animais como para os reclusos.

Uma vez que muitos dos animais são oriundos de canis e estabelecimentos onde se abatem os animais que se vão acumulando nas suas instalações, acaba por ser uma situação de vida ou morte para eles, pelo que, no fundo, estão a ser salvos.

Acrescenta-se, ainda, um estudo de Eckstein do ano 2000, mostra como a terapia assistida com recurso a animais tem resultados extremamente positivos nomeadamente ao nível do desenvolvimento da empatia – ponto fulcral do presente projeto, e uma das “chaves mestras” para intervir e prevenir na criminalidade -, da socialização e das habilidades sociais. Este tipo de terapia pode ainda trazer benefícios do foro psicológico, como por exemplo a diminuição do stress (Eckstein, 2000).

Um pouco à similaridade dos programas supracitados, o Programa “*Lado a Lado*” seria aplicado quando se verifica-se que, efetivamente, alguém praticara qualquer tipo de comportamento violento e apresentasse, ao mesmo tempo, um registo de maltratar animais. Ou seja, este programa seria aplicado em contexto prisional, admitindo-se a possibilidade de o mesmo poder ser aplicado simultaneamente com qualquer outro programa que o recluso já estivesse a frequentar.

Então, através da consciencialização para os animais, para o meio ambiente e para o outro, bem como a noção de que todos os atos têm consequências e produzem um efeito que irá ter repercussões no bem-estar animal ou social, o presente projeto visa, essencialmente, sobre o respeito, a bondade, o colocar-se no lugar do outro e a responsabilidade que devem de estar sempre presentes nas relações do quotidiano com pessoas e animais.

Uma vez que a informação referente a esta problemática na população prisional portuguesa é escassa, não foi possível uma planificação mais específica da possível aplicação do Programa “*Lado a Lado*” neste contexto. No entanto, a sua aplicação na população prisional parece de extrema importância, muito embora as estatísticas criminais não apontam altas taxas de criminalidade violenta em Portugal, uma vez que os fatores de risco e proteção dos comportamentos violentos e dos maus-tratos a pessoas e a animais parecem estar interligados (National Link Coalition, s.d). Para além destes motivos, e partindo de um ideal ressocializador, entende-se que nunca é tarde para se trabalharem competências sociais positivas que permitam ter uma vida mais normativa e, ao mesmo tempo, diminuir os comportamentos violentos contra animais e pessoas.

A alternativa para esta dificuldade encontrada passaria pela necessidade de ir ao terreno recolher dados. Ou seja, seria necessário compreender de que forma é que as pessoas condenadas por comportamentos violentos também têm um registo de maltrato para com animais.

Então, o que se propõe, é a aplicação deste programa num segundo momento. Ou seja, primeiro seria aplicado o programa nas escolas – primeiro momento. Supondo que esse começaria a ser aplicado em junho de 2018 e que terminaria em 2021, durante o decorrer da sua aplicação e análise dos resultados, seria, simultaneamente, realizado trabalho de campo que permitisse a recolha de informação necessária para a aplicação do programa na prisão.

Ou seja, o programa foi pensado de uma forma geral, sendo que ficou apenas por planificar cada uma das sessões e a respetiva avaliação, no entanto, pode afirmar-se que algum do material e sessões do programa em meio escolar poderia ser utilizado na íntegra e/ou adaptado para a presente realidade.

3.4. O Programa “*Lado a Lado*” nas Escolas

3.4.1. Avaliação das Necessidades do Público-Alvo na Escola

Esta fase tem como objetivo, não só efetuar uma correta delimitação dos objetivos e processos de implementação, mas também providenciar *feedback* sobre como o programa pode ser melhorado, qual o impacto do mesmo e garantir uma base de informação suficiente para quem tem a responsabilidade de tomar decisões (University Of Central Florida, 2008).

A avaliação das necessidades não é mais do que um processo que tem como objetivo perceber qual a situação atual e determinar quais as necessidades específicas da população em causa (Federación Internacional de Sociedade de la Cruz Roja y de la Media Luna Roja, 2010), então, para isso é necessário identificar os fatores chave que

influenciam um determinado acontecimento/situação, assim como as necessidades e interesses da população alvo.

O levantamento das necessidades da intervenção assume uma grande importância uma vez que a informação recolhida nesta fase será o ponto de partida e a base da elaboração e planificação do programa, sendo necessário ter sempre em atenção que todas as decisões tomadas deverão ser baseadas nos dados recolhidos nesta etapa.

Tendo em atenção que o presente programa pretende trabalhar competências pro sociais em crianças através da promoção da consciencialização para a forma como os animais são tratados na sociedade portuguesa, este programa poderia ser aplicado em todas as escolas do país, contudo, seria preferível proceder-se à aplicação do presente programa em escolas cujo levantamento das necessidades indique um maior risco e maior número de casos de violência escolar e/ou relacionada com os alunos.

Após, a extensa revisão da literatura que foi feita na módulo da Fundamentação Teórica do presente projeto é possível realçar, então, um grupo de fatores de risco associados ao comportamento agressivo das crianças para com os animais: ausência empatia/remorsos; historial de outras forma de comportamento antissocial/delinquente; historial de violência em seio familiar (por exemplo, situações de violência doméstica); fortes e enraizadas crenças; historial de problemas psicológicos; pressão dos pares; necessidade de controlo; baixa autoestima.

Então, com o objetivo de identificar as necessidades de intervenção, de forma a adequar o programa de prevenção à população alvo da intervenção, seria importante fazer uma recolha de várias informações, tais como: o perfil sociodemográfico da comunidade em volta da escola e da escola em si; perceber qual a frequências de casos de atos de violência escolar, tais como, bullying, pequenos furtos, violência no namoro, pequenos tráficos, etc; perceber qual o impacto desses atos violentos na comunidade escolar, quer a nível de prejuízos financeiros, quer medo, insegurança, insucesso escolar, entre outros; é, ainda, necessário recolher informações relativamente ao ambiente familiar das crianças, como se são ambientes violentos e abusivos; será, ainda, de extrema relevância fazer um mapeamento da existência de outros programas de desenvolvimento de competências pro sociais a serem aplicados na escola, ou que foram aplicados no passado; o ideal seria fazer uma recolha de informação relativamente às crianças que violentam animais, contudo, este é um indicador de risco para a criminalidade ao qual é

dada pouca atenção em Portugal, ou seja, é muito provável que os dados relativamente a esta variável sejam inexistentes; para terminar, seria importante mapear instituições públicas, organizações governamentais, associações comunitárias para se constituírem como potenciais parceiros para a iniciativa.

Estas informações seriam, essencialmente, recolhidas em escolas, associações e CPCJs, assim como através de uma exaustiva análise da literatura científica portuguesa em relação aos fenómenos anteriormente mencionados. Com o fim de tentar focar o levantamento desta informação no contexto de aplicação específico do programa, poderá recorrer-se a técnicas como questionários e/ou entrevistas aos potenciais participantes, profissionais da escola e outros agentes sociais envolvidos.

3.4.2. Objetivos do Programa em Meio Escolar

O principal objetivo deste programa no âmbito da prevenção é reduzir a probabilidade de as crianças se envolverem em atos violentos para com terceiros e abusarem fisicamente de outras formas de vida (animais), tanto no presente como num futuro próximo.

Então, os objetivos do presente projeto, no contexto em questão passariam por auxiliar os jovens no que diz respeito a várias ferramentas de relação interpessoal, tais como:

- i) aumentar os níveis de empatia para com humanos e não-humanos;
- ii) aumento das relações positivas e laços entre o grupo;
- iii) desenvolver autoestima e autoconfiança;
- iv) trabalhar a consciencialização, bem como as atitudes favoráveis no âmbito do respeito pela vida humana ou animal;
- v) potenciar um ambiente escolar seguro;
- vi) prevenção de comportamentos violentos;
- vii) fazer escolhas responsáveis e desenvolver autonomia;
- viii) trabalhar técnicas de lidar com a raiva e a frustração e aprender a lidar com emoções e sentimentos de forma saudável.

3.4.3. Grupo de Intervenção e Equipa do Projeto

No âmbito da prevenção, o programa iria ser aplicado nas escolas, em crianças com idades compreendidas entre os 8-10 anos. Os critérios de seleção para a participação passariam essencialmente pela autorização dos encarregados de educação, em que assinariam um documento (Anexo 1). E, uma vez que estamos a falar de uma prevenção primária, características como nível socio económico, sexo, historial de problemas familiares, entre outros, não teriam grande relevância.

Convém, ainda ressaltar que antes de os encarregados de educação assentirem a participação das crianças no programa, a escola teria conhecimento sobre o mesmo através de um e-mail/carta de apresentação do programa, que pode ser encontrado em Anexos (Anexo 2). Este documento iria ser como que uma espécie de brochura de apresentação do projeto, com todas as informações relevantes sobre o mesmo. No mesmo e-mail/carta seria ainda pedido para se marcar uma reunião com o próprio diretor da escola para um melhor conhecimento sobre o programa e onde se pediria que o Diretor de Turma também estivesse presente. Nesta reunião tentar-se-ia, ainda, negociar com o mesmo que o programa seria dado a conhecer aos pais na reunião de início de ano letivo, através de uma breve apresentação de 10 minuto, onde os encarregados de educação assinariam o documento do consentimento e poderiam colocar qualquer tipo de questão que pudessem ter. É de notar que não é por os encarregados de educação assinarem o consentimento que as crianças são obrigadas a participar no projeto. O que com isto se quer dizer é que, estas também terão a possibilidade de dizer se querem ou não participar nas várias sessões ao longo do ano letivo. Para isso ser-lhes-ia entregue um documento para elas consentirem em relação ao que consentiam ou não por parte do programa e da equipa de implementação (Anexo 3).

A equipa do projeto seria constituída, preferencialmente, por dois criminólogos, sendo que ao nível da prevenção estes teriam de interagir com o Professor destacado dentro cada turma, de forma a que já existisse algum tipo de relação percebida como “segura” para as crianças, bem como o facto de permitir já ter um conhecimento prévio sobre o grupo em questão, o que pode ter influência na forma como o programa vai ser implementado, e, conseqüentemente, nos seus resultados.

3.4.4. Implementação do Programa na Escola

O que se pretende quando um programa é implementado, seja ele qual for, é levar a cabo as mais diversas atividades/tarefas que permitam atingir os resultados que se espera com a aplicação do mesmo (Federación Internacional de Sociedade de la Cruz Roja y de la Media Luna Roja, 2010).

Então, o programa iniciar-se-ia em junho, contudo, a sua aplicação já na escola iria coincidir com o primeiro mês de aulas (setembro). Logo no início do 1º período seria pedido aos professores indicados/responsáveis por cada turma para serem sujeitos a uma entrevista cujo objetivo é perceber melhor a individualidade de cada criança com que a equipa do projeto irá trabalhar. O guião para a presente entrevista encontra-se em Anexos (Anexo 4).

Uma vez que a implementação do programa não termina quando terminam as sessões havendo ainda por fazer a análise dos resultados do programa, não se pode afirmar que este termina em junho. Será, então, necessário estipular mais 1 ano para se fazer a análise dos resultados e tecer a avaliação final do impacto efetivo que o programa teve. Então, o programa começaria a ser aplicado nas escolas em junho (2018) e terminaria também em junho 2 anos depois (2020)⁸, isto supondo que já teria sido despendido um ano na avaliação das necessidades, pelo que, no total, o programa teria uma duração total de 3 anos.

Relativamente à implementação do projeto, este consiste num conjunto de atividades pensadas de forma a ser possível atingir, com sucesso, os objetivos gerais e específicos a que o presente programa se propõe, tendo sempre em consideração as características dos participantes, bem como o meio em que vai implementado, de forma a potencializar ao máximo os seus resultados positivamente.

⁸ Todos os programas passam por ciclo próprio e vicioso na medida em que todos partem de uma avaliação inicial, passando para a planificação do programa em si, havendo se seguida a fase de execução do programa sendo que no final haverá uma nova avaliação dos resultados e efeitos que o programa teve (Federación Internacional de Sociedades de la Cruz Roja de la Media Luna Roja, 2010). Pode dizer-se que se trata de um ciclo na medida em que após a avaliação final se irá perceber o que se pode melhorar para tornar o programa mais eficaz na próxima aplicação.

3.4.5. Metodologia de Implementação

No âmbito escolar seria efetuada uma sessão introdutória com todos os participantes para se apresentar o conteúdo da intervenção e os objetivos que se propõem atingir – sempre tendo em atenção que a linguagem teria de ser moldada tendo em consideração a faixa etária das crianças. Seria também realizada uma breve introdução de toda a equipa, e todos os participantes, neste caso os alunos, que também se deveriam de apresentar.

É, ainda de realçar que o presente projeto é constituído por quatro módulos distintos onde todas as sessões são maioritariamente dinâmicas de forma a se ir de encontro aos objetivos a que o programa se pretende atingir.

Apesar de o Programa “*Lado a Lado*” estar inserido numa disciplina da escola este não teria uma classificação, ou seja, os alunos não teriam uma nota no final, dado que o objetivo da implementação deste projeto não é forçar as crianças a modificar os seus comportamentos, mas fazer com que entendam a extrema importância de terem uma relação saudável com eles mesmos, com terceiros ou com animais pode ter no quotidiano e vida em sociedade. Como tal, a única coisa que se pretende e que deve de ser tida em consideração é a participação e proatividade do grupo ao longo das várias semanas da aplicação do programa.

3.4.6. Conteúdo do Programa

O presente programa é composto por trinta e duas sessões que duram todo o ano letivo, tendo a duração de 50 minutos e periodicidade semanal. As sessões estão organizadas em quatro módulos, sendo que cada módulo tem um enfoque e diferentes objetivos e atividades propostas.

A divisão deste programa em quatro módulos distintos teve como inspiração um programa planificado por Pereté (2017), “*Empathy Towards Animals: Preventing Adolescents from Violence*”, na medida em que o enfoque do programa idealizado passaria pela promoção de diversas competências sociais, sendo que a leitura do

programa mencionado orientou e encaminhou o caminho que já se pretendia seguir com o presente projeto.

3.4.7. Módulo I – Empatia

O Módulo I está dividido em 8 sessões e tem como principal objetivo o desenvolvimento e aumento dos níveis de empatia das crianças ao transmitir-lhes a ideia de que os animais, tal como os humanos são seres que têm sentimentos e emoções.

A primeira sessão será um pouco menos prática na medida em que grande parte do tempo servirá para a equipa do projeto apresentar o programa, as suas normas de funcionamento e o que se espera da turma ao longo de todo o ano letivo, bem como será preenchido o questionário inicial para se fazer a posterior avaliação do programa. Ainda com o intuito de ficar a conhecer melhor a turma e a turma a equipa irá ser realizada uma atividade de apresentação, *Quem sou eu?*, onde os alunos terão de se apresentar respondendo a questões já previamente pensadas.

A Sessão 2, denominada de o *Significado das Palavras* procura passar a ideia de quem nem todos atribuímos o mesmo significado aos acontecimentos, pelo que muitas vezes acabam por surgir mal-entendidos. Esta atividade é importante na medida em que as crianças vão ser desafiadas a respeitar o outro e a saber ouvir.

A *Caixa do Tesouro*, que corresponde à Sessão 3, procura desenvolver a auto estima e a autoconfiança dos elementos do grupo. Esta sessão é de extrema importância porque para o programa ter os resultados positivos que se espera que tenha, as crianças devem sentir-se confortáveis com elas mesmas, porque só depois de se aceitarem a eles mesmos e compreenderem aquilo que são, é que será possível eles pensarem e compreenderem as similaridades entre humanos e animais.

Na quarta sessão, com a atividade *Nós e Eles*, os alunos vão perceber que os animais e os humanos têm as mesmas necessidades, sendo que ao mesmo tempo irão trabalhar a empatia a fundo ao serem capazes de se colocar no lugar do outro. A segunda atividade da sessão 4, *Selvagem ou Doméstico?* irá esclarecer muitas das crenças que as crianças têm de que qualquer animal pode ser um animal de estimação (e vice versa), bem como

perceber que os animais de estimação, ao contrário dos animais selvagens, têm vindo a perder muita da sua habilidade para se viverem em meio selvagem.

A sessão da *Senhora Formiga*, gira em torno de uma história, *Hey, Little Ant*, sendo que nesta sessão os alunos irão, mais uma vez, refletir sobre a semelhança entre humanos e animais, enquanto que vão desenvolvendo empatia.

Na Sessão 6 – *Em Apuros*, os alunos vão ser desafiados a intervir numa série de situações em que vários cidadãos da cidade estão em apuros. Com esta pequena atividade os alunos vão poder trabalhar o sentido de responsabilidade, perceber a forma como a sociedade está organizada e aprender sobre o papel dos abrigos de animais.

Com o *Nunca Tinha Pensado Nisso!*, os alunos vão desenvolver o sentido de responsabilidade pela Planeta Terra e por todos os seus habitantes (animais, pessoas, plantas, etc). Os alunos vão aprender sobre as razões pelas quais os animais estão em perigo, sendo que muitas deles interferem também com os humanos, bem como refletir sobre mudanças que poderiam fazer, que podem ter um impacto positivo, ou pelo menos diminuir o impacto negativo, que certas atividades têm na vida animal e no bem-estar do planeta.

Para terminar o módulo, cujo principal enfoque é o desenvolvimento da empatia, a atividade *De Olhos Fechados*, irá fazer com que os alunos percebam que todos nós somos responsáveis pelos nossos animais e pelo bem-estar dos outros, bem como perceber o conceito de responsabilidade e dependência e a sua importância quando falamos em animais domésticos. Nesta atividade os alunos vão estar de olhos fechados e depender de um colega para completarem uma prova, pelo que durante a atividade sentimentos como medo, dependência e preocupação vão aparecer. Ao os alunos sentirem e não apenas falarem sobre estes sentimentos a empatia acaba por ser melhor trabalhada, sendo esta, uma ótima atividade para encerrar o Módulo I.

O guião para as atividades aqui referenciadas encontra-se em Anexos (Anexo 5).

Sessão 1	Apresentação do programa e das normas de funcionamento + Questionário Inicial + <i>Quem Sou Eu?</i>
Sessão 2	<i>Significado das Palavras</i>
Sessão 3	<i>A Caixa do Tesouro</i>
Sessão 4	<i>Nós e Eles + Selvagem ou Doméstico?</i>

Sessão 5	<i>Senhora Formiga</i>
Sessão 6	<i>Em Apuros</i>
Sessão 7	<i>Nunca Tinha Pensado Nisso!</i>
Sessão 8	<i>De Olhos Fechados</i>

Tabela 4) Atividades do Módulo I – Empatia

3.4.8. Módulo II – Respeito Pela Vida Humana e Animal

De forma a se trabalhar o respeito pela vida humana e animal o Módulo II tem oito sessões cujo principal objetivo é fazer os alunos pensar sobre as suas atitudes para com animais, onde se incluem os abusos socialmente aceitáveis e não aceitáveis.

A primeira sessão deste módulo, *Eu e o Outro*, não diz respeito de forma direta aos animais, contudo, os alunos vão trabalhar o respeito pelo outro, bem como desenvolver competências de relacionamento interpessoal ao serem desafiados com duas situações do seu quotidiano que têm de ultrapassar com diálogo/negociação. Esta atividade parece ser a indicada para iniciar o módulo do respeito dado que o objetivo deste programa não é, unicamente, diminuir os comportamentos violentos contra animais. A segunda parte deste módulo, passa por uma atividade (*Quem é Responsável?*) onde se pretende dar a conhecer às crianças as diferenças entre um dono responsável e um dono irresponsável, sendo esta atividade de extrema relevância na medida em que ensina a respeitar o animal de estimação.

Com a atividade da Sessão 10, *Animais à Nossa Volta*, os alunos irão fazer algo um pouco diferente na medida em que não lhes é pedido que passem os 50 minutos dentro da sala de aula. O que se propõe é um pequeno passeio nas imediações da escola onde observem os animais com os quais vivem em comunidade. Desta forma os alunos vão ficar a saber mais sobre os animais à sua volta e perceber que cada um tem o seu espaço, a sua família, a sua forma de agir, fomentando-se, assim, o respeito pela vida animal.

Nas Sessões 11, 12 e 13 procura-se fazer as crianças refletir sobre alguns dos hábitos que nós, enquanto seres humanos, temos e que podem afetar o bem-estar dos animais. Há uma vasta gama de atividades que o ser humano leva a cabo que podem ser consideradas como formas de maltrato aos animais, e que são socialmente aceitáveis,

como o caso da indústria da pecuária, os testes de produtos de beleza em animais, o uso de animais no entretenimento, touradas, etc. É, então, importante fazer os alunos refletir sobre estas condutas.

Então, na Sessão 11, com a atividade *Animais no Entretenimento*, os alunos vão ficar a conhecer a realidade dos elefantes na natureza em comparação com aqueles dos quais nós tiramos proveito, para espetáculos (zoos) ou jardins zoológicos. Na Sessão 12, com a história da *Senhora Baleia*, os alunos vão ser desafiados a pensar sobre certas ações inconscientes que nós praticamos que podem parecer pequenas, mas causar um enorme impacto na vida dos oceanos – como é o caso da poluição (neste caso dos oceanos), que mais não passa do que uma forma de maltrato inconsciente. Na Sessão 13, *Os Animais Também Têm Direitos*, os alunos irão refletir sobre o porquê de maltratarmos uns animais e outros não, seja por prática desportiva, alimentação, entretenimento, moda, etc. Nesta sessão pretende-se não só que eles desenvolvam o espírito crítico, mas também a empatia ao serem capazes de se colocar no lugar desses animais e de entenderem que todos partilham algumas necessidades. Então, com estas três sessões o que se pretende é desenvolver a empatia e o respeito pelos animais, o que poderá potenciar mudanças de comportamento.

A décima quarta sessão visa uma temática muito recorrente nos dias de hoje que é o *Bullying*. Esta sessão não estará intimamente ligada aos maus-tratos a animais, contudo, dado que o módulo em questão visa trabalhar o respeito para com humanos e animais é imperativo os alunos terem relações saudáveis com os seus pares.

O objetivo da Sessão 15 é passar informação aos alunos sobre a realidade dos maus-tratos a animais em Portugal. Então, o que se pretende é que um agente do SEPNA fale desta temática aos alunos e aborde alguns tópicos de extrema relevância, como as atividades praticadas diariamente que causam dano aos animais (lutas entre cães, abandono, negligência, maus-tratos, raças perigosas, o que fazer quando tomamos conhecimento de uma situação de abuso, colónias de gatos, etc) e frisar que as mesmas constituem crime e que é imperativo intervir e prevenir neste tipo de atos.

A Sessão 16, *Dia do Animal*, pretende-se que coincida com o dia do animal e será chamada uma associação de animais para ir falar sobre a associação, o que fazem para ajudar os animais, o que todos nós podemos fazer, sobre questões como a sobrepopulação animal (colónias de gatos, por exemplo) e como evitar, sobre

negligência, sobre quais os animais que não podemos ter em casa, etc. Nesta sessão, existe ainda a possibilidade de as crianças terem contacto com os animais uma vez que se irá pedir para a associação levar um ou dois para a escola, sendo que desta forma o impacto irá ser maior. Como nota de sugestão, seria até interessante esta sessão ser dada para toda a escola como forma de comemorar o dia do animal e de chegar a um maior número de alunos.

O guião para as atividades aqui referenciadas encontra-se em Anexos (Anexo 6).

Sessão 9	<i>Eu e o Outro + Quem é Responsável?</i>
Sessão 10	<i>Animais à Nossa Volta</i>
Sessão 11	<i>Animais no Entretenimento</i>
Sessão 12	<i>Senhora Baleia</i>
Sessão 13	<i>Os Animais Também Têm Direitos</i>
Sessão 14	<i>Bullying</i>
Sessão 15	<i>Como Podemos Proteger os Animais?</i>
Sessão 16	<i>Dia do Animal</i>

Tabela 5) Atividades do Módulo II – Respeito pela Vida Humana e Animal

3.4.9. Módulo III – Controlo da Raiva e Frustração

O terceiro módulo tem como objeto central a raiva e a frustração. Este módulo pretende, então, trabalhar competências como inteligência emocional⁹, ou outras dificuldades sentidas pelas crianças e que elas próprios queiram partilhar. O ponto fulcral destas sessões será ajudar as crianças a pensar sobre as suas reações aos conflitos, sobre os seus e sentimentos e aprender a lidar com as frustrações de uma forma mais construtiva.

As duas primeiras sessões do presente módulo (17 e 18) procuram trabalhar a inteligência emocional das crianças. Ao elas compreenderem as suas próprias emoções sentir-se-ão melhor com elas mesmas e, tenderão, a ver o espectro menos negativamente, deixando tudo de ser um problema. Dado que a adolescência é um período muito conturbado a nível emocional e repleto de conflitos é importante que as crianças tenham desde cedo as ferramentas que as permitam, quando chegarem a esta

⁹ Capacidade de monitorizar e diferenciar os próprios sentimentos e os do outro, e de utilizar a informação emocional para orientar o pensamento e ação (Leal, 2016).

fase, controlar as suas próprias emoções. Sendo que, conseqüentemente, se poderá fazer uma prevenção dos comportamentos violentos contra humanos e animais.

As sessões 19 e 21 oferecem duas alternativas ao controlo da raiva. A primeira passaria por uma aula de *yoga*, uma vez que são inúmeros os benefícios desta modalidade, destacando-se o a diminuição de ansiedade e depressão, um aumento do equilíbrio psicológico e emocional, bem como uma melhoria da autoestima e do autoconceito (Oken, et al., 2006). A segunda parte da sessão 19 passaria ainda pela prática de alguns exercícios de respiração na medida em que estes também apresentam resultados positivos no que diz respeito ao controlo da raiva e agressividade (TNN, 2017). A sessão 21, com o intuito de fornecer uma alternativa para os alunos se livrarem de toda a raiva e más energias acumuladas, através de um desporto de contacto que entre outros pode ter os seguintes impactos: controlo do stress, trabalha a força e a coordenação, autoconfiança e concentração (Panegassi, 2014). Esta última sessão pode ser extremamente benéfica para os alunos uma vez que a prática deste desporto pode constituir-se como uma forma de aumentar os níveis de autoestima das crianças, diminuir os níveis de ansiedade e frustração, de socializar com pares normativos e de ter um estilo de vida mais saudável, uma vez que a prática de desporto potencia todos estes fatores.

A vigésima sessão, intitulada *Situações Que Me Deixam Chateado*, procura, através de *role-play*, fomentar o trabalho em equipa e o desenvolvimento de laços entre os alunos da turma, ao mesmo tempo, que se vai trabalhando a empatia e tentando “solucionar” alguns problemas dos alunos. Nesta atividade pede-se que a turma se divida em grupos e que dentro de cada grupo os alunos partilhem problemas (reais ou imaginários) de forma a que os colegas os aconselhem sobre o que seria melhor para eles e se ponham no lugar do outro. Com esta atividade, não só os alunos estarão a desenvolver a empatia como estarão a partilhar situações angustiantes e difíceis com pessoas que os irão ouvir a aconselhar, combatendo-se, assim, contra sentimentos negativos que os alunos poderiam ter dentro de si.

Com a *Dinâmica das Emoções* (Sessão 22), com a dinâmica *Fico feliz quando...* e com a *Gaveta dos Sentimentos* (Sessão 24) pretende-se que os alunos aprendam a compreender o que sintam, que falem sobre os seus sentimentos e que se expressem. Este módulo visa a raiva e a frustração, mas não deixa de ser por isso que os

sentimentos positivos que as crianças poderão ter deixarão de ter tratados e abordados, já que se assim fosse estar-se-ia a pensar uma imagem errada dos sentimentos ao só focarmos os negativos.

O guião para as atividades aqui referenciadas encontra-se em Anexos (Anexo 7).

Sessão 17	<i>Aprender a Reconhecer Sentimentos I</i>
Sessão 18	<i>Aprender a Reconhecer Sentimentos II</i>
Sessão 19	<i>Yoga + Exercícios de Respiração</i>
Sessão 20	<i>Situações que me deixam chateado</i>
Sessão 21	<i>Arte Marcial</i>
Sessão 22	<i>Dinâmica das Emoções</i>
Sessão 23	<i>Fico feliz quando...</i>
Sessão 24	<i>Gaveta dos Sentimentos</i>

Tabela 6) Atividades do Módulo III – Controlo da Raiva e Frustração

3.4.10. Módulo IV – Atitudes Pro Sociais

O Módulo IV tem como objetivo a fomentação do desenvolvimento de atitudes pro sociais. Há uma vasta panóplia de trabalhos voluntários que crianças, jovens e adultos podem desenvolver pelo que se pensou ser algo muito proveitoso. Também, seria uma ótima oportunidade para fazer novos amigos. Com a participação em atividades voluntárias relacionadas com animais e pessoas as crianças iam, não só desenvolver um sentido de responsabilidade, como iam tomar consciência do mundo que as rodeia enquanto que poderiam, ainda, aumentar a sua autoestima ao se sentirem uteis e importantes para a sociedade.

A primeira sessão deste módulo (Sessão 25) procura que as crianças tomem conhecimento dos papéis desenvolvidos pelas mais diversas profissões na segurança e proteção dos animais. A Sessão 27 terá como intuito que as crianças desenvolvam consciência pessoal e social, bem como que aprendam a pedir desculpa e ajuda.

Com a atividade *E agora?*, Sessão 29, os alunos irão ser capazes de identificar os problemas que tendem a levar ao abandono dos animais, bem como procurar soluções para estes.

Estão, ainda, previstas três visitas de estudo (Sessão 26, 28, 31). A primeira é a um Santuário de Animais, onde os alunos poderão ver de perto o trabalho das pessoas que cuidam dos animais que foram resgatados de situações de abuso e/ou negligência. A visita de estudo ao Banco Alimentar pretende que as crianças percebam que há imensas coisas que podem fazer para melhorar a sociedade e a vida das pessoas que mais precisam, não só dos animais. Por fim, na terceira visita de estudo (Sessão 31) os alunos poderão ver um abrigo de animais, ver os animais, ter contacto com eles, perceber quais são os problemas mais comuns entre os animais que lá estão, qual é o papel do voluntário na vida destes animais e do abrigo, entre outras. No geral, pode, assim, entender-se que as três visitas poderão acrescentar um grande valor ao programa e à vida tanto académico como social das crianças já que irão ser três experiências enriquecedoras a nível pessoal e que permitem e mostram às crianças aquilo que elas podem fazer para tornar o mundo num lugar mais bonito.

Na Sessão 30, o grupo irá visualizar um filme que mostra o percurso de vida de um porquinho. É um filme bonito e com uma forte mensagem que certamente irá marcar as crianças positivamente.

A última Sessão apenas contemplará o questionário final e um lanche que a equipa querará partilhar com turma para se poderem despedir.

O guião para as atividades aqui referenciadas encontra-se em Anexos (Anexo 8).

Sessão 25	<i>Quem faz o quê?</i>
Sessão 26	Visita de Estudo: Santuário de Animais
Sessão 27	<i>Se Respeitas o Outro Também Serás Respeitado</i>
Sessão 28	Visita de Estudo: Banco Alimentar
Sessão 29	<i>E agora?</i>
Sessão 30	Filme: <i>Babe</i>
Sessão 31	Visita de Estudo: Associação de Animais
Sessão 32	Questionário final + lanche

Tabela 7) Atividades do Módulo IV – Atitudes Pro Sociais

3.4.11. Instrumentos, Materiais e Recursos

Para a aplicação deste programa é necessário recorrer-se a materiais específicos (que se encontram em *Anexo*) sendo que, de um modo geral, este não seria um programa dispendioso, dado que apenas se prevê o uso de projetores, apresentações *power-point*, fichas de trabalho, lápis, canetas e pouco mais.

Em relação ao local, a maioria das sessões está prevista ser realizada na escola, mais especificamente na sala de aula, sendo que para um número muito reduzido delas será necessário o ginásio. Há, contudo, uma exceção. Uma vez que estão previstas três visitas de estudo fora do perímetro escolar seria necessário reservar um autocarro escolar de forma a levar os alunos para os respetivos locais.

3.4.12. Avaliação

Indo de encontro aos objetivos que o programa pretende atingir é necessário proceder-se à sua avaliação de forma a perceber-se qual foi, o impacto efetivo que este teve na população na qual foi trabalhado.

Para tal, foi criado um questionário, que foi buscar informação e organização a diversas fontes de conhecimento, sendo elas: (Yazıcıoğlu, 2015; Taylor-Powell, 1998; Taylor-Powell, Rossing, & Geran, 1998; Fetzer Institute; Limpo, Alves, & Catro, 2010; Rodrigues, 2016; Zoll & Enz; Emauz, Esteves, Gaspar, & Fonseca, 2016; Peretó, 2017). O questionário encontra-se em Anexos (Anexo 9).

1) Metodologia

A avaliação deste programa faz-se no início do ano letivo e no final. O questionário presente em Anexo (Anexo 9) é composto por 42 itens, que estão divididos em 2 grupos. O primeiro grupo diz respeito à informação sociodemográfica e o segundo grupo aborda questões relacionadas com níveis de empatia, comportamentos violentos e respeito e autoestima. Não é por acaso que há uma estreita relação entre os Módulos das sessões que serão aplicadas durante o ano letivo e os questionários de avaliação.

As crianças terão de concordar ou discordar com uma série de afirmações, com os seguintes graus de concordância “Não concordo nada” (1 ponto), “Não concordo” (2 pontos), “Não concordo nem discordo” (3 pontos), “Concordo” (4 pontos) e “Concordo muito” (5 pontos). Para ser de mais fácil percepção e divertido para as crianças, criou-se uma escala de respostas com *thumbs up* respondentes a cada um dos graus de concordância. Admite-se, ainda, a opção “Não concordo nem discordo” (correspondente ao polegar a meio termo) de forma a se evitarem resposta enviesadas e a os resultados finais da avaliação serem o mais fidedignos possível.

Quanto mais alta a pontuação, maiores os níveis de empatia e autoestima e menores os índices de agressividade. O que se espera no final do programa é que todos os alunos apresentem uma melhoria substancial no que diz respeito a estas três características. Ou seja, 185 será a pontuação máxima que se poderá obter e 37 a mínima, sendo que o ideal que todos os alunos tenham a pontuação o mais elevada possível. No final, o que se pretende fazer com estes resultados é passa-los a uma percentagem quantitativa daquilo que se pretendeu avaliar e poder exercer forma de comparação por meio de uma escala de pontos.

É, então, importante realçar que para ser possível ir ao encontro do que se pretende com este programa e à chegada aos seus objetivos de forma extremamente positiva é necessário perceber qual o seu efeito efetivo. E, para tal não basta passar um questionário para as crianças preencherem no início e no final do ano letivo. Será necessário ter um meio de comparação.

Então, como forma de comparação pressupõe-se a existência de grupo controlo (onde o programa não seria aplicado), para se poder comparar com mais segurança os resultados obtidos do grupo experimental. Este grupo de controlo teria características sociodemográficas semelhantes às do grupo onde o programa seria aplicado. E, para uma melhor avaliação e uns resultados mais fidedignos, o Questionário de Avaliação Inicial e o Questionário de Avaliação Final, em *Anexos* (Anexo 9), teriam de ser preenchidos por ambas as turmas no mesmo dia, no iniciar e no finalizar do ano letivo. Também para esta turma seria necessário dar, antes de tudo, a conhecer o programa ao Diretor da Instituição, e ao Diretor de Turma que administraria os questionários, contudo, todas as outras formalidades seriam dispensadas na medida em que o programa

não seria efetivamente aplicado na referida turma, por esta constituir o Grupo de Controlo.

Para tornar a avaliação do programa um aspeto não inteiramente grupal e geral e com o intuito de a individualizar e perceber ainda mais especificamente quais os resultados da intervenção está, ainda, prevista uma avaliação individual de cada criança. Esta avaliação seria feita pelo Professor que irá acompanhar a aplicação do programa durante o ano letivo, que deverá de ser o Diretor de Turma, não sendo um aspeto vinculativo na medida em que o que realmente importa é que seja o mesmo Professor a realizar a avaliação no início e no fim da aplicação do programa.

Esta avaliação, em forma de entrevista, cujo guião se encontra em *Anexos* (Anexo 4), irá abordar tópicos como o comportamento em sala de aula, relação com colegas e competências sociais, e irá servir como comparação de forma a se ver o efeito efetivo que o programa teve no grupo alvo. É importante referir que esta metodologia de avaliação é meramente qualitativa, não perdendo por isso relevância científica dado que o que se pretende com este instrumento não é a produção de uma percentagem, escala ou estatística, mas sim algo mais no âmbito das melhorias efetivas que se deram durante as semanas de aplicação do programa.

Para ser possível uma percepção ainda maior do impacto da aplicação do programa no tempo propõe-se a realização de uma avaliação *follow-up*. Esta avaliação poderá ser mais complicada de ser realizável na medida em que pressupõe que seja feita passado 6 meses, 1 ano, 1 ano e meio e 2 anos. Sempre se passando o mesmo questionário (Anexo 9). O problema aqui em questão é que as crianças muitas vezes mudam de escola o que iria dificultar ou mesmo impossibilitar esta avaliação de *follow-up*.

2) Questionário de satisfação

Uma vez que o alvo deste programa foram as crianças considera-se importante saber qual a opinião, as percepções e ideias principais com que ficaram da aplicação do programa.

Para tal, está previsto passar-se um questionário no final de cada sessão (Anexo 10) para os meninos a poderem avaliar. O questionário será muito breve e simples, e seguirá a mesma escala de avaliação do acima citado – *thumbs up*. Seria, também, distribuído um

questionário (Anexo 11) na última sessão (Sessão 32) com o objetivo de avaliar o programa de forma geral.

Como os professores também desempenharam um papel de extrema importância ao longo de todo o ano letivo e da aplicação do programa também lhes seria passado um questionário de satisfação (Anexo 12) para avaliarem o projeto de uma forma geral, bem como a equipa e as mudanças que notou nos alunos. Desta forma a equipa pode perceber como aumentar a eficácia e o que melhorar no programa em futuras aplicações.

3.5. O Programa “Lado a Lado” em Contexto Prisional

3.5.1. Avaliação das Necessidade do Público-alvo

Os programas de intervenção devem ser adequados à população à qual se destinam, ajustando objetivos e processos de implementação dos mesmos, assim como providenciando feedback sobre qual o impacto do mesmo e como o programa pode ser melhorado, garantindo assim um ponto de partida suficiente para os profissionais responsáveis pelo mesmo (University Of Central Florida, 2008).

Após a implementação do Programa “Lado a Lado” em contexto escolar, este não poderá ser aplicado à população prisional sem uma adequação dos objetivos, técnicas e estratégias de intervenção, sendo necessário ter sempre em atenção que todas as decisões tomadas deverão ser baseadas nos dados recolhidos nesta etapa.

Tendo em atenção que o presente programa pretende trabalhar competências pro sociais em indivíduos que cometeram crimes violentos, e que tenham um historial de maus-tratos a animais é de extrema relevância fazer o levantamento de quais os indivíduos que se encaixam neste perfil. Porém, é necessário salientar que é com muita dificuldade que se consegue perceber quais são, efetivamente, as necessidades de intervenção da população criminal portuguesa relativamente a este fenómeno criminal devido à falta de atenção que é dada a este comportamento criminal, pelo que toda a informação sobre esta problemática é fruto de investigações realizadas noutros países.



Figura 16) A ponta do iceberg de uma realidade esquecida (National Link Coalition, (s/d)). [Em linha]. Extraído de <http://nationallinkcoalition.org/faqs/what-is-the-link>.

Como em Portugal a relevância dada a esta problemática é praticamente nula, quando se sabe de casos em que os animais são maltratados estes são ignorados, no entanto, na maioria das vezes, estes são a “*ponta do iceberg*” para uma série de outras problemáticas antissociais e/ou desviantes.

Então, problemáticas de extrema gravidade como a violência doméstica ou os maus-tratos a crianças acabam por passar em frente dos olhos das nossas forças de segurança, sendo que são ignoradas, enquanto que este bem que podia ser um caminho a seguir na identificação destes casos de violência bem como na sua respetiva prevenção.

Porém, apesar de o fenómeno não ser percecionado como um comportamento que merece a atenção académica, judicial e social de toda a população, de um modo geral, a verdade é que os estudos, realizados noutros países, mostram que a crueldade mais violenta e intencional a animais podem ser um factor de risco para outros comportamentos antissociais (Domestic Violence Roundtable, 2008; ASPCA Legislative Services, 2007; Fink, 2017; Lockwood & Arkow, 2016; Faver & Strand, 2003; Becker & French, 2004; Bright, Huq, Spencer, Applebaum, & Hardt, 2018).

Randall Lockwood, reuniu uma lista de indicadores que devem alertar as autoridades para esta problemática sendo alguns deles:

- i. a vulnerabilidade da vítima - quanto mais pequeno ou inofensivo o animal mais mostra a necessidade de poder e controlo do ofensor, sendo que pode, também, significar mais perigo de agressão para crianças, idosos entre outras vítimas mais vulneráveis;

- ii. o número de vítimas – um número elevado de vítimas pode ser indicador de uma violência descontrolada;
- iii. o número de ofensas num curto espaço de tempo – ataques separados em termos de tempo e espaço podem ser reflexo de um estilo predatório que sugere um estilo predatório organizado e premeditado;
- iv. a severidade das ofensas;
- v. a repetição das lesões – no geral, os ofensores que infligem várias facadas, murros, entre outros em uma ou mais vítimas podem ser considerados de alto risco;
- vi. a multiplicidade das lesões – os ofensores que infligem duas ou mais formas de causar dano na vítima (por exemplo, queimar e esfaquear) devem ser considerados ofensores com um alto nível de perigosidade¹⁰;
- vii. a intimidade da agressão – abusos que envolvem contacto direto com o animal como por exemplo, esmagar, pendurar, esfaquear, podem ser indicadores de uma maior perigosidade, em comparação com agressões como envenenamento, atropelamento, entre outras;
- viii. a incapacidade de movimento da vítima – abusos que requerem atar, amordaçar, fechar em caixas ou sacos, sugerem um nível mais elevado de intencionalidade e premeditação da violência;
- ix. o uso de fogo – um grande número de estudos da Criminologia e da Psicologia apontam para a ligação entre o fogo posto e a crueldade para com os animais, como indicadores de comportamentos e crimes violentos;
- x. a duração do abuso – quando o abuso passa mais pela agressão do que por algo mais instantâneo pode ser um indicador para a potencialidade de o ofensor vir a praticar atos agressivos contra outras vítimas;
- xi. a premeditação – atos que foram premeditados ao invés de serem oportunistas sugerem um maior risco, sendo que uma planificação a longo termo (dias ou semanas) sugere a possibilidade de se estar perante alguém com tendências para a psicopatia;

¹⁰ O conceito de perigosidade é amplamente usado nos dias hoje, não sendo ele de fácil ou consensual definição, conhecendo diferentes conceptualizações em diferentes áreas (por exemplo, direito, criminologia, psiquiatria, psicologia, políticas criminais), reportando-se, contudo, à qualidade do que é perigoso ou representa perigo – para si e para os outros/sociedade (Manita, 2016).

- xii. abusos que envolvem passar barreiras – podem mostrar o empenho do ofensor, sendo um indicador de que se está perante alguém extremamente motivada;
- xiii. abusos com alto risco de detenção e que requerem observação;
- xiv. cometimento de outros crimes no mesmo local do abuso – vandalismo, furto, ameaça, coação, devem ser vistos como um indicador de maior propensão para o cometimento de outros comportamentos violentos;
- xv. o abuso ao animal foi usado como forma de ameaçar ou intimidar uma vítima humana;
- xvi. passado de interações positivas com a vítima – mostra a instabilidade das relações emocionais do ofensor;
- xvii. desmembramento ou mutilação *post mortem* – associados à desorganização, poder e controlo, que por sua vez estão associados à violência interpessoal;
- xviii. abusos sexuais – a erotização dos abusos a animais é uma das características presente em vários abusadores sexuais e homicidas;
- xix. quando o abusador projeta características humanas na vítima – se se vir a perceber que o ofensor viu o animal como alguém específico, sendo um substituto, então, este ato pode ser visto como um “ensaio” para mais tarde vir a praticar na pessoa em questão;
- xx. documentação do abuso – mostra que os abusos continuam a ser uma fonte de prazer;
- xxi. regresso ao local do abuso – mostra uma maior propensão de reencenação e repetição dos comportamentos;
- xxii. quando o ofensor deixa mensagens ou ameaças;
- xxiii. envolvimento de atos ritualistas ou satânicos – mostra uma rejeição das normas sociais e, ao mesmo tempo, tentativas de procurar o poder e controlo através de processos mágicos;

Então, para se avaliar cuidada e o mais realisticamente possível as necessidades de intervenção é de extrema relevância ter uma postura aberta, científica e humana, e, ao mesmo tempo, articular com alguns fatores de extrema relevância e que podem apontar para a existência de uma necessidade de intervenção, tais como: o funcionamento cognitivo, a culpa, o estado mental e personalidade, a história social e desenvolvimento, o funcionamento familiar, a existência de perturbações do foro sexual, o funcionamento

profissional, passado de delinquência ou problemas de conduta, fatores de risco e proteção, empatia e reconhecimento da vítima e as características do abuso (Colorado LINK Project, 2013).

Além dos indicadores acima citados, após a extensa revisão da literatura levada a cabo no módulo da Fundamentação Teórica do presente trabalho é possível, ainda, reunir um conjunto vasto de fatores de risco associados ao perpetrador de maus-tratos para com animais e ao perpetrador de comportamentos violentos de forma geral: contextos de pobreza, situações de desemprego, comunidades com elevado nível de desigualdade social, contextos com grandes oportunidades criminais, fracos meios de controlo social informais, historial de comportamentos antissociais, impulsividade, procura de sensações, pares antissociais, fortes e enraizadas crenças e cogações, falta de empatia, historial de violência no seio familiar, delinquência juvenil e historial de problemas psicológicos.

Então, para se proceder a uma aplicação deste programa na qual seja possível tirar o máximo proveito é importantíssimo recolher-se informações relativas aos comportamentos e fatores de risco e proteção relacionados com o fenómeno, tais como: o perfil sociodemográfico da comunidade em que o individuo se insere; perceber qual o número efetivo de indivíduos que levam a cabo comportamentos extremamente violentos e que maltratam animais; o historial de comportamentos antissociais; a existência de perturbações psicológicas; a existência de uma personalidade antissocial; cogações antissociais; pares desviantes; abuso de substâncias; será, ainda, de extrema relevância fazer um mapeamento da existência de outros programas de desenvolvimento de competências pro sociais a serem aplicados em contexto prisional, ou que foram aplicados no passado; para terminar, seria importante mapear instituições públicas, organizações governamentais, associações comunitárias para se constituírem como potenciais parceiros para a iniciativa.

Estes dados poderiam ser recolhidos a partir das estatísticas oficiais (ex. RASI) e da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), assim como através da observação direta, aplicação de instrumentos de avaliação de risco ou da consulta dos processos individuais.

3.5.2. Objetivos do Programa em Contexto Prisional

Uma vez que os maus-tratos para com animais de companhia em Portugal são algo que marca o quotidiano da sociedade portuguesa, e que já fora evidenciado para trás a relação que podem ter com outras formas de comportamento violento, uma intervenção neste tipo de comportamentos só trará resultados positivos, nomeadamente ao nível das habilidades e competências sociais:

- i. aumentar os níveis de empatia ao se ensinar respeito e compaixão para com humanos e não-humanos;
- ii. promoção da autoconfiança e autoestima dos sujeitos;
- iii. trabalhar a consciencialização e a prática de atitudes favoráveis no âmbito do respeito pela vida humana ou animal;
- iv. melhoria do comportamento dentro do estabelecimento prisional;
- v. potenciar a reabilitação do sujeito;
- vi. trabalhar técnicas de como lidar com a raiva e a frustração;
- vii. melhor relação e ambiente prisional;
- viii. fazer escolhas responsáveis e desenvolver autonomia;
- ix. trabalhar habilidades pro sociais como a comunicação, a negociação e a resolução de problemas;
- x. aprender a lidar com sensações e emoções negativas de forma mais saudável;
- xi. diminuição de depressão, comportamentos violentos e ansiedade.

3.5.3. Grupo de Intervenção e Equipa do Projeto

Os critérios de seleção para a implementação deste projeto, passariam, essencialmente, pela verificação de se o individuo em causa cometera qualquer tipo de crime violento em concomitância com um historial de maus-tratos a animais.

Em relação à equipa do projeto, seria, idealmente, constituída por dois Criminólogos, sendo que trabalhariam em conjunto com os técnicos de reinserção social nas fases de avaliação.

De uma forma geral, também haveria a possibilidade de o programa ser aplicado por Psicólogos ou Técnicos de Serviço Social, no entanto, pode admitir-se que, tendo em

conta a problemática trabalhada no presente projeto, o Criminólogo seria aquele que, provavelmente, dominaria mais a temática em questão, devido à experiência profissional que poderia já ter na área, bem como devido à sua formação acadêmica.

3.5.4. Implementação Do Programa

À semelhança da prevenção em meio escolar, no âmbito da intervenção seria efetuada uma sessão introdutória com todos os participantes para se apresentar o conteúdo da intervenção e os objetivos que se propõem atingir, para se apresentar a equipa e o grupo em questão e para se abordarem todas as questões éticas inerentes à aplicação do programa – apesar de o programa poder funcionar como uma medida imposta judicialmente não deixam de haver inúmeras questões que devem de ser tidas em consideração quando trabalhamos com pessoas.

Tendo ainda em atenção que o presente projeto é constituído por quatro módulos distintos sendo que todos eles se apresentam como extremamente dinâmicos e necessários para a se atingirem os objetivos a que o programa se propõe todos eles seguiriam a mesma estrutura ao longo das semanas em que seriam aplicados.

Como forma de contextualizar a equipa do projeto vê-se como imperativo a realização de um levantamento das necessidades feito pelo técnico de reinserção responsável pelo indivíduo em causa. Este levantamento, à semelhança do explanado acima relativamente à aplicação em meio escolar consistiria, idealmente uma entrevista ao Técnico de Reinserção, de onde se pretendia extrair informações relativamente a competências sociais, empatia, agressividade, autoestima, entre outros, sempre tendo em visto uma necessidade de conhecer melhor o indivíduo e perceber quais seriam, efetivamente, as suas necessidades de intervenção.

O presente programa seria, idealmente, composto por trinta e duas sessões com duração de 50 minutos e periodicidade semanal. As sessões encontram-se organizadas em quatro módulos, à semelhança do programa em contexto escolar, sendo que cada módulo tem um enfoque e diferentes objetivos e atividades propostas (Módulos: Empatia, Raiva e Comportamentos Violentos, Atitudes Pro sociais e Respeito Pelo Outro: Humano ou Animal).

4. Conclusão

Como já fora exposto na revisão da literatura, o abuso e maltrato de animais constitui-se como um preditor e indicador de outras formas de criminalidade grave como agressões violentas ou ambientes disfuncionais em meio familiar, então, as pessoas que maltratam animais apresentam maior probabilidade de vir a cometer crimes violentos no futuro (Arkow, 2013).

A ligação entre a crueldade para com animais quer na infância, quer na adolescência, quer já na idade adulta, bem como os comportamentos criminais violentos têm vindo a ser um tópico que chama o interesse já há algum tempo, na medida em que os maus-tratos praticados contra animais estão intimamente relacionados com outras formas de criminalidade, tal como violência doméstica, maltrato a idosos, violência entre pares, crimes de fogo posto, ofensas sexuais, entre outros (Colorado LINK Project, 2013). Por esta mesma razão, os maus tratos a animais devem de ser levados muito seriamente já que podem ser um preditor de comportamento violento bem como podem auxiliar na identificação de certas ocorrências criminais.

Trabalhar competências como empatia, autoestima e altruísmo é a forma mais eficaz de reduzir os comportamentos violentos em todas as faixas etárias (McPhedran, 2009). Contudo, é importante realçar que trabalhar o desenvolvimento destas competências por si só não é suficiente senão o presente programa seria a resolução para inúmeros dos problemas criminógenos da sociedade. Por este mesmo motivo é que o objetivo deste programa é aumentar e desenvolver o respeito por humanos e não humanos, enquanto que se dá e trabalham ferramentas que possibilitam tanto a crianças, como jovens, como adultos, a aprendizagem de competências como o controlo da raiva e frustração, o aumento do respeito pelo outro e por si, e que encorajam à prática de atitudes pro sociais.

O que se espera deste programa é que os resultados finais evidenciem um aumento de competências pro sociais como empatia, compaixão, respeito pela natureza e animais, respeito pelo outro, controlo da frustração e uma melhor competência para a resolução de conflitos. Espera-se, ainda, atingir uma diminuição da probabilidade de as crianças/jovens e de indivíduos adultos levarem a cabo comportamentos delinquentes, sendo este programa uma espécie de investimento a longo prazo, dado que ao se prevenir este tipo de comportamentos tão cedo, que têm mostrado ser um preditor de

criminalidade no geral, se estaria a caminhar, no futuro, para uma sociedade com menores taxas de criminalidade. E, ao mesmo tempo, potenciar o desenvolvimento de uma sociedade mais segura, mais consciente, mais equilibrada e mais evoluída, onde todos os serem são respeitados e tidos em consideração.

Como tudo o que foi criado e desenvolvido pela mente humana até hoje, este programa apresenta as suas limitações e os seus pontos fracos. Em relação aos pontos fracos pode admitir-se que um dos primeiros é o facto de os resultados e eficácia do programa dependerem muito da forma como os grupos alvo encaram a intervenção.

No que diz respeito à aplicação deste programa na prisão, o mais importante seria trabalhar a motivação de forma a que o grupo aceite o programa e o vejo como algo positivo e do qual podem tirar proveito. No entanto, quando lidamos com pessoas não podemos impor-lhes o nosso modo de viver nem ideias, podemos apenas tentar mostrar-lhes o nosso lado, aceitando sempre o delas e tirando do foco a ideia egocêntrica que sempre temos que a nossa forma de viver é que é a melhor, a mais correta e que faria toda a gente feliz.

Em relação à implementação em meio escolar, este problema também existiria, principalmente se as crianças já tiverem ideias preconcebidas desta temática, se se recusarem a participar nas sessões, se virem o programa como algo inútil e se não tiverem uma mente aberta para as questões em causa. Outra questão que se acrescenta é o facto de as crianças estarem dependentes da autorização dos pais para participarem no programa e a dificuldade que pode ser encontrada para se proceder à avaliação de *follow-up*.

Em contradição aos pontos fracos, podemos afirmar que este programa apresenta também os seus aspetos positivos. Em termos de prevenção primária este projeto é inovador, apelativo, interessante, promissor, dinâmico e *out of the box*. Outra factor que só lhe acrescenta valor é facto de ser algo que nunca fora pensado ou implementado em Portugal. Em relação aos custos, a grande maioria deles seria apenas humanos com os gastos que se iria ter em pagar à equipa implementadora, podendo assim afirmar-se que é um programa sustentável. É ainda de realçar o facto de o programa não se focar apenas nos aspetos negativos que os indivíduos têm – tanto ao nível escolar como prisional – na medida em que se apresenta como uma visão positivista da realidade e mudanças sociais, deixando de fora os défices e procurando seguir um outro caminho.

A título mais pessoal é importante trabalhar de forma a ser possível viver-se numa sociedade mais harmoniosa e consciencializada não só para as atitudes violentas contra pessoas, mas também contra animais, não só por este último ser um indicador de risco de criminalidade e/ou comportamentos antissociais, mas também porque evidencia um certo desenvolvimento social e moral, sendo essa uma sociedade (quase) ideal de acordo com os valores que partilho e aquilo em que acredito.

Com o presente projeto de graduação pretende-se, também, chamar atenção para estas problemáticas em Portugal, coloca-las mais na agenda científica devido à extrema importância que têm.

No fundo, todos temos a obrigação de contribuir para o desenvolvimento e criação de uma sociedade mais justa, onde adjaz a ideia de que é a respeitar-se o Outro pessoa e o Outro animal que se cria uma grande nação – *“A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo como trata os seus animais”* (Ghandi).

5. Bibliografia

- Agnew, R. (1998). The Causes of Animal Abuse: A Social-Psychological Analysis. *Theoretical Criminology*, pp. 177-209.
- Agnew, R. (2009). Why do individuals engage in crime? Em T. Newburn, *Key Readings In Criminology* (pp. 169-173). Canada: Willan Publishing.
- Akers, R., & Sellers, C. (2013). *Criminological Theories: Introduction, Evaluation, and Application*. Oxford University Press.
- American Humane. (2010). *Operational Guide: Humane Education*. American Humane Association. [Em linha]. Disponível em <https://www.americanhumane.org/app/uploads/2016/08/op-guide-humaneed-1.pdf>. [Consultado em 16/03/2018].
- American Society for the Prevention of Cruelty to Animals. (s.d.). *Humane Education Resource Guide: A Guide For Elementary School Teachers on New York State*. ASPCA Humane Education Department. [Em linha]. Disponível em <http://www.uft.org/files/attachments/humane-ed-resource-guide.pdf>. [Consultado em 16/03/2018].
- Andrews, D. A., Zinger, I., Hoge, R., Bonta, J., Gendreau, P., & Cullen, F. (1990). DOES CORRECTIONAL TREATMENT WORK? A CLINICALLY RELEVANT AND PSYCHOLOGICALLY INFORMED META - ANALYSIS. *Criminology*, 28. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/264637995_Does_Correctional_Treatment_Work_A_Clinically_Relevant_and_Psychologically_Informed_Meta-Analysis. [Consultado em 28/03/2018].
- Animal Liberation. (s.d.). *Educating others for a more humane and sustainable future*. Obtido de The psychology of violence against animals. [Em linha]. Disponível em <https://animal-lib.org.au/campaigns/animal-rights-theories/the-psychology-of-violence-against-animals>. [Consultado em 21/03/2018].
- Animal Welfare Institute . (s.d.). *SIGNS OF ANIMAL ABUSE FOR CHILD PROTECTION WORKER AND OTHER HUMAN SERVICE PERSONNEL*. [Em linha]. Disponível em <https://awionline.org/content/signs-animal-abuse-child-protection-worker-and-other-human-service-personnel>. [Consultado em 04/03/2018].
- Animal Welfare Institute. (2018). *Animal Programs*. [Em linha]. Disponível em <https://awionline.org/content/animal-programs>. [Consultado em 04/04/2018].
- Arkow, P. (2013). *The Link between Violence to Animals and People*. National District Attorneys Association.
- Arluke, A., & Luke, C. (1997). *Physical Cruelty Toward Animals in Massachusetts, 1975-1996*. UK: The White Horse Press. [Em linha]. Disponível em <https://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2015/10/arluke.pdf>. [Consultado em 24/02/2018].
- Arluke, A., & Madfis, E. (2013). Animal Abuse as a Warning. *Homicide Studies*, XX, pp. 1-16.

- Ascione, F. (1992). Enhancing Children's Attitudes about the Humane Treatment of Animals: Generalization to Human-Directed Empathy. *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals*, 5(3), pp. 176-191. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/233663051_Enhancing_Children's_Attitudes_about_the_Humane_Treatment_of_Animals_Generalization_to_Human-Directed_Empathy. [Consultado em 23/04/2018].
- Ascione, F. (2001). Animal Abuse and Youth Violence. (U. D. Justice, Ed.) *Juvenile Justice Bulletin*.
- Ascione, F., & Shapiro, K. (2009). People and Animals, Kindness and Cruelty: Research Directions and Policy Implications. *Journal of Social Issues*, 65, pp. 569-587. [Em linha]. Disponível em <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1540-4560.2009.01614.x>. [Consultado em 22/03/2018].
- Ascione, F., Weber, C., & Wood, D. (1997). *The Abuse of Animals and Domestic Violence: A National Survey of Shelters for Women Who Are Battered*. Society and Animals. [Em linha]. Disponível em <https://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2015/10/ascione.pdf>. [Consultado em 13/03/2018].
- ASPCA Legislative Services. (2007). *The Connection Between Domestic Violence & Animal Abuse*. [Em linha]. Disponível em https://aspapro.org/sites/pro/files/domestic_violence_and_animal.pdf. [Consultado em 03/04/2018].
- Assembleia da República. (2017). *Lei 8/2017 de 3 de Março*. [Em linha]. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/106549655/details/maximized>. [Consultado em 14/04/2018].
- Axford, M. (2007). *What Works for Anger Management*. Ottawa: Crime Prevention Ottawa. [Em linha]. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/df12/54720c8fc4fd5b8f9a181690f7d89f63d0f0.pdf>. [Consultado em 10/03/2018].
- Azevedo, T. (22 de 12 de 2015). *Comportamento Antissocial: Causas, Sintomas e Tratamentos*. Psicoativo. [Em linha]. Disponível em <http://psicoativo.com/2015/12/comportamento-antissocial-causas-sintomas-tratamentos.html>. [Consultado em 07/03/2018].
- Bahls, S. C., & Navolar, A. B. (2004). Terapia Cognitivo-Comportamental: Conceitos e Pressupostos Teóricos. *Revista Eletrônica de Psicologia*, 04.
- Baldry, A. C., & Farrington, D. (2010). Individual risk factors for school bullying. *Journal of Agression*, 2, pp. 4-16. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/237940159_Individual_risk_factors_for_school_bullying. [Consultado em 13/04/2018].
- Barreto, S. d. (2007). *Habilidades Sociais na Comorbidade entre Dificuldade de Aprendizagem e Problemas de Comportamento: Uma Avaliação Multimodal*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas.
- Barreto, S. d., Freitas, L. C., & Del Prette, Z. A. (2011). Habilidades sociais na comorbidade entre dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento: uma avaliação multimodal. *Psico*, 42, pp. 503-510. [Em linha]. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/7593/7457>. [Consultado em 11/03/2018].

- Becker, F., & French, L. (2004). Making the Links: Child Abuse, Animal Cruelty and Domestic Violence. *Child Abuse Review*, 13, pp. 399-414. [Em linha] Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/car.878>. [Consultado em 02/04/2018].
- Beelman, A., & Losel, F. (2006). Child social skills training in developmental crime prevention: effects on antisocial behaviour and social competence. *Psychothema*, pp. 603-610.
- Beirne, P. (2004). *From Animal Abuse to Interhuman Violence? A Critical Review of the Progression Thesis*. [Em linha]. Disponível em <http://digitalcommons.usm.maine.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=criminology>. [Consultado em 05/03/2018].
- Boat, B. W., & Knight, J. C. (2000). Experiences and needs of adult protective services case managers when assisting clients who have companion animals. *Journal of Elder Abuse & Neglect*, pp. 145-155.
- Bonta, J., & Andrews, D. A. (2007). *Risk-Need-Responsivity Model for Offender Assessment and Rehabilitation*. [Em linha]. Disponível em <https://www.publicsafety.gc.ca/cnt/rsrscs/pblctns/rsk-nd-rspnsvty/index-en.aspx>. [Consultado em 02/04/2018].
- Borum, R., Lodewijks, H., Bartel, P., Forth, A. (2017). *Structured Assessment of Violence Risk in Youth (SAVRY)*. [Em linha]. Disponível em <https://apps.warwickshire.gov.uk/contentplatform/open/WCCC-726-239>. [Consultado em 24/04/2018].
- Brantingham, P., Brantingham, P., & Taylor, W. (2005). Situational Crime Prevention as a Key Component in Embedded Crime Prevention. *Canadian Journal Of Criminology e Criminal Justice*, 271-292.
- Bright, M., Huq, M. S., Spencer, T., Applebaum, J., & Hardt, N. (2018). Animal cruelty as an indicator of family trauma: Using adverse childhood experiences to look beyond child abuse and domestic violence. *Child Abuse & Neglect*, 76, pp. 287-296. [Em linha]. Disponível em https://ac.els-cdn.com/S014521341730426X/1-s2.0-S014521341730426X-main.pdf?_tid=ae4c0bda-8668-4528-a2c3-f03c902945e9&acdnat=1523365338_632d3cd2ad4dcd4d6fb4461e0fcdb783. [Consultado em 06/04/2018].
- Brown, A., Frissora, G., Wardle, R., & Onwudiwe, C. (Winter de 2015). Rehabilitation in Prison: An Examination of Prison Animal Programs. *Criminal Justice Praxis: Journal of OCCJE*, pp. 17-32.
- Canadians for Animal Welfare Reform. (2010). *cfawr*. Animal Cruelty Syndrome. [Em linha]. Disponível em <http://cfawr.org/animal-abuse.php>. [Consultado em 19/03/2018].
- Caridade, S. (2016). Em R. L. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. I. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, . . . L. Afonso, *Dicionário - Crime, Justiça e Sociedade*, *Dicionário: Crime, Justiça e Sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Carvalho, M., & Matos, M. G. (2016). Bullying. Em R. L. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. I. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, . . . L. Afonso, *Dicionário - Crime, Justiça e Sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Casali-Robalinho, I. G., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (07 de 2015). Habilidades Sociais como Predictoras de Problemas de Comportamento Escolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31, pp. 321-330. [Em linha]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n3/1806-3446-ptp-31-03-00321.pdf>. [Consultado em 20/03/2018].
- Clarke, J. P. (2002). *New South Wales police animal cruelty research project*. Sydney, Australia: New South Wales Police Service .
- Clear The Shelters. (08 de 08 de 2017). *Dog Training Programs Rehabilitate Canines and Cons*. [Em linha]. Disponível em <http://www.cleartheshelters.com/Prison-Pup-Programs-Give-Inmates-and-Shelter-Dogs-a-Second-Chance-437660633.html>. [Consultado em 26/03/2018].
- Colorado LINK Project. (2013). *ANIMAL CRUELTY RISK LEVELS*. [Em linha]. Disponível em <http://coloradolinkproject.com/assessment-and-intervention/risk-levels/>. [Consultado em 21/03/2018].
- Colorado LINK Project. (2013). *Animal Cruelty Specific Evaluation*. Recommendations for Animal Cruelty Specific. [Em linha]. Disponível em <http://coloradolinkproject.com/assessment-and-intervention/animal-cruelty-evaluation/>. [Consultado em 11/04/2018].
- Correctional Service Canada. (1998). *Women Offender Programs and Issues*. Pet Facilitated Therapy in Correctional Institutions. [Em linha]. Disponível em <http://www.csc-scc.gc.ca/publications/fsw/pet/pet-eng.shtml>. [Consultado em 12/03/2018].
- Cunha, O. S. (2016). Em R. L. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. I. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, . . . L. Afonso, *Dicionário: Crime, Justiça e Sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2005). *Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes.
- DeViney, E., Dickert, J., & Lockwood, R. (1983). The Care of Pets Within Child Abusing Families. *International Journal for the Study of Animal Problems*, 4, pp. 321-329. [Em linha]. Disponível em http://animalstudiesrepository.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=acwp_aw_ap. [Consultado em 10/03/2018].
- Dinâmicas Passo a Passo. (26 de 06 de 2017). *ATIVIDADE PARA TRABALHAR E LIDAR COM AS EMOÇÕES*. [Em linha]. Disponível em <http://www.dinamicaspassoapasso.com.br/2017/06/atividade-para-trabalhar-as-emocoes.html>. [Consultado em 14/03/2018].
- Domestic Violence Roundtable. (2008). *Animal Abuse and Domestic Violence*. [Em linha]. Disponível em <http://www.domesticviolenceroundtable.org/animal-abuse-and-dv.html>. [Consultado em 11/03/2018].
- Dotson, M., & Hyatt, E. (2008). Understanding dog-human companionship. *Journal of Business Research*, 61, pp. 457-466. [Em linha]. Disponível em https://ac.els-cdn.com/S0148296307002214/1-s2.0-S0148296307002214-main.pdf?_tid=b49cc58e-1799-4fc7-842f-2cbbee04bc17&acdnat=1523618778_920ad3dfb38b6a535df4f849353ca675. [Consultado em 01/03/2018].

- Eckstein, D. (2000). The Pet Relationship Impact Inventory. *The Family Journal*, 8, pp. 192-198.
- Emauz, A., Esteves, F., Gaspar, A., & Fonseca, S. (2016). *Adaptação da Escala de Empatia com Animais (EEA) para a população portuguesa*. ResearchGate. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/304025527_Adaptacao_da_Escala_de_Empatia_com_Animais_EEA_para_a_populacao_portuguesa. [Consultado em 07/03/2018].
- Equipa de Mediação Integrada (EMI): Serviço de Psicologia e Orientação . (2014). *Manual dos Diretores de Turma de 5ºano: Oficina de treino de competências pessoais e sociais*. Matosinhos: Ministério da Educação e Ciência.
- Faver, C. A. (2010). School-based humane education as a strategy to prevent violence: Review and recommendations. *Children and Youth Services Review*, 32, pp. 365-370. [Em linha]. Disponível em http://viriya.net/jabref/school-based_humane_education_as_a_strategy_to_prevent_violence_review_and_recommendations.pdf. [Consultado em 06/03/2018].
- Faver, C., & Strand, E. (2003). Domestic Violence and Animal Cruelty. *Journal of Social Work Education*, 39, pp. 237-253. [Em linha]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/10437797.2003.10779134?needAccess=true>. [Consultado em 08/03/2018].
- Federación Internacional de Sociedade de la Cruz Roja y de la Media Luna Roja. (2010). *Planificación de proyectos e programas: Manual de orientación*. Ginebra.
- Fetzer Institute. (s.d.). *Self Report Measures for Love and Compassion Research: Empathy* .
- Fink, J. (07 de novembro de 2017). *WomensHealth*. The Link: Domestic Violence and Animal Abuse. [Em linha]. Disponível em <https://www.womenshealth.gov/blog/domestic-violence-animal-abuse>. [Consultado em 09/03/2018].
- Flynn, C. P. (1999). Exploring the Link between Corporal Punishment and Children's Cruelty to Animals. *Journal of Marriage and Family*, Vol. 61, No 4, pp. 971-981. [Em linha]. Disponível em http://www.academia.edu/5088023/Exploring_the_Link_between_Corporal_Punishment_and_Childrens_Cruelty_to_Animals. [Consultado em 22/04/2018].
- Flynn, C. P. (2001). Acknowledging the “Zoological Connection”: A Sociological Analysis of Animal Cruelty. *Society & Animals* , pp. 71-87.
- Francischetto, V., & Soares, A. B. (2014). Habilidades sociais e estilos de apego em dependentes de substância psicoativa. *Psychologica*, pp. 35-52.
- Freitas, P. M., & Monte, M. (2016). Crime. Em R. L. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. I. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, . . . L. Afonso, *Dicionário - Crime, Justiça e Sociedade* (p. 110). Lisboa: Edições Silabo.
- Frick, P. J. (2004). DEVELOPMENTAL PATHWAYS TO CONDUCT DISORDER: IMPLICATIONS FOR. *Psychology in the School*, 41, pp. 823-834. [Em linha]. Disponível em http://labs.uno.edu/developmental-psychopathology/articles/Frick_2004_DEVELOPMENTAL_PATHWAYS.pdf. [Consultado em 13/03/2018].

- GNR. (2017). *Comunicado*. Obtido de Maus-tratos a animais de companhia - Balanço de 2016. [Em linha]. Disponível em <http://www.gnr.pt/comunicado.aspx?linha=4187>. [Consultado em 02/03/2018].
- Hartjen, C. (09 de 1985). Humanistic Criminology: Is It Possible? *The Journal of Sociology & Social Welfare*, 12(3), pp. 444-468. [Em linha]. Disponível em <https://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1714&context=jssw>. [Consultado em 06/04/2018].
- Henry, B., & Sanders, C. (2017). Bullying and Animal Abuse: Is There a Connection? *Society and Animals*, 15, pp. 107-126. [Em linha]. Disponível em <https://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2016/04/henry.pdf>. [Consultado em 09/04/2018].
- Holt, S., Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: A review of the literature. *Child Abuse & Neglect*, 32, pp. 797-810.
- Hospital Veterinário de Paço de Arcos. (2017). *HOUSE VET*. Obtido de MAUS TRATOS EM ANIMAIS DE COMPANHIA, UM POSSÍVEL INDICADOR DE VIOLÊNCIA NAS FAMÍLIAS. [Em linha]. Disponível em <http://www.housevet.pt/informacao/maus-tratos-animais-companhia-um-possivel-indicador-violencia-nas-familias/>. [Consultado em 11/04/2018].
- Howells, K., Day, A., Bubner, S., Jauncey, S., Williamson, P., Parker, A., & Heseltine, K. (2002). *Anger Management and Violence Prevention: Improving Effectiveness*. Australian Institute of Criminology. [Em linha]. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/1765/7601aaf2ef04961e5cca2c68a49a03ef215f.pdf>. [Consultado em 08/04/2018].
- Icca Conference. (2013). EVIDENCE BASED DECISION MAKING FROM PRINCIPLE TO PRACTICE. Reno. [Em linha]. Disponível em <https://info.nicic.gov/nicrp/system/files/028172.pdf>. [Consultado em 29/03/2018].
- Kellert, S., & Felthous, A. (1985). Childhood Cruelty toward Animals among Criminals and Noncriminals. *Human Relations*, 38, pp. 1113-1129. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Stephen_Kellert/publication/247716442_Childhood_Cruelty_toward_Animals_among_Criminals_and_Noncriminals/links/552fd27d0cf20ea0a06ea859/Childhood-Cruelty-toward-Animals-among-Criminals-and-Noncriminals.pdf. [Consultado em 14/02/2018].
- Klepfisz, G., Daffern, M., & Day, A. (2017). Understanding protective factors for violent reoffending in adults. *Aggression and Violent Behaviour* 32, pp. 80-87.
- Leal, J. (2016). Inteligência Emocional. Em R. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, . . . L. Afonso, *Dicionário: Crime, Justiça e Sociedade* (pp. 273-274). Lisboa: Sílabo Edições.
- Liga Portuguesa dos Direitos do Animal. (s.d.). *Legislação Sobre Animais de Companhia*. [Em linha]. Disponível em <http://www.lpda.pt/legislacao/>. [Consultado em 02/03/2018].
- Limpo, T., Alves, R., & Catro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, pp. 171-184. [Em linha]. Disponível em <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/640/628>. [Consultado em 05/04/2018].

- Lockwood, R. (s.d.). *Factors in the Assessment of Dangerousness in Perpetrators of Animal Cruelty*. Colorado LINK Project. [Em linha]. Disponível em <http://coloradolinkproject.com/wp-content/uploads/2013/05/Factors-in-the-Assessment-of-Dangerousness-in.pdf> [Consultado em 06/03/2018].
- Lockwood, R., & Arkow, P. (2016). Animal Abuse and Interpersonal Violence: The Cruelty Connection and Its Implications for Veterinary Pathology. *Veterinary Pathology*, 53, pp. 910-918. [Em linha]. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0300985815626575>. [Consultado em 02/04/2018].
- Lockwood, R., & Ascione, F. (1997). *Cruelty to Animals and Interpersonal Violence: Readings in Research and Application*.
- Lockwood, R., & Church, A. (1996). *Deadly Serious: An FBI Perspective On Animal Cruelty*. GEVHA - Grupo para el Estudio de la Violencia hacia Humanos y Animales. [Em linha]. Disponível <http://www.gevha.com/analisis/articles/62-deadly-serious-an-fbi-perspective-on-animal-cruelty1>. [Consultado em 26/02/2018].
- Lopes, D. (2017). Prison Dog Training Programs Rehabilitate Canines and Cons. (R. Liebson, Entrevistador). [Em linha]. Disponível em <https://www.cleartheshelters.com/Prison-Pup-Programs-Give-Inmates-and-Shelter-Dogs-a-Second-Chance-437660633.html>. [Consultado em 29/03/2018].
- Manita, C. (2016). Em R. L. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. I. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, . . . L. Afonso, *Dicionário: Crime, Justiça e Sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo.
- McCormack, J. (Spring de 2016). Benefit of Animal-assisted Therapy Programs in Prison. *ESSAI*, 14, pp. 103-105. [Em linha]. Disponível em <https://dc.cod.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.pt/&httpsredir=1&article=1583&context=essai>. [Consultado em 12/02/2018].
- McPhedran, S. (2009). A review of the evidence for associations between empathy, violence, and animal cruelty. *Agression and Violent Behaviour*, pp. 1-4.
- Mello, S. A. (2007). Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. *Perspectiva*, 25, pp. 83-104. [Em linha]. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/1630/1371>. [Consultado em 07/04/2018].
- Miller, C. (2004). Childhood Animal Cruelty and Interpersonal Violence. *Clinical Psychology Review*, 21, pp. 735-749. [Em linha]. Disponível em https://ac.els-cdn.com/S0272735800000660/1-s2.0-S0272735800000660-main.pdf?_tid=9ce29d77-f118-422e-9a68-51db929e788b&acdnat=1523370985_d9ba9c66885dc5604c73a83768a0916d. [Consultado em 30/03/2018].
- Missimer, R. ((s/d)). *Reasons That People Abuse Animals*. Health Guidance For Better Health. [Em linha]. Disponível em <http://www.healthguidance.org/entry/13517/1/Reasons-That-People-Abuse-Animals.html>. [Consultado em 23/03/2018].
- Morrow, V. (1998). My Animals and Other Family: Children's Perspectives on Their Relationships with Companion Animals. *Anthrozoös*, 11, pp. 218-226.

- National Link Coalition. ((s/d)). *How Are Animal Abuse and Family Violence Linked?. What Does The Link Look Like?.* [Em linha]. Disponível em <http://nationallinkcoalition.org/faqs/what-is-the-link>. [Consultado em 12/03/2018].
- National Link Coalition. ((s/d)). *Working together to stop violence against people and animals. What is the Link.* [Em linha]. Disponível em <http://nationallinkcoalition.org/what-is-the-link>. [Consultado em 13/03/2018].
- Neese, B. (2015). *Man's Best Friend: How Dog Training is Affecting Prison Rehabilitation.* Obtido de Alvernia University. [Em linha]. Disponível em <https://online.alvernia.edu/how-dog-training-is-affecting-prison-rehabilitation/>. [Consultado em 15/03/2018].
- Oken, B., Zajdel, D., Kishiyama, S., Flegal, K., Dehen, C., Haas, M., . . . Leyva, J. (2006). RANDOMIZED, CONTROLLED, SIX-MONTH TRIAL OF YOGA IN HEALTHY SENIORS: EFFECTS ON COGNITION AND QUALITY OF LIFE. *Altern Ther Health Med*, pp. 40-47. [Em linha]. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1457100/>. [Consultado em 03/03/2018].
- OMS. (2002). *World report on violence and health.* Geneva: World Health Organization.
- Panegassi, J. (2014). *Revista VIVASAÚDE.* Obtido de ARTES MARCIAIS PARA O AUTOCONTROLE. [Em linha]. Disponível em <http://www.vivasaude.digisa.com.br/bem-estar/artes-marciais-para-o-autocontrole/265/>. [Consultado em 10/03/2018].
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *PSICO*, 36, pp. 127-134.
- PAWS. (2018). *Classroom Programs.* [Em linha]. Disponível em <https://www.paws.org/kids/classroom-programs/>. [Consultado em 18/03/2018].
- Peretó, A. M. (2017). *Empathy Towards Animals: Preventing Adolescents from Violence.* Barcelona.
- Philips, A. (2014). *Understanding The Link between Violence to Animals and People: A Guide for Criminal Justice Professionals.* ASPCA. [Em linha]. Disponível em <https://www.ndaa.org/pdf/The%20Link%20Monograph-2014.pdf>. [Consultado em 23/03/2018].
- Philips, A., & Lockwood, R. (2013). *A Guide On Safer Communities, Safer Families & Being an Effective Voice for Animal Victims.* National District Attorneys Association. [Em linha]. Disponível em <https://ndaa.org/pdf/NDAA%20Animal%20Abuse%20monograph%20150dpi%20complete.pdf>. [Consultado em 26/03/2018].
- Posick, C. (2013). *Scholars Strategy Network.* The Role of Empathy in Crime, Policing, and Justica. [Em linha]. Disponível em http://www.scholarsstrategynetwork.org/sites/default/files/ssn_key_findings_posick_on_empathy_and_delinquency_1.pdf. [Consultado em 01/03/2018].
- Posick, C., & College, B. (2015). Empathy. ResearchGate.

- Programa "Chega de Bullying". ((s/d)). *Informações e Atividades: estudantes do Ensino Fundamental I*. São Paulo: Plan Internacioal e Cartoon Network. [Em linha]. Disponível em http://www.chegadebullying.com.br/pdf/pt/Basta_toolkit_estudiantes_primaria.pdf. [Consultado em 02/03/2018].
- Psicologia Acessível. (2015). *Trabalhando as Emoções*. [Em linha]. Disponível em <https://psicologiaacessiveldotnet.files.wordpress.com/2015/09/caderno-de-atividades-trabalhando-as-emoc3a7c3b5es.pdf>. [Consultado em 12/04/2018].
- Public Safety Performance Project. (09 de 2011). *Risk/Needs Assessment 101: Science Reveals New Tools to Manage Offenders*. The Pew Center of The States. [Em linha]. Disponível em http://www.pewtrusts.org/~media/legacy/uploadedfiles/pcs_assets/2011/pewriskassessmentbriefpdf.pdf. [Consultado em 04/04/2018].
- Puppies Behind Bars. (s.d.). *Dog Tags: Service Dogs For Those Who've Served Us*. [Em linha]. Disponível em <http://www.puppiesbehindbars.com/files/pdfs/dogtagsbrochure.pdf>. [Consultado em 14/04/2018].
- Radford-Paz, E. (2013). *Risk and Protective Factors For Criminality Among Adults With FASD*. Sudbury, Ontario, Canada: The School of Graduate Studies, Laurentian University. [Em linha]. Disponível em https://zone.biblio.laurentian.ca/bitstream/10219/2128/1/Radford-Paz_Elisa_Master_Thesis.pdf. [Consultado em 13/04/2018].
- Rodrigues, S. M. (2016). *Promoção da Empatia em Crianças do 1º ciclo do ensino Básico: Programa de Competências Emocionais e Sociais*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: Departamento de Ciências da Educação. [Em linha]. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3931/1/DissertMestradoSaraMariaRodrigues2016.pdf>. [Consultado em 19/03/2018].
- Roguski, M. (2012). *Pets as Pawns*. [Em linha]. Disponível em <http://nationallinkcoalition.org/wp-content/uploads/2013/01/DV-PetsAsPawnsNZ.pdf>. [Consultado em 03/04/2018].
- Saavedra, R. M. (2016). Comportamento Violento. Em R. L. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. I. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, . . . L. Afonso, *Dicionário: Crime, Justiça e Sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Sanders, C. B., & Henry, B. C. (2007). Bullying and Animal Abuse: Is There a Connection? *Society and Animals*, 15, pp. 107-126. [Em linha]. Disponível em <https://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2016/04/henry.pdf>. [Consultado em 22/03/2018].
- SAPROF . (s.d.). *Structured Assessment of Prodective Factors for violence risk*. [Em linha]. Disponível em <http://www.saprof.com/information/>. [Consultado em 19/03/2018].
- SAVRY. (s.d.). [Em linha]. Disponível em http://savry.se/?page_id=12. [Consultado em 2/03/2018].
- Singapore Prison services & Care Network. (s.d.). *Risk, Needs, and Responsivity: Literature Review of the Risk, Needs & Responsivity Framework*. [Em linha]. Disponível em <https://tuomasrieti.wordpress.com/risk-needs-and-responsivity/>. [Consultado em 27/03/2018].

- Sintra, C. I., Lopes, P., & Formiga, N. (07 de 2011). Condutas antissociais e delitivas e habilidades sociais em contexto forense. *Psicol. Argum.*, pp. 383-399.
- Sistema de Segurança Interna. (2016). *Relatório Anual de Segurança Interna*. [Em linha]. Disponível em [http://www.ansr.pt/InstrumentosDeGestao/Documents/Relat%C3%B3rio%20Anual%20de%20Seguran%C3%A7a%20Interna%20\(RASI\)/RASI%202016.pdf](http://www.ansr.pt/InstrumentosDeGestao/Documents/Relat%C3%B3rio%20Anual%20de%20Seguran%C3%A7a%20Interna%20(RASI)/RASI%202016.pdf). [Consultado em 05/04/2018].
- Smith, P., Gendreau, P., & Swartz, K. (2009). Validating the Principles of Effective Intervention: A Systematic Review of the Contributions of Meta-Analysis in the Field of Corrections. *Victims & Offenders*, 4.
- Spencer, L. S. (2011). *Childhood Animal Abuse and Violent Criminal Behavior: A Brief Review of the Literature*. Office of Strategic Planning and Research. [Em linha]. Disponível em <http://www.mass.gov/eopss/docs/doc/research-reports/briefs-stats-bulletins/summaryofanimalabuseliteraturefinal.pdf>. [Consultado em 01/03/2018].
- Taylor, N., & Signal, T. (2005). Empathy and attitudes to animals. *Anthrozoös: A multidisciplinary journal of the interactions of people and animals*, 18, pp. 18-27. [Em linha]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.2752/089279305785594342?needAccess=true>. [Consultado em 27/03/2018].
- Taylor-Powell, E. (1998). *Questionnaire Design: Asking questions with a purpose*. Texas: Texas Agricultural Extension Service. [Em linha]. Disponível em <https://learningstore.uwex.edu/Assets/pdfs/G3658-02.pdf>. [Consultado em 30/03/2018].
- Taylor-Powell, E., Rossing, B., & Geran, J. (1998). *Evaluating Collaboratives: Reaching the Potencial*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin-Extension. [Em linha]. Disponível em <http://learningstore.uwex.edu/assets/pdfs/G3658-8.PDF>. [Consultado em 23/03/2018].
- Teach Heart. (2006). *2006 ASSESSMENT OF THE HUMANE LIVING PROGRAM*. [Em linha]. Disponível em <https://teachheart.org/2006-assessment-of-the-humane-living-program/>. [Consultado em 23/03/2018].
- The Humane Society Of The United States. (2018). *Animal Cruelty Facts and Stats*. [Em linha]. Disponível em http://www.humanesociety.org/issues/abuse_neglect/facts/animal_cruelty_facts_statistics.html. [Consultado em 22/04/2018].
- The Last Chance Sanctuary. (s.d.). *Why Do People Abuse Animals?*. Helpstopanimalcruelty. [Em linha]. Disponível em <http://www.thelastchancesanctuary.com/forms/helpstopanimalcruelty.pdf>. [Consultado em 26/03/2018].
- The Society For Safe & Caring Schools & Communities. (2003). *Learning to Care through Kindness to Animals: A guide for teachers*. The ALberta Teachers' Association. [Em linha]. Disponível em http://www.cochranehumane.ca/education/attachments/AlbertaSPCALearning_to_Care.pdf. [Consultado 03/04/2018].
- Thompson, K., & Gullone, E. (2003). Promotion of Empathy and Prosocial Behaviour in Children through Humane Education. *Australian Psychologist*, 38, pp. 175-182. [Em

- linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/237067805_Thompson_K_Gullone_E_2003_Promotion_of_Empathy_and_prosocial_behaviour_in_children_through_humane_education_Australian_Psychologist_38_175-182. [Consultado em 05/04/2018].
- TNN. (13 de 09 de 2017). *ETIMES*. Obtido de Advantages of deep breathing exercises. [Em linha]. Disponível em <https://timesofindia.indiatimes.com/life-style/health-fitness/fitness/advantages-of-deep-breathing-exercises/articleshow/19213960.cms>. [Consultado em 10/04/2018].
- Tony, W., Melser, J., & Yates, P. (2007). Reconstructing the Risk–Need–Responsivity model: A theoretical elaboration and evaluation. *Aggression and Violent Behaviour* 12, pp. 208-228. [Em linha]. Disponível em <https://ccoso.org/sites/default/files/import/Ward-Melser---Yates-2007.pdf>. [Consultado em 12/03/2018].
- Tremblay, R. (2003). Los Orígenes de la Violencia de los Jóvenes. *Acción Psicológica*, 2, pp. 63-72. [Em linha]. Disponível em <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:AccionPsicologica2003-numero1-0006&dsID=Documento.pdf>. [Consultado em 24/03/2018].
- Turner, W. G. ((s/d)). The Experiences of Offenders in a Prison Canine Program. *Federal Probation: a journal of correctional philosophy and practice*, 71. [Em linha]. Disponível em http://www.uscourts.gov/sites/default/files/71_1_6_0.pdf. [Consultado em 03/03/2018].
- University Of Central Florida. (2008). *Program Assessment Handbook*. [Em linha]. Disponível em https://manoa.hawaii.edu/assessment/resources/pdf/acad_assess_handbookCentralFlorida.pdf. [Consultado em 13/03/2018].
- Verlinden, S., Hersen, M., & Thomas, J. (2000). Risk Factors In School Shootings. *Clinical Psychology Review*, 20, pp. 3-56. [Em linha]. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/7a3f/3c6ac4fdf8014ab6ea604ea750e96743d1a0.pdf>. [Consultado em 07/04/2018].
- VetDogs, A. (2018). *Learn More About Our Prison Puppy Program*. [Em linha]. Disponível em <https://www.vetdogs.org/AV/DogPrograms/PrisonPuppyProgram.aspx>. [Consultado em 06/03/2018].
- Weatherburn, D. (2001). What Causes Crime? *Crime and Justice Bulletin*, 54. [Em linha]. Disponível em <http://www.bocsar.nsw.gov.au/Documents/CJB/cjb54.pdf>. [Consultado em 09/04/2018].
- Wildlife Rescue & Rehabilitation. (2016). *Active Cruelty (Acts of Comission)*. Animal Abuse. [Em linha]. Disponível em <http://wildlife-rescue.org/services/advocacy/animal-abuse/>. [Consultado em 05/05/2018].
- Yazıcıoğlu, D. A. (2015). Improving Design Performance of Students in Interior Architecture Undergraduate Education. *American Journal of Educational Research*, pp. 604-609. [Em linha]. Disponível em <http://pubs.sciepub.com/education/3/5/12/index.html>. [Consultado em 23/03/2018].
- Zoll, C., & Enz, S. (s.d.). *A Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children*.

6. ANEXOS

Anexo 1: Consentimento Informado Encarregados de Educação + Documento Explicativo Sobre o Programa *Lado a Lado*

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Programa Lado a Lado

Eu, abaixo-assinado (nome completo) -----

-----, **responsável pelo participante no projecto (nome completo)** -----

-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____ / ____ / 20__

Assinatura do Responsável pelo participante no projecto: _____

O Investigador responsável:

Nome:

Assinatura:

Qual o propósito do projeto?

O Programa “*Lado a Lado*” foi criado como forma de dar resposta a uma necessidade urgente de consciencializar os mais jovens para a forma como os animais são tratados e perspetivados na sociedade portuguesa. Então, o que se propõe com o presente programa é, trabalhar competências sociais com vista a uma consciencialização para a problemática dos maus tratos para com animais, sendo esta uma temática de extrema relevância na medida em que estes comportamentos abusivos para com animais podem ser um preditor de outras formas de criminalidade violentas contra pessoas.

O “*Lado a Lado*” é um projeto piloto nesta temática, tendo uma duração de 3 anos, e tem como objetivos o aumento dos níveis de empatia através do ensino de respeito, bondade e compaixão com os mais vulneráveis, humanos e não-humanos, trabalhar a consciencialização, o conhecimento e o desenvolvimento de atitudes favoráveis no âmbito do respeito pela vida animal, trabalhar técnicas de como lidar com a raiva e a frustração, e auxiliar os alunos no que diz respeito a escolhas responsáveis e no desenvolvimento de autonomia.

O que se espera alcançar no futuro, com a aplicação deste programa é um aumento de competências como empatia, compaixão, respeito pela natureza e animais, respeito pelo outro, controlo da frustração e uma melhor competência para a resolução de conflitos. Espera-se, ainda, atingir uma diminuição da probabilidade de as crianças levarem a cabo comportamentos delinquentes, sendo este programa uma espécie de investimento a longo prazo, dado que ao se prevenir este tipo de comportamentos tão cedo, que têm mostrado ser um preditor de criminalidade no geral, se estaria a caminhar, no futuro, para uma sociedade com menores taxas de criminalidade. E, ao mesmo tempo, potenciar o desenvolvimento de uma sociedade mais segura, mais consciente, mais equilibrada e mais evoluída, onde todos os serem são respeitados e tidos em consideração.

Em que consiste a participação dos alunos?

O que se pretende fazer nas escolas é um conjunto de 32 sessões ao longo do decorrer do ano letivo onde, através de dinâmicas e contacto com a realidade, onde se irão trabalhar competências sociais de forma a permitirem aos alunos terem comportamentos mais normativos. Ou seja, além da componente da consciencialização para a forma

como os animais são tratados, estar-se-á, simultaneamente, a fazer um progresso no que diz respeito à possibilidade que as crianças têm de desenvolver as ditas ferramentas sociais e terem uma melhor socialização com o ambiente que as rodeia. É, então, um programa onde se promove uma vida em sociedade mais harmoniosa.

Termos para retirada:

Os alunos possuem o direito de se retirar, a qualquer momento, do programa, caso se sinta prejudicados ou simplesmente não estejam a gostar das atividades programadas, sendo que não é necessário que exponha uma razão para tal efeito, não existindo uma data específica para o fazer.

Confidencialidade:

Toda a informação recolhida acerca do participante, durante a implementação deste projeto, será mantida confidencial. Em nenhum momento o participante será identificado ou identificável, tanto nos relatórios, como em futuras publicações. O Estabelecimento de Ensino também não será identificado ou identificável nos mesmos.

O que irá acontecer com os resultados obtidos?

Os resultados serão partilhados e publicados. O participante não será identificado ou identificável em nenhum relatório ou publicação. O Estabelecimento de Ensino não será também identificado nos mesmos. Se o participante ou a escola desejarem receber uma cópia dos resultados dos relatórios deste programa, por favor, fique à vontade para nos informar, que o providenciaremos com muito apreço.

Fases do Projeto:

Fase de pesquisa/avaliação das necessidades: com o objetivo de produzir um relatório que mostre qual a realidade das crianças portuguesas no que diz respeito a esta temática.

Fase de implementação: implementação do dito projeto nas escolas.

Fase de avaliação/análise: onde serão trabalhados os resultados da aplicação do projeto de forma a se perceber se houve ou não, melhorias e que implicações é que esses resultados positivos ou negativos podem vir a ter no futuro em termos de ciência e investigação.

Anexo 2: Carta/e-mail de Apresentação do Programa à Escola

Qual o propósito do projeto?

O Programa “*Lado a Lado*” foi criado como forma de dar resposta a uma necessidade urgente de consciencializar os mais jovens para a forma como os animais são tratados e perspetivados na sociedade portuguesa. Então, o que se propõe com o presente programa é, trabalhar competências sociais com vista a uma consciencialização para a problemática dos maus tratos para com animais, sendo esta uma temática de extrema relevância na medida em que estes comportamentos abusivos para com animais podem ser um preditor de outras formas de criminalidade violentas contra pessoas.

O presente programa é um projeto piloto nesta temática em Portugal, tendo uma duração de 3 anos, e tem como objetivos o aumento dos níveis de empatia através do ensino de respeito, bondado e compaixão com os mais vulneráveis, humanos e não-humanos, trabalhar a consciencialização, o conhecimento e o desenvolvimento de atitudes favoráveis no âmbito do respeito pela vida animal, trabalhar técnicas de como lidar com a raiva e a frustração, e auxiliar os alunos no que diz respeito a escolhas responsáveis e no desenvolvimento de autonomia.

O que se espera alcançar no futuro, com a aplicação deste programa é um aumento de competências como empatia, compaixão, respeito pela natureza e animais, respeito pelo outro, controlo da frustração e uma melhor competência para a resolução de conflitos. Espera-se, ainda, atingir uma diminuição da probabilidade de as crianças levarem a cabo comportamentos delinquentes, sendo este programa uma espécie de investimento a longo prazo, dado que ao se prevenir este tipo de comportamentos tão cedo, que têm mostrado ser um preditor de criminalidade no geral, se estaria a caminhar, no futuro, para uma sociedade com menores taxas de criminalidade. E, ao mesmo tempo, potenciar o desenvolvimento de uma sociedade mais segura, mais consciente, mais equilibrada e mais evoluída, onde todos os serem são respeitados e tidos em consideração.

Em que consiste a participação da escola?

O que se pretende fazer nas escolas é um conjunto de 32 sessões ao longo do decorrer do ano letivo onde, através de dinâmicas e contacto com a realidade, onde se irão trabalhar competências sociais de forma a permitirem aos alunos terem comportamentos mais normativos. Ou seja, além da componente da consciencialização para a forma como os animais são tratados, estar-se-á, simultaneamente, a fazer um progresso no que diz respeito à possibilidade que as crianças têm de desenvolver as ditas ferramentas sociais e terem uma melhor socialização com o ambiente que as rodeia. É, então, um programa onde se promove uma vida em sociedade mais harmoniosa.

Termos para retirada:

Os alunos possuem o direito de se retirar, a qualquer momento, do programa, caso se sintam prejudicados ou simplesmente não estejam a gostar das atividades programadas, sendo que não é necessário que exponha uma razão para tal efeito, não existindo uma data específica para o fazer.

Confidencialidade:

Toda a informação recolhida acerca do participante, durante a implementação deste projeto, será mantida confidencial. Em nenhum momento o participante será identificado ou identificável, tanto nos relatórios, como em futuras publicações. O Estabelecimento de Ensino também não será identificado ou identificável nos mesmos.

O que irá acontecer com os resultados obtidos?

Os resultados serão partilhados e publicados. O participante não será identificado ou identificável em nenhum relatório ou publicação. O Estabelecimento de Ensino não será também identificado nos mesmos. Se o participante ou a escola desejarem receber uma cópia dos resultados dos relatórios deste programa, por favor, fique à vontade para nos informar, que o providenciaremos com muito apreço.

Fases do Projeto:

Fase de pesquisa/avaliação das necessidades: com o objetivo de produzir um relatório que mostre qual a realidade das crianças portuguesas no que diz respeito a esta temática.

Fase de implementação: implementação do dito projeto nas escolas.

Fase de avaliação/análise: onde serão trabalhados os resultados da aplicação do projeto de forma a se perceber se houve ou não, melhorias e que implicações é que esses resultados positivos ou negativos podem vir a ter no futuro em termos de ciência e investigação.

Se a aplicação deste programa na presente escola for do seu interesse não hesite em marcar uma reunião com a Equipa. Gostaríamos só de pedir a seleção de uma turma com idades compreendidas entre os 8 e os 10 para a aplicação do mesmo e que na futura reunião, o Diretor de Turma da mesma turma pudesse também estar presente uma vez que será necessária uma estreita colaboração com o mesmo.

Atenciosamente,

A Equipa do Projeto.

Anexo 3: Consentimento Informado Crianças

Por favor, com cuidado, marque as opções que está de acordo:

Eu compreendi toda a informação sobre o projeto

Foi me dada a oportunidade de colocar questões sobre o projeto.....

Eu aceito fazer parte deste projeto.....

Eu compreendo que a minha participação neste projeto é voluntária, e que posso me retirar a qualquer momento, sendo que não serão realizadas questões sobre os motivos pelos quais eu não desejo mais participar no projeto.

Eu compreendo que os meus dados pessoais não serão revelados a outras pessoas que não façam parte da equipa de investigação deste projeto.....

Eu concordo que os dados que eu forneci serão arquivados e poderão estar à disposição de outros investigadores.....

Eu compreendo que outros investigadores possam utilizar as minhas declarações em publicações, relatórios, páginas de website e outros resultados deste projeto.....

Tendo em conta os aspetos acima mencionados, eu estou feliz em participar na aplicação do presente programa e forneço o meu consentimento aos membros da equipa do projeto para armazenar os meus dados, a fim de auxiliar, posteriormente, na análise dos mesmos.

Nome do Participante

Assinatura.....

Data.....

Anexo 4: Guião Entrevista Avaliação dos Alunos

Entrevista Inicial

Nº do Aluno:

Idade:

Tópicos a abordar na entrevista:

- Comportamento dentro da sala de aula;
- Comportamento fora da sala de aula;
- Aproveitamento;
- Relação com colegas;
- Competências sociais;
- Autoestima, empatia, agressividade, impulsividade;
- Outras informações que possam surgir com o decorrer da conversa.

Entrevista Final

Nº do Aluno:

Idade:

Tópicos a abordar na entrevista:

- Comportamento dentro da sala de aula;
- Comportamento fora da sala de aula;
- Aproveitamento;
- Relação com colegas;
- Competências sociais;
- Autoestima, empatia, agressividade, impulsividade;
- Outras informações que possam surgir com o decorrer da conversa;
- Comparação, no geral, do comportamento do aluno antes e depois da aplicação do programa.

Anexo 5: Planificação das Sessões do Módulo I - Empatia

Sessão 1

Atividade 1: Apresentação do programa, das normas de funcionamento e participação.

Objetivo:

- Apresentação do programa, normas de funcionamento e participação;

Material: Power-point com a apresentação do programa e normas de funcionamento.

Duração: 20 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos).

Atividade 2: *Quem Sou Eu?*

Objetivo prático/afetivo:

- Promover um ambiente agradável e descontraído;
- Observar se o participante tem um bom autoconhecimento e como reage às respostas dos colegas;
- Dinâmica de apresentação.

Objetivo académico:

- Competências de leitura e escrita.
- Fala em público.

Material: uma folha contendo o formulário abaixo que os alunos deverão de preencher (Anexo x).

Duração: 30 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Para a realização da dinâmica os alunos devem de estar todos sentados em círculo. Será entregue uma folha a cada aluno que devem preencher a respeito de informações que lhes dizem

respeito. Depois de cada um ter preenchido a sua ficha (deverá levar entre 5-10 minutos) deverá lê-la e apresentar-se ao resto do grupo.

Fonte: Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”.

Ficha:

O que mais gosto de fazer?

O que menos gosto de fazer?

Uma qualidade minha é:

O meu maior sonho é:

Profissão de sonho:

Sessão 2

Atividade 1: “*Significado das Palavras*”

Objetivos Práticos/Afetivos:

- Os alunos devem de perceber que nem todos atribuímos o mesmo significado às coisas;
- Perceber que os mal-entendidos são normais;
- Desenvolvimento de competências de comunicação.

Objetivos Académicos:

- Trabalhar gramática da língua portuguesa;
- Competências de leitura e escrita;
- Fala em publico.

Material: lápis/caneta, folha do caderno.

Duração: 30 minutos para escreverem as frases + 20 minutos para a partilha das frases com a turma.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Um membro da equipa diz oralmente 7 palavras que os alunos devem de apontar. Depois os alunos devem de utilizar cada palavra para construir uma frase.

Exemplo com palavra “fecho”: Eu fecho a porta – Nota: mostrar que em vez de usar a palavra como o verbo fechar poderia ter usado com aquilo que temos nos estojos ou nas calças.

Regras: não é permitido perguntar como se escrevem as palavras nem o que significam. Ou seja, cada grupo deverá de escrever a frase com o sentido que entender.

Lista de palavras: Canto, Quadro, Meia, Voz/Vós, Conselho/Concelho, Seca, Brinco, Paço/Passo.

Nota: as palavras são ambíguas, uma vez apresentadas oralmente deixam dúvidas relativamente ao seu significado, por serem homófonas (pronunciam-se da mesma forma e têm significados diferentes) ou homógrafas (escrevem-se da mesma forma, mas têm significados diferentes).

Fonte: Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”

Sessão 3

Atividade 1: “*A Caixa do Tesouro*”

Objetivo prático/afetivo:

- Desenvolver o reconhecimento da própria imagem;
- Trabalhar a autoestima.

Objetivo académico:

- Falar em publico e comunicação.

Material: caixa de sapatos ou baú com espelho que deverá de ser afixado/colado ao fundo da caixa.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Apresentar aos alunos uma caixa bonita, dizendo que dentro dela tem a fotografia de alguém que todos da turma conhecem. Para despertar a curiosidade das crianças deve dizer-se que é uma pessoa bonita, muito boa em alguma coisa, especial, etc (tudo características positivas).

Depois chama-se os alunos, um por um, a espreitar a caixa e diz-se para este não revelar a ninguém o que estava lá dentro: o seu reflexo.

Nota: deve sempre criar-se um ambiente de curiosidade e estar atento à reação dos meninos ao espreitarem para dentro da caixa, pois pode dizer muito sobre a forma como eles se veem.

Fonte: Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”

Sessão 4

Atividade 1: “*Nós e Eles*”

Objetivos Afetivos/Práticos:

- Os alunos vão ser capazes de identificar que os animais e os humanos têm as mesmas necessidades;
- Capacidade de colocar no lugar do outro;
- Desenvolvimento da empatia.

Objetivos académicos:

- Competências de leitura e escrita.

Material: imagens de pessoas e animais a praticarem as mesmas atividades (por exemplo, comer, beber, dormir, abrigadas, a brincar, a trocar afetos, etc). Ficha que devem preencher com duas colunas comparativas: “Animal de Companhia” vs “Criança”. Projetor.

Duração: 20 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Deve mostrar-se as imagens aos alunos e deixá-los refletir sobre o que estão a ver. Fazer um Brainstorm sobre as necessidades das crianças e dos animais com a turma. Por exemplo, comparar a trela com o dar na mão, ou uma coleira de identificação nos animais com o número de aluno que os meninos têm na escola. Cada aluno deverá de ir anotando estas diferenças na sua ficha.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals.

Animal de Companhia	Criança

Atividade 2: “*Selvagem ou Doméstico?*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Perceber que os animais de estimação, ao contrário dos animais selvagens, têm vindo a perder muita da sua habilidade natural de conseguirem tomar conta deles mesmos em meio livre;
- Perceber que os animais selvagens não devem de ser domesticados.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão ser capazes de diferenciar animais domésticos de animais selvagens, bem como as suas necessidades.

Material: Fotos e/ou imagens de animais selvagens e domésticos. Quadro da sala de aula. Lápis/canetas. Folhas de papel.

Duração: 30 minutos

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Primeiro, um dos membros da equipa do projeto começa por escrever no quadro as palavras “selvagem” e “doméstico”. De seguida deve pedir-se aos alunos uma definição de cada uma das palavras – a ideia principal que eles devem de reter é que os animais domésticos precisam dos humanos para cuidarem e satisfazerem as suas necessidades, uma vez que têm vindo a perder a capacidade de cuidarem de si mesmos.

De seguida deve mostrar-se imagens de animais e pedir que estes enunciem um semelhante, por exemplo: cão/lobo; gato/leão, cavalo/zebra, etc.

Para terminar deve pedir-se à turma que faça um desenho de um animal à sua escolha em que se possa ver as suas principais necessidades (por exemplo: uma zebra na natureza, com um rio ao pé, comida, a sua família, etc).

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals.

Sessão 5

Atividade 1: “*Senhora Formiga*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Desenvolvimento de empatia ao terem de se colocar no lugar do outro.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão ler e compreender uma história que os levará a abordar e refletir temas como pressão dos pares, empatia e compaixão pelos seres vivos;

- Alunos vão poder trabalhar com um diagrama de Verne, que deverão de completar para comparar as formigas com os humanos;

Material: História infantil traduzida para português “*Hey, Little Ant*”. Folha com diagrama de verne. Lápis/Caneta. Folha do caderno. Projetor.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

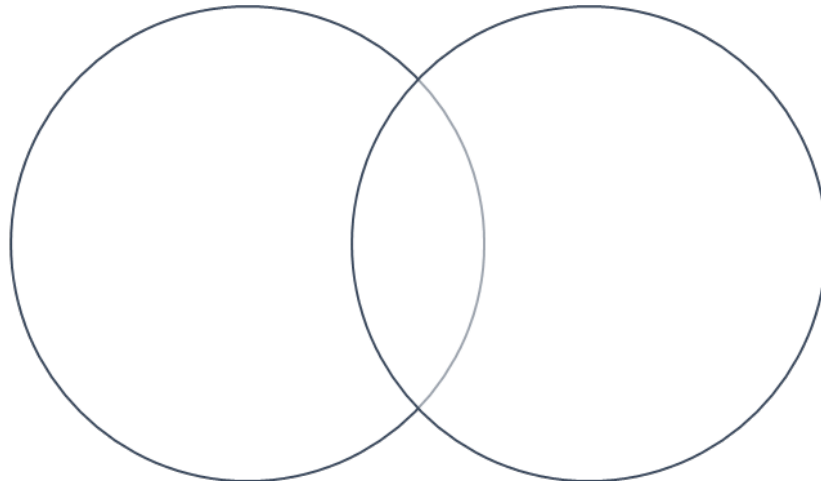
Procedimento:

Hey, Little Ant de Philip and Hanna Hoose fala sobre um menino que está prestes a esmagar uma pequenina Senhora Formiga, mas a Senhora Formiga não se deixa ficar e responde-lhe. Sendo o livro um diálogo incrível entre o menino e a Senhora Formiga. O final é, ainda, deixado em aberto de forma a fomentar a discussão com a turma.

Deve perguntar-se à turma “Se fossem o menino o que teriam feito?”. Pedir ao grupo para imaginarem um fim para a história. Perguntar se aprenderam algo novo as formigas que não sabiam e pedir para estes anotarem o que aprenderam numa folha de um caderno. Colocar ainda mais questões à turma de modo a apelar à sua empatia, como por exemplo: “Os vossos sentimentos em relação às formigas mudaram ao longo da história? Porquê?”, “Resgatariam uma Senhora Formiga em apuros? Porquê?”, “Devemos respeitar as formigas? Porquê?”.

Depois de toda a reflexão, dizer aos alunos que após terem aprendido sobre formigas que as vão ter de comparar aos humanos. Terão, então, de completar o diagrama de Verne, que diz “Formiga” e “Menino”, conforme as diferenças entre humanos e formiga. No meio do diagrama devem de colocar aquilo que ambos têm em comum.

O membro da equipa, para ajudar os meninos a comparar o ser humano com a formiga devem de mostrar uma série de imagens legendadas para eles discutirem em que parte do diagrama é que se enquadraria. Alguns exemplos: família, casa, roupa, inseto, comida, trabalho, humano, sentimentos, grande, pequenino, 6 perninhas, 2 pernas, animal e comunidade.



Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Sessão 6

Atividade 1: “*Em Apuros*”

Objetivo afetivo/prático:

- Os alunos vão aprender sobre o papel que os abrigos de animais têm na ajuda aos animais;
- Os alunos vão poder refletir sobre aquilo que eles próprios podem fazer para ajudar os abrigos.

Objetivo acadêmico:

- Os alunos vão ler e compreender histórias;
- Os alunos vão aprender sobre o funcionamento e vida em sociedade.

Material: Projetor. Histórias.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

A equipa deve de dizer aos alunos que a cidade está em apuros e eles são os indicados para ajudar. “O Ricardo, que costuma atender os telefonemas das pessoas que estão em apuros ou com problemas, e depois os direciona para o lugar que efetivamente pode ajudar essas pessoas está muito doente. Será que vocês são capazes de atender o telefone e descobrir quem é a pessoa mais indicada para tratar dos problemas?”

Deve projetar-se uma imagem e cada um destes locais: posto da polícia, hospital e um abrigo de animais.

Antes de os meninos começarem a “atender os telefonemas” deve pedir-se que eles descrevam os sítios que estão a ver e o que se faz em cada um dos locais.

Depois, dá-se aleatoriamente os cartões (cartões estes que a equipa deve de preparar com problemas que possam surgir na cidade de forma a que os meninos entendam e possam procurar uma solução para os mesmos) pela turma e pede-se para os alunos, um a um, lerem o que diz em cada cartão em voz alta. Devem depois decidir seria o melhor local a chamarem para resolverem o problema e porquê (se necessário os outros colegas podem ajudar a decidir).

A equipa deve de ir anotando no quadro os problemas correspondentes a cada local.

No fim, a equipa deve de ler o final de cada uma das histórias que preparou para turma.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Sessão 7

Atividade 1: “Ahh, *Nunca Tinha Pensado Nisso!*”

Objetivo afetivo/prático:

- Os alunos vão desenvolver sentido de responsabilidade pelo Planeta Terra e pelos seus habitantes.

Objetivo académico:

- Os alunos vão ser capazes de identificar as razões pelas quais os animais estão em perigo de extinção, assim como os Humanos;
- Os alunos vão ser capazes de identificar que mudanças é que eles poderiam fazer na sua vida de forma a ajudarem estes animais, bem como toda gente.

Material: Projetor. Cartões com as razões pelas quais os animais estão em perigo: produtos químicos na água, redes de pesca, derrames de petróleo, usados como joias, usados como medicamento, alimento, produtos de beleza, construção de barragens, predadores, usados como casaco, pesticidas, desflorestação, etc. Ficha “Vamos pensar um bocadinho sobre isto...”. Caneta/Lápis.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: membros da equipa.

Procedimento:

Distribuir um cartão por aluno ou, se a turma for muito grande distribuir por cada par. Andar pelos alunos/grupos e pedir para lerem o que diz cada cartão. No fim de todos os cartões serem lidos perguntar “O que é que vocês acham que são estas coisas que estão escritas nos cartões?”. Dar algum tempo para os alunos pensarem. Fomentar a discussão, cuja resposta será: “razões pelas quais os animais estão em perigo de extinção”.

Depois, a equipa deve de fazer duas colunas no quadro: “Causadas pelo Homem” vs “Não Causadas pelo Homem”. Pedir aos alunos/pares para pensarem em qual dos lados o motivo que está no seu cartão se insere. Deixar todos os alunos participar ordeiramente na discussão.

No fim deve procurar-se levar os alunos a refletir sobre atividade, com questões como “Como é que esta atividade vos fez sentir?” ou “O que é que aprenderam de novo sobre espécies em vias de extinção?”.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Ficha: “*Vamos pensar um bocadinho sobre isto...* ”.

- 1) Identificação do aluno:
- 2) Os alunos devem de responder às perguntas individualmente ou em grupo, conforme o número de alunos da turma:
 - Como é que a atividade te fez sentir? Porquê?
 - Estás surpreendido pela quantidade de coisas que os humanos fazem que colocam em risco os animais? Porquê?
 - Achas importante saber quais os motivos que levam os animais a estar em perigo? Sim _ Não_. Explica porque achas isso.

- Consegues pensar em mudanças que se podem fazer que poderiam ajudar estes animais?
- E tu? O que podes fazer?

Sessão 8

Atividade 1: “*De Olhos Fechados*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Perceber o porquê de nós, humanos, sermos responsáveis pelos nossos animais e a razão pela qual eles dependem de nós.

Objetivos académicos:

- Através da participação na atividade e na discussão que se vai dar no final os alunos vão passar a dominar conceitos como “responsabilidade” e “dependência”.

Material: Fitas para vendar os alunos. Ginásio/recreio. Material do ginásio (bolas, arcos, etc).

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Primeiro deve pedir-se aos alunos que façam filas. Depois, de dois em dois, deve de se dar uma venda e indicar aos alunos que fazem par com o colega ao lado. O aluno que não tiver venda irá guiar o que está vendado de forma a este passar por uma série de obstáculos (montado previamente pela equipa do projeto). No final do percurso, os alunos devem de trocar de papéis, para ambos passarem pela mesma experiência.

No final de todos terem realizado a atividade deve tentar fomentar-se uma discussão onde a turma expressa o que sentiu, quais as preocupações, os medos, entre outros, quando estavam dependentes do parceiro. Depois, deve pedir-se que expliquem como estavam a ser responsáveis pelos colega vendados, sugerindo que completem esta frase “Eu tive de me certificar que.....” (exemplo de respostas: “não se perdia”, “seguia as minhas indicações”, “se setia seguro e confortável”, “nãos e magoava”, “podia confiar em mim”).

Lado a Lado: Programa de Intervenção em Maus-Tratos contra Animais Como Forma de Prevenção de
Violência Interpessoal

Para terminar, deve tentar-se, enquanto turma, chegar a uma definição do que é ser um dono responsável.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Anexo 6: Planificação das Sessões do Módulo II – Respeito pela Vida Humana e Animal

Sessão 9

Atividade 1: “Eu e o Outro”

Objetivos afetivos/práticos:

- Os alunos podem desenvolver competências como respeito pelo outro e interações do quotidiano do relacionamento interpessoal.
- Desenvolvimento de empatia e capacidade de se colocar no lugar do outro.

Objetivos académicos:

- Exploração e prática de transmissão e receção de informação;
- Desenvolvimento da capacidade argumentativa.

Material: nada a apontar.

Duração: 25 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Pede-se dois voluntários da turma, que deverão de representar algumas situações que refletem dificuldades de comunicação que eles sintam no dia-a-dia, ou, algo que tenham observado durante a semana, ou até, um episódio que se lembrem.

Se os alunos não quiserem partilhar ou simplesmente não se lembrem de nenhuma situação a equipa tem já duas preparadas.

Situação 1: imaginar uma situação de bullying na turma em que um menino não pode jogar à bola com o resto da turma simplesmente porque é ruivo e tem muitas sardas.

Situação 2: imaginar uma situação em que um menino está a ser acusado injustamente de ter tirado o chocolate que um dos colegas tinha para o lanche.

Após vários alunos terem realizado o role-play, deve proceder-se a uma exploração da dinâmica onde se deverão levantar questões como: “O que sentiste na representação desse papel?”,

“Tiveste dificuldade em interpretar esse papel? Porquê?”, “Porque sentiste essa dificuldade?”, “Se fosse uma situação real como te sentirias?”, “Se fosse uma situação real o que farias?”.

Fonte: Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”

Atividade 2: “*Quem É Responsável?*”

Objetivo afetivo/prático:

- Perceber as diferenças entre um dono responsável e um dono irresponsável.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão demonstrar que assimilaram os dois novos conceitos (responsável e irresponsável) enquanto que os relacionam com os animais de companhia e escrevem histórias onde irão incorporar os dois conceitos.

Material: Dicionário. Lápis/caneta. Folha papel. Dicionário. Quadro da sala de aula.

Duração: 25 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Brainstorming com os alunos sobre o que é um dono responsável e um dono irresponsável. De seguida, os alunos devem procurar nos dicionários o significado das palavras responsável e irresponsável. Depois deve pedir-se à turma que em conjunto eles próprios façam uma definição. Para terminar deve pedir-se a todos os alunos que escrevam duas histórias pequenas onde usem os dois termos. A equipa irá pedir a alguns alunos que partilhem com a turma as suas histórias.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Sessão 10

Atividade 1: “*Animais à nossa volta*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Os alunos vão ser capazes de identificar os animais com os quais vivem em comunidade (pardais, pombos, esquilos, etc).

Objetivos académicos:

- Os alunos vão ouvir e ler de forma a adquirirem informação;
- Os alunos vão ser eles próprios a adquirir e a tratar a informação;
- Os alunos vão ter de apresentar a informação que recolheram de forma clara, consciente e compreensível.

Material: Ficha que os alunos devem de preencher. Lápis/Caneta. Folha de papel.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Dividir a turma em dois para ser mais fácil para a equipa organizadora e levar os dois grupos a passear pelas imediações da escola, pedindo que estes procurem por animais em todo o lado: edifícios, passeio, árvores, céu, etc.

Quando se regressar à sala de aula pedir que os alunos partilhem quais os animais que viram durante o passeio.

Depois, dar a cada aluno uma ficha que devem preencher de acordo com os 3 parâmetros para cada animal: “*Nome do animal, O que é que ele come, Onde é que ele vive?*”.

No final, deve pedir-se a cada aluno para escolher um dos animais que viu, desenhá-lo e mostrar à turma o que desenhou e porquê.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Nome do Animal	O que é que ele come	Onde é que ele vive

Sessão 11

Atividade 1: “*Animais no Entretenimento*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Os alunos vão ser capazes de descrever a forma como os elefantes vivem na natureza e como vivem em cativeiro;
- Os alunos vão ser capazes de descrever uma variedade de pontos de vista acerca do uso de animais no entretenimento.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão ler e compreender uma história;

Material: Imagens de elefantes na natureza e em cativeiro. História do elefante e respetivo questionário que podem ser encontrados no manual da American Society for the Prevention of Cruelty to Animals. Lápis/Caneta. Questionário.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

A equipa deve de perguntar ao grupo se já alguma vez viram animais no circo a fazer qualquer tipo de truque.

Deve, ainda, incentivar os alunos a dizer quais os animais que viram e o que estavam a fazer (é preciso fazer com que os alunos não se esqueçam dos elefantes dado que a atividade vai girar à volta deles).

Deve depois perguntar-se aos alunos sobre aquilo que eles sabem sobre a forma como os animais vivem na natureza, e fomentar o diálogo e participação ativa. Após este diálogo, indica-se aos alunos que leiam a história que a equipa lhes vai dar e preencham o questionário.

Nota: a equipa do projeto deve de deixar clara a ideia de que os elefantes não são os únicos a sofrer com estes comportamentos humanos.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Sessão 12

Atividade 1: “*Senhora Baleia*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Os alunos vão ser capazes de compreender o conceito da relação entre “causa/efeito”;
- Os alunos vão ser capazes de perceber a ligação entre as nossas ações quotidianas e o seu efeito na vida selvagem e no meio ambiente;
- Os alunos vão aprender a reduzir e a reutilizar no seu dia-a-dia.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão ler e compreender informação;
- Os alunos vão aprender e aplicar conceitos científicos relacionados com o meio ambiente;
- Os alunos vão compreender que as ações e decisões do ser humano podem ter um impacto profundo no meio ambiente.

Material: Um saco que deverá de conter o conteúdo do estômago da baleia (uma garrafa de água inteira e outras meias desfeitas, uma rede de pesca, corda, saco do lixo, dez pequenos itens de plástico, borracha, copos de plástico, pratos, utensílios, garrafas/latas de refrigerantes).

Projector. Apresentação de *power-point* sobre itens biodegradáveis e não biodegradáveis. Documento com informação acerca da baleia encontrada que pode ser encontrado no manual da American Society for the Prevention of Cruelty to Animals. *Power-point* com imagens que mostrem o efeito que os plásticos têm nos oceanos e nos seres vivos que lá habitam. Lápis/Caneta.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Introduzir novo conceito no campo lexical e semântico das crianças – biodegradável: que se desfaz em pequenas partes devido à ação dos vários seres vivos.

Primeiro, a equipa deve despejar o saco que tem o conteúdo do estomago da baleia em cima de uma mesa que todos os alunos tenham visibilidade.

Depois, a equipa deve perguntar aos alunos se eles sabem o que é que todos aqueles itens têm em comum. Após uma pequena discussão deve revelar-se aos alunos que uma baleia que deu à costa nos EUA, em dezembro de 1992, tinha o mesmo conteúdo dentro do seu estômago.

Depois deve pedir-se aos alunos para tentarem estimar/” adivinhar” qual a percentagem aqueles itens que é feita à base de plástico (resposta: a grande maioria).

De seguida deve informar-se aos alunos que o plástico é um dos maiores poluentes dos nossos oceanos, mares e rio. Deve ainda relacionar-se com o facto de o plástico ter como base na sua constituição petróleo (que os alunos não deverão de saber, mas se os deve informar), e que este composto não é biodegradável (ou seja, não se decompõe), então, quando as pessoas não reciclam ou atiram plástico para o chão ou oceanos estão a causar um grande dano ao Planeta Terra e a todos os seres vivos que nela vivem (humanos e animais).

É, ainda, aconselhável apresentar-se um *power-point* onde se explique melhor o que é, e se ilustre com imagens para os meninos conseguirem ficar mais esclarecidos.

Após esta parte mais informativa deverá pedir-se aos alunos para se organizarem em grupo (talvez de cinco elementos, mas dependerá muito do número de alunos da turma) e resolvam a ficha abaixo apresentada.

Não esquecer nunca de lembrar que a maioria dos itens encontrados no estomago da baleia tinham como base plástico.

Após a elaboração da ficha deve introduzir-se dois novos conceitos à turma: o Reduzir e o Reutilizar.

Fomentar a discussão em torno da REDUÇÃO de desperdícios, nomeadamente plástico, com ajuda de algumas questões. Primeiro deve colocar-se encima da mesa utensílios de plástico como copos, pratos, talheres, etc., e de seguida deve perguntar-se aos meninos se eles usam esse tipo de utensílios dentro ou fora da escola. Fazê-los pensar sobre se é sempre necessário recorrer a estes itens, e se, por vezes, não seria possível substituí-los por outro tipo de materiais (exemplo, vidro ou cerâmica). No final, pergunta-se “O que será melhor para o ambiente e planeta?”. Para terminar deve tentar-se passar a ideia de que uma das formas que temos de ajudar o planeta, os oceanos, o ambiente e os animais é não recorrer a itens feitos de plástico quando podemos recorrer a itens fabricados de outros materiais.

Fomentar a discussão em torno da REUTILIZAÇÃO de desperdícios. Deve começar-se por perguntar aos alunos o que fazem às coisas quando já não precisam mais delas (a resposta deverá de ser que deitam fora). Fazer a turma pensar sobre o facto que depois de utilizarem estes objetos não precisam necessariamente de os deitar fora, podendo estes ser utilizados para outro fim como por exemplo para fazerem trabalhos criativos ou para servirem de arrumação. Deve ainda tentar-se passar a ideia de que umas das formas que o ser humano tem de proteger o planeta e os animais é, em vez de deitar tudo ao lixo quando já não tem utilidade, tentar dar-lhe uma nova vida. Para terminar a equipa deverá mostrar alguns dos itens do estomago da baleia e incentivar a uma discussão sobre que novas vidas poderiam dar a alguns dos objetos.

Nota: deve falar-se da baleia, mas sem esquecer que a baleia não é o único animal a passar por essa situação. Mostrar imagens do efeito que os plásticos têm no oceano e nos animais que lá vivem. A equipa do projeto deve ainda tentar reforçar a ideia com informações mais atuais (por exemplo: tartarugas e plástico no oceano).

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Ficha:

Ficha deverá ter as seguintes questões para os alunos responderem:

- 1) Como é que todos aqueles objetos foram parar à barriga da baleia? Explica.
- 2) Achas que isso aconteceu por acidente ou de propósito?

- 3) Como é que uma pessoa que deita lixo para o oceano sem pensar nos animais e no planeta se deverá de sentir em relação ao planeta?
- 4) Achas possível que estas pessoas que atiram estes materiais para o lixo se preocupem com o meu ambiente? Sim_ Não_. Explica porque pensas isso.
- 5) Nós sabemos sempre qual o impacto que as nossas ações irão ter no meio ambiente? Sim_ Não_. Explica o porquê de achares isso.
- 6) Qual é a melhor coisa que podemos fazer para evitar que todo o lixo acabe nos oceanos?

Sessão 13

Atividade 1: “*Os Animais Também Têm Direitos*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Os alunos vão ter a possibilidade de discutir sobre quais os prós de vários assuntos relacionados com os Direitos dos Animais e dos Humanos
- Os alunos vão desenvolver empatia, na medida em que vão ser desafiados a colocar-se no lugar do outro.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão desenvolver capacidade de leitura e compreensão;
- Os alunos vão analisar e avaliar uma série de informações.

Material: Projetor. Imagens de animais que são usados como alimento (por exemplo, galinhas, patos, vacas, cordeiros). Imagens de vários tipos de carne (por exemplo, filetes, hambúrgueres, costeletas, pernas de frango, etc.). Imagens de roupa ou acessórios cuja matéria-prima é animal. Fichas de trabalho “*O que é que tu apoias?*” disponível do manual da American Society for the Prevention of Cruelty to Animals. *Power-point* com imagens que mostram semelhança entre animais e humanos.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

A equipa deve de começar por perguntar aos alunos uma série de questões nas quais eles devem ou não levantar a mão conforme concordam com o que é dito [exemplo de questões: “*Quem*

daqui é que mataria um rato? Quem mataria um cão? E um veado? E um peixe? E uma aranha?"].

Após estas perguntas deve discutir-se com os alunos os sentimentos que giram à volta do porquê de eles matarem alguns animais e outros não.

De seguida, a equipa deve falar à turma sobre as formas como os animais são mortos (de uma forma simples, suave e adequada à idade da turma), por exemplo, através da caça, como desporto, com armadilhas, etc. Deve-se ainda levar os alunos a refletir sobre as razões pelas quais estes animais são mortos (por exemplo, para serem o nosso alimento, para fazer casacos, devido às fábricas que usam, por exemplo, leite).

No final, deve mostrar-se imagens de alimentos e pôr as crianças a pensar sobre aqueles que têm origem animal, bem como imagens de roupas e acessórios feitos de peles ou pelos de animais.

Antes de se proceder à realização da ficha deve-se tentar ter um diálogo aberto com os meninos de forma a que estes consigam ver que há imensos semelhanças entre os humanos e os animais. Por exemplo, “como nós temos direito a ter uma família, também as vaquinhas e os coelhos têm”. Para ajudar devem mostrar-se imagens onde se vê que os animais não são assim tão diferentes das pessoas, de forma a que as crianças entendam que tal como os humanos têm direitos, assim têm os animais.

Preenchimento da ficha e discussão das respostas.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Sessão 14

Atividade 1: “*Bullying*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Os alunos vão aprender a lidar com situações em que podem ser eles as vítimas ou ver alguém a ser vítima;
- Os alunos vão aprender a defender-se;
- Construção de confiança, autoconceito e sentimento de segurança.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão fazer uma ficha.

- Os alunos vão compreender um vídeo.

Material: Fichas disponíveis em: Programa "*Chega de Bullying*". Lápis/Caneta. Vídeo disponível em: LINK.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

A equipa deve de começar por mostrar o vídeo em questão e fomentar a discussão em torno do vídeo de modo a que os próprios alunos entendem de que fenómeno é que se está a falar. Deve ainda procurar esclarecer todas as questões colocadas pelos alunos bem como abordar tópicos como quais os tipos de bullying, o que se pode fazer, como ajudar alguém que sofre, “se eu estiver nessa situação o que posso fazer?”, que hoje constitui crime, que a culpa não é da vítima, que danos pode causar na vítima e quem é o típico agressor e a típica vítima (entre outras questões que possam surgir).

No fim de toda esta discussão pede-se aos alunos que resolvam umas fichas referentes a esta temática.

Fonte: Programa "*Chega de Bullying*".

Sessão 15

Atividade 1: “*Como Podemos Proteger os Animais?*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Os alunos vão ser capazes de dizer o que é que as forças de segurança e os tribunais podem fazer para prevenir que as pessoas maltratem os animais.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão treinar competências de leitura e compreensão oral;
- Os alunos vão ser capazes de analisar e avaliar informação tendo em consideração a um vasto leque de perspetivas.

Material: Levado pelo agente do SEPNA. Projetor. Lápis/Caneta.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa do projeto (dois Criminólogos) conjuntamente com um agente do SEPNA.

Procedimento:

Será convidado um agente do SEPNA para ir falar sobre a temática á turma. O agente deverá questionar à turma sobre coisas que já tenham visto ou tenham conhecimento e que sabem que podem causar dano aos animais. Previamente, a equipa ter-lhe-á pedido que se aborda as atividades que são praticadas diariamente que causam dano aos animais (lutas entre cães, abandono, negligência, maus-tratos, barras de ferro e os pombos, colónias de gatos, etc) e frisar que as mesmas são ilegais e que é possível preveni-las. O agente deverá ainda explicar aos alunos o que é que eles e qualquer outra pessoa podem fazer para evitar estes episódios, através do simples facto de estarem atentos.

Após esta introdução, irá pedir-se aos alunos que façam grupos e que selecionem uma problemática que lhes fora apresentada pelo convidado da SEPNA e que achem que poderia ser combatida com o recurso às forças de segurança e aos tribunais.

Deve, ainda, dar-se algum tempo para os alunos pensarem em soluções que auxiliassem a combater essa problemática e que as partilhem com a turma de forma a fomentar um debate.

Nota: Dar ideia aos alunos de que foram eles que chegaram a todas as conclusões, de forma, até a fomentar a sua autoestima.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Sessão 16

Atividade 1: “*Dia do Animal*”

Objetivos:

- Abertura da aplicação do programa de um modo diferente;
- Abordar o início da temática dos comportamentos violentos contra animais;
- Dar a conhecer mais da realidade das associações de animais como forma de consciencialização e conhecimento.

Material: Instrumentos e recursos que os membros da organização utilizem nestas apresentações.

Duração: 1 hora.

Dinamizador: Membros de uma associação de animais em articulação com equipa dinamizadora (dois Criminólogos).

Procedimento:

Os responsáveis pela Associação deverão de ir dar uma aula à turma (possibilidade de ser, também, em forma de palestra para várias turmas da escola) onde falam sobre a associação, o que fazem para ajudar os animais, o que todos nós podemos fazer, sobre questões como a sobrepopulação animal (colónias de gatos, por exemplo) e como evitar, sobre negligência, sobre quais os animais que não podemos ter em casa, etc.

Para o impacto ser ainda maior, irá pedir-se à associação que leve um ou dois animais com os quais os meninos poderão ter contacto no final da sessão.

Nota: O ideal seria esta sessão coincidir com o Dia do Animal.

Anexo 7: Planificação das Sessões do Módulo III – Controlo da Raiva e Frustração

Sessão 17

Atividade 1: *“Aprender a Reconhecer Sentimentos I”*

Objetivos práticos/afetivos:

- Os alunos irão desenvolver inteligência emocional.

Objetivos Académicos:

- Os alunos irão realizar fichas.

Material: Ficha disponível no manual *“Psicologia Acessível”*. Caneta/Lápis.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Os alunos irão realizar fichas de trabalho com o intuito de eles poderem trabalhar e desenvolver a sua inteligência emocional e a reconhecer as suas emoções e as dos outros. Ao mesmo tempo a equipa irá tentar abordar a temática da inteligência emocional, sempre tendo em a atenção o uso de uma linguagem apropriada para tal.

Fonte: Manual *“Psicologia Acessível”*

Sessão 18

Atividade 1: *“Aprender a Reconhecer Sentimentos II”*

Objetivos práticos/afetivos:

- Os alunos irão desenvolver inteligência emocional.

Objetivos Académicos:

- Os alunos irão realizar fichas.

Material: Ficha disponível no manual *“Psicologia Acessível”*. Caneta/Lápis.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Os alunos irão realizar fichas de trabalho com o intuito de eles poderem trabalhar e desenvolver a sua inteligência emocional e a reconhecer as suas emoções e as dos outros. Ao mesmo tempo a equipa irá tentar abordar a temática da inteligência emocional, sempre tendo em a atenção o uso de uma linguagem apropriada para tal.

Fonte: Manual “*Psicologia Acessível*”.

Sessão 19

Atividade 1: *Yoga + Exercícios de Respiração*

Objetivos:

- Os alunos aprenderam a controlar sentimentos negativos dentro de si;
- Atividade que ajuda a manter a calma em situações de stress;
- Atividade que melhora/trabalha, também, outras competências como autoestima e autoconceito.

Material: É necessário solicitar à escola a utilização do ginásio e, possivelmente de alguns dos seus materiais como tapetes de yoga, entre outros (mas tudo irá depender do que o Professor tiver pensado para a turma).

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Professor especializado na área convidado de fora para o efeito.

Procedimento:

Um Professor especializado em yoga e exercícios de respiração irá lecionar uma aula prática com os meninos da turma.

Recomenda-se que, uma vez dada esta sessão se tira alguns minutos de todas as sessões futuras para a turma praticar alguns exercícios de respiração, já que é uma atividade que precisa de muita prática para se atingirem os objetivos pretendidos.

Sessão 20

Atividade 1: “*Situações que me deixam chateado*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Trabalho em equipa;
- Desenvolvimento de laços com os colegas;
- Empatia.

Objetivos académicos:

- Comunicação e fala em público.

Material: nada a apontar.

Duração: 50 minutos

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

A turma divide-se em grupos de 4/5 elementos. Cada aluno irá expor um problema (real ou não). Os outros membros do grupo vão então dar conselhos de tal forma que se fossem eles com o mesmo problema se iriam sentir melhor.

Fonte: Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”

Sessão 21

Atividade: *Judo*

Objetivos:

- Os alunos aprenderam a controlar sentimentos negativos dentro de si;
- Atividade que ajuda a manter a calma em situações de stress;
- Atividade que melhora/trabalha, também, outras competências como autoestima e autoconceito.

Material: É necessário solicitar à escola a utilização do ginásio e, possivelmente de alguns dos seus materiais como tapetes de yoga, entre outros (mas tudo irá depender do que o Professor tiver pensado para a turma).

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Professor convidado para o efeito.

Sessão 22

Atividade 1: *“Dinâmica das Emoções”*

Objetivos afetivos/práticos:

- Os alunos vão ser capazes de reconhecer as suas emoções positivas e negativas.

Objetivos académicos:

- Falar em público.

Material: Apenas é necessário que a atividade seja realizada numa sala vazia.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

A equipa do projeto convida os alunos da turma a caminhar livremente pela sala, sem tocar uns nos outros. Quando os animadores disserem a palavra de ordem: “PARAR!”, os participantes aguardam as instruções:

- 1) Formar dois grupos: os que se sentem “bons” para um lado e os que sentem “maus” para o outro. Cada aluno deve, de seguida, o porquê de terem escolhido determinado lado.
- 2) Formar dois grupos: os que se sentem alegres e os que se sentem tristes para o outro. Cada aluno deverá, ainda, de explicar, mais uma vez, o motivo da sua escolha.
- 3) Formar dois grupos: os que se sentem oprimidos para um lado, e os que se sentem opressores para o outro. Para terminar, terão, novamente, de justificar o porquê da escolha.

Entre cada formação de grupos, os participantes são convidados a andar livremente pela sala.

Fonte: Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”

Sessão 23

Atividade 1: “*Fico feliz quando...*”

Objetivos afetivos/práticos:

- Sensibilizar e reconhecer nossas próprias emoções e as dos outros;
- Desenvolver a empatia e buscar formas de equilibrar nossas emoções para lidar com conflitos e melhorar relacionamentos interpessoais.

Objetivos académicos:

- Os alunos irão trabalhar competências de escrita e leitura.

Material: Quadro da sala de aula. Questionário. Lápis/caneta.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimentos: Os dinamizadores explicam ao grupo que irão fazer um exercício para entrar em contato e reconhecer as próprias emoções e dos companheiros. Salientar que é um momento sério, pois irão lidar com aspectos pessoais, tanto de si mesmos como dos companheiros e que é preciso tratar com respeito essas questões.

Podem para listarem algumas das emoções que podemos ter. Escrever no quadro. Após listarem no quadro os dinamizadores explicam que há uma tênue diferença entre emoção e sentimento, mas que estes se complementam. Aí apresentam uma lista com as várias emoções/sentimentos e afixam-na na sala para que os participantes possam consultá-la e assim conseguir especificar melhor o que sentem diante das situações do questionário. Salientam, ainda, que há uma enormidade de emoções e sentimentos que o ser humano pode ter e que a lista não pretende esgotar, todas que existem. Que podem colocar outras que ainda não citamos. Explica ao grupo que muitas vezes não conseguimos identificar adequadamente as emoções/sentimentos em nós mesmos e em outras pessoas o que tende a causar conflitos, desavenças e mau entendidos; escolhas erradas e ainda atribuição de valores equivocados.

Entregar o questionário aos participantes e pede para completarem as frases, identificando suas emoções para cada uma das situações. Estabelecer 10 minutos para essa atividade.

LISTA DE EMOÇÕES/SENTIMENTOS

dúvida, raiva, felicidade, alegria, amor, desamor, compaixão, tristeza, desespero, surpresa, medo, pavor, fobia, desesperança, angústia, esperança, gratidão, expectativa, excitação, hesitação, ansiedade, orgulho, pretensão, segurança, insegurança, frustração, reconhecimento, valorização, desvalorização, respeito., vazio, etc.

QUESTIONÁRIO

Complete as frases abaixo escrevendo as emoções que tem diante dessas situações abaixo:

A emoção que eu mais gosto de sentir é: _____

A emoção que eu menos gosto de sentir é: _____

Eu fico feliz quando: _____

Eu fico triste quando: _____

De que maneira costumo reagir inicialmente diante das situações. Que emoção sinto com mais frequência? _____

OBS: O facilitador pode elaborar outras questões mais específicas para o grupo que está trabalhando. Por exemplo:

Quando chega à escola o que sinto? _____

Quando estou me relacionando com a minha turma o que sinto? _____

Quando tenho que trabalhar com o meu parceiro o que sinto? _____

DISCUSSÃO:

1-Terminada essa etapa, pedir para que cada membro do grupo apresente o que respondeu para cada questão.

Depois de todas as respostas, perguntar:

1- Como se sentiram durante a atividade?

2- Já tinham pensado em como se sentem em algumas situações e o porquê dessas emoções/sentimentos/?

3- Foi fácil ou difícil identificar as emoções para cada situação?

4-Conseguem perceber que se não identificamos nossas emoções fica mais difícil de trabalhá-las?

Fonte: Dinâmicas Passo a Passo.

Sessão 24

Atividade 1: “*Gaveta dos Sentimentos*”

Objetivos afetivos/práticos:

- As crianças podem aprender a reconhecer e a expressar os sentimentos que podem ter vindo a reprimir.

Objetivos acadêmicos:

- As crianças vão escrever e/ou fazer desenhos que mostram aquilo que elas estão a sentir.

Material: Pequeno “armário” com 3 gavetas. Lápis/canetas. Folhas de papel.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Dar o nome de um sentimento a cada uma das gavetas do pequeno armário (por exemplo, saudade, alegria, tristeza). Depois, a equipa irá pedir às crianças para fazerem um desenho ou escreverem frases relacionadas com cada um dos sentimentos, para depois se colocar na respetiva gaveta.

No final, cada aluno é convidado a explicar cada um dos desenhos/frases que criou à turma. Nota: ter sempre em atenção para não forçar as crianças a falar sobre os seus sentimentos uma vez que a medida é conseguir exprimi-los e falar sobre eles, não as forçar a partilhar com toda a turma.

Fonte: Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”

Anexo 8: Planificação das Sessões do Módulo IV – Atitudes Pro Sociais

Sessão 25

Atividade 1: “*Quem faz o quê?*”

Objetivos afetivos/práticos/emocionais:

- Reconhecer a forma como diversas pessoas com diferentes ocupações têm um papel importante no cuidado de segurança dos animais domésticos.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão ser capazes de identificar pessoas cujas ocupações/profissões vão ao encontro das necessidades dos animais domésticos.

Material: Quadro da sala de aula.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma + Pessoas convidadas para o efeito.

Procedimento:

Na primeira parte da sessão os alunos deverão de enumerar uma série de animais de estimação/domésticos enquanto que a equipa do projeto irá anotar no quadro. De seguida deverá fazer-se com que as crianças enumerem quais as necessidades que esses animais podem ter e, anotar, também, no quadro.

Depois, deve orientar-se os alunos para a identificação de profissões que estão em contacto ou diretamente relacionadas com animais (exemplo: veterinário, passeador de cães, agente da polícia, pessoas que trabalhem em abrigos de animais, pessoas que trabalhem em lojas de animais, treinador, etc).

Na segunda parte da sessão tentar-se-á chamar várias pessoas com profissões ligadas a animais para falarem um pouco do que fazem e responder a questões que os alunos possam ter.

Sessão 26

Atividade 1: *Visita de Estudo: Santuário de Animais.*

Objetivos afetivos/práticos/emocionais:

- Os alunos vão desenvolver competências como empatia e compaixão;
- Os alunos irão socializar mais entre si o que poderá aumentar a ligação entre os vários elementos da turma.

Objetivos académicos:

- Os alunos vão aprender mais sobre animais.

Material: Autocarro/carrinha da escola como meio de transporte. Papel para os pais assinarem a ida à visita de estudo.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma + Membros do Santuário.

Duração: 1 hora.

Sessão 27

Atividade 1: *“Se Respeitares Serás Respeitado”*

Objetivos práticos/emocionais:

- Fomentar o aumento de comportamentos inseridos em padrões de conduta
- Potenciar uma melhoria da conduta em termos disciplinares.
- Contribuir para a aquisição e o reforço de competências sociais facilitadoras da comunicação interpessoal.
- Possibilitar a aquisição e o reforço de competências sociais facilitadoras da resolução de problemas.
- Promover a aquisição e o reforço de competências sociais facilitadoras da assertividade.

Objetivos académicos:

- Desenvolvimento de competências de comunicação interpessoal (consciência pessoal e social);
- Trabalhar a visão que os alunos têm de si próprios;

Lado a Lado: Programa de Intervenção em Maus-Tratos contra Animais Como Forma de Prevenção de Violência Interpessoal

- Desenvolvimento de assertividade (comportamento social observável);
- Trabalhar a capacidade de pedir ajuda e desculpa;
- Trabalhar competências como resolução de problemas e seguir instruções.

Material: Quadro. Projetor. Fichas e vídeos.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

A equipa do projeto projeta a Ficha no quadro e apresenta o caso da Sofia e da Tânia, lendo-o em voz alta ou pedindo a um aluno para fazer a leitura. De seguida solicita aos alunos para se manifestarem em relação às alternativas de resposta que as personagens teriam tido. Conclui-se a análise da situação com uma discussão conducente a uma síntese integradora e à identificação das regras infringidas pelas alunas. Fichas disponíveis em: https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/programas_prevencao/j3cxp2zj-volume-2_oficina-de-treino-de-competencias-pessoais-e-sociais_.pdf (pp 38-39).

Visualização do filme “*Day and Night*”: Filme que retrata uma relação de início mais atribulada do que o habitual, que realça a importância do conhecimento de si e do outro e do respeito pelas diferenças como ponto de partida para uma boa relação). Fichas em anexo para ser realizadas com origem em: https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/programas_prevencao/j3cxp2zj-volume-2_oficina-de-treino-de-competencias-pessoais-e-sociais_.pdf (pp 40-43).

Fonte: Equipa de Mediação Integrada (EMI): Serviço de Psicologia e Orientação , 2014

Sessão 28

Atividade 1: *Visita de Estudo: Banco Alimentar.*

Objetivos:

- Os alunos vão desenvolver altruísmo e empatia;
- Os alunos vão desenvolver autoestima e autoconceito.

Material: Autocarro/Carrinha da Escola.

Duração: 1hora.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Sessão 29

Atividade 1: “*E Agora?*”

Objetivos afetivos/emocionais/práticos:

- Identificar formas de evitar problemas que tendem a levar ao abandono dos animais.

Objetivos académicos:

- Os alunos irão identificar as razões pelas quais, geralmente, as pessoas abandonam os animais;
- Os alunos irão pensar em soluções para evitar o abandono dos animais.

Material: Cartolinas. Canetas de Cor. Lápis.

Duração: 50 minutos.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento:

Deve começar-se por perguntar aos alunos sobre quais as principais razões que levam as pessoas a abandonar os seus animais de companhia. A equipa deve de anotar no quadro. O *The National Council on Pet Population Study and Policy* recentemente partilhou que as principais razões eram as expostas em baixo. Nota: se os alunos não tiverem chegado a todas elas deve de se ajudar e guiar o raciocínio para elas.

1. Mudança de casa.
2. O senhorio não aceita animais.
3. Ter demasiados animais de estimação.
4. Gastos.
5. Problemas pessoais.
6. Casa pequena/pouco espaço.
7. Procura de casa para uma ninhada de cachorrinhos e gatinhos.
8. Falta de tempo.
9. Mau comportamento.

10. O animal tem dificuldade em relacionar-se com outros animais.

De seguida, deve de se fomentar um diálogo com a turma em que estes pensam em como e poderia solucionar cada um dos problemas acima referidos.

Exemplo:

- Não deixar os animais ter mais bebés (3, 7, 9);
- Não adotar um animal a não ser que haja certezas de que se é capaz de cuidar de um (ter um animal de estimação exige tempo, espaço, dinheiro, paciência e amor) – 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10);
- Ida ao veterinário – 3, 7, 9, 10.

Para terminar irá pedir-se aos alunos que façam um cartaz simples para chamar atenção para a problemática do abandono de animais. Nota: o tempo de aula pode não ser suficiente pelo que o término do poster pode ficar para “trabalho de casa”.

Fonte: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals

Sessão 30

Atividade 1: *Filme: Babe*

Objetivos:

- Os alunos vão desenvolver empatia e compaixão.

Material: Filme e sala com projetor.

Duração: 2 horas.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Procedimento: Visualização do filme. No final deve de se fazer uma reflexão crítica sobre o mesmo com os alunos.

Sessão 31

Atividade 1: *Visita de Estudo: Associação de Animais.*

Objetivos:

- Os alunos irão desenvolver empatia e compaixão;
- Os alunos irão aumentar a sua autoestima e autoconceito;
- Os alunos ficarão a conhecer de perto a realidade de uma Associação de Animais.

Material: Carrinha/autocarro da escola.

Duração: 3 horas.

Dinamizador: Equipa dinamizadora (dois Criminólogos) em cooperação com Professor da turma.

Sessão 32

Atividade 1: Preenchimento do Questionário Final.

Atividade 2: Lanche preparado por toda a equipa do projeto como forma de despedida da turma e dos meninos.

Anexo 9: Questionário de Avaliação dos Alunos

Este questionário irá colocar-te algumas questões relativamente às tuas relações com os outros. Por favor responde o mais verdadeiramente possível.

Grupo I)

- 1) Sexo
 - a) Masculino;
 - b) Feminino.

- 2) Idade ____

- 3) Tenho/tive animais de estimação:
 - a) Sim;
 - b) Não.

- 4) Que eram/são _____.

- 5) Vivo com _____.

Os próximos grupos de questões servem para perceber como é a tua relação com as pessoas que te rodeiam. Selecciona apenas uma das opções fazendo um círculo à volta daquela que mais se adequa com a tua opinião.

Grupo II

6) Tenho sempre cuidado para não ferir os sentimentos dos outros.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

7) Não sinto necessidade de pedir desculpa quando a culpa não é minha.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

8) É agradável ter algum tempo só para mim.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

9) Fico chateado(a) quando vejo alguém a fazer mal a um animal.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

10) Quando os meus pais se zangam comigo fico chateado(a)/triste.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

11) Ajudar os outros faz-me sentir bem.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

12) Se tiver boa nota num teste/ficha é porque estudei, e não porque tive sorte.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

13) Fico triste por ver alguns dos meus colegas a ser maltratados na escola.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

14) Acho muito bonito quando os donos dão mimos e brincam com os seus animais de estimação.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

15) É incorreto pontapear o meu animal se ele me desobedecer.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

16) Se o dia me correr mal não posso chegar a casa e descarregar a raiva no meu animal.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

17) A melhor forma de resolver conflitos é através do diálogo e não com uso de violência.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

18) Ajudaria um cão/cachorro que visse perdido na rua a precisar de ajuda.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

19) Quando vejo alguém a precisar de ajuda sinto vontade de ajudar.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

20) Não costumo ter dificuldade em expressar os meus sentimentos sem recorrer à violência.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

21) Os meus pais nunca me ralharam porque bati num colega.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

22) Mesmo que alguém agrida outra pessoa e no final peça desculpa isso não significa que esse ato não seja errado.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

23) Sinto-me tão inteligente e capaz como os meus colegas.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

24) Se alguém me provocar para lutar eu vou sempre tentar manter a calma.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

25) Nos últimos 12 meses não me envolvi em nenhuma luta ou conflito.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

26) Nos últimos 12 meses não maltratei, nem pensei em maltratar um animal.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

27) Fico triste quando vejo um animal velho e indefeso.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

28) Costumo conseguir o que quero sem recorrer à força.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

29) Não acho que os meus pais sejam violentos.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

30) Se estiver a acontecer uma discussão violenta entre namorados deve intervir-se.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

31) Não sou obrigado(a) a fazer o que os outros querem.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

32) Se estiver em grupo e todos tiverem uma opinião diferente da minha não devo de me calar só porque estou em minoria.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

33) Os meus amigos gostam de mim.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

34) Sinto que os meus pais gostam de mim e me dão todo o amor que preciso.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

35) Gosto de mim.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

36) Os meus animais gostam de mim.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

37) Gosto de ver pessoas a abrir presentes mesmo que eu não tenha nenhum para abrir.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

38) Tenho facilidade em fazer amigos.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

39) Se tiver um problema na escola posso contar com os meus pais para me ajudarem.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

40) A minha família não apoiaria os meus comportamentos agressivos mesmo que alguém me tivesse batido primeiro.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

41) Fico triste por ver um animal sozinho numa jaula.



Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

42) Os meus colegas dão-me o carinho/atenção que eu preciso.









Não concordo nada; Não concordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo muito.

Anexo 10: Questionário Avaliação de Cada Sessão (Alunos)

As questões abaixo procuram perceber qual foi o teu nível de satisfação em relação à sessão de hoje. Por favor faz um círculo à volta da opção que estiver mais de acordo com a tua opinião. O questionário é anónimo.

A escala de resposta serão os já teu conhecidos *Thumbs Up*, cuja representação na escala será: “Discordo totalmente”, “Discordo”, “Não concordo nem discordo”, “Concordo”, “Concordo totalmente”, da esquerda para a direita, respetivamente.







1) Sexo: a) Masculino b) Feminino	
2) Idade _____	
3) A sessão foi útil e interessante	
4) Fiquei a saber mais coisas graças a esta sessão.	
5) Esta sessão mudou a minha forma de ver algumas coisas.	
6) Senti-me confortável durante a sessão.	
7) Sinto que a sessão ajudou a turma a dar-se melhor.	
8) Gostei do trabalho dos Professores convidados.	
9) O que gostaste mais na sessão de hoje?	

Lado a Lado: Programa de Intervenção em Maus-Tratos contra Animais Como Forma de Prevenção de
Violência Interpessoal

10) Gostavas de fazer alguma sugestão? Está à vontade :)

Anexo 11: Questionário Avaliação Geral do Programa (Alunos)

O presente questionário pretende perceber qual o teu nível de satisfação relativamente ao programa que foi aplicado ao longo de todos estes meses. Por favor faz um ciclo à volta da opção que estiver mais de acordo com a tua opinião. O questionário é anónimo.

1. Sexo: a) Masculino b) Feminino	
2. Idade: _____	
3. Gostaste do que foi falado ao longo destes meses de sessões.	
4. Sentes que ficaste a saber mais sobre os temas que foram falados.	
5. O teu ponto de vista e/ou opinião foram mudando ao longo do tempo em relação a alguns dos temas.	
6. Gostaste das atividades e das sessões.	
7. Achas que estas sessões ajudaram a que os elementos da turma se aproximassem um pouco mais.	
8. Gostaste dos Professores convidados.	
9. O que mais gostaste ao longo destas semanas?	

9. Tens alguma sugestão? E mensagem para nós? :)

Anexo 12: Questionário Avaliação do Programa (Professores)

O presente questionário pretende analisar qual o nível de satisfação relativamente ao programa que foi aplicada nestas últimas semanas. Por favor, selecione a opção que mais estiver de acordo com a sua opinião.

1. Nome:	
2. Instituição:	
3. A duração do programa foi apropriada.	1 2 3 4 5
4. O tempo de cada sessão foi apropriado.	1 2 3 4 5
5. As atividades foram apropriadas.	1 2 3 4 5
6. O ambiente das sessões e participação dos alunos nas mesmas foram adequados.	1 2 3 4 5
7. Os alunos mostraram interesse.	1 2 3 4 5
8. O conteúdo do programa foi apropriado.	1 2 3 4 5
9. A forma como o programa foi implementado foi apropriada.	1 2 3 4 5
10. O espaço de aplicação foi o mais apropriado para o programa em causa. Por exemplo, teria tido melhores resultados se tivesse sido aplicado num espaço de ATL.	1 2 3 4 5
11. Os alunos participaram nas sessões.	1 2 3 4 5
12. A metodologia de ensino foi a apropriada tendo em consideração o conteúdo do programa.	1 2 3 4 5
13. O programa mostra resultados.	1 2 3 4 5
14. O programa é útil.	1 2 3 4 5
15. O programa ajudou a melhorar o ambiente de sala de aula.	1 2 3 4 5

16. Por favor faça uma breve avaliação escrita do programa. Pode abordar qualquer tópico, desde conteúdo, à forma de implementação, à equipa, etc. A sua opinião é importante.